



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ALEXANDRE PETRY

**"QUEM PASSA PELA ANÁLISE DO DISCURSO NÃO SAI ILESO": DISPOSITIVO
DE PRODUÇÃO DO SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO**

**CHAPECÓ
2021**

ALEXANDRE PETRY

**"QUEM PASSA PELA ANÁLISE DO DISCURSO NÃO SAI ILESO": DISPOSITIVO
DE PRODUÇÃO DO SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Profa. Dra. Angela Derlise Stübe.

CHAPECÓ
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E

Centro, Chapecó, SC – Brasil

Caixa Postal 181

CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Petry, Alexandre

"QUEM PASSA PELA ANÁLISE DO DISCURSO NÃO SAI ILESO":
DISPOSITIVO DE PRODUÇÃO DO SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO
/ Alexandre Petry. -- 2021.

111 f.

Orientadora: Doutora Angela Derlise Stübe

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2021.

1. Análise de discurso. 2. Dispositivo. 3. Sujeito.
4. Ideologia. 5. Analista de discurso. I. Stübe, Angela
Derlise, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

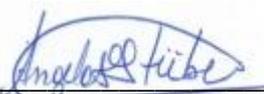
ALEXANDRE PETRY

**"QUEM PASSA PELA ANÁLISE DO DISCURSO NÃO SAI ILESO": DISPOSITIVO
DE PRODUÇÃO DO SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO**

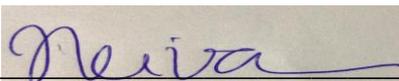
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Profa. Dra. Angela Derlise Stübe.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca examinadora em 21/10/2021.

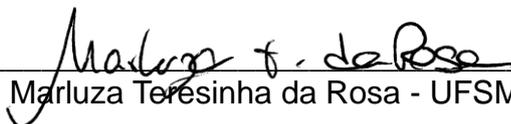
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Angela Derlise Stübe - UFFS
Orientadora



Mary Neiva Surdi da Luz - UFFS
Avaliadora



Marluza Teresinha da Rosa - UFSM

Dedicado a Irineu Petry.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha professora e orientadora, Professora Doutora Angela Stübe, o acolhimento e apoio, desde o início do meu desejo em querer realizar este mestrado até sua finalização. Agradeço as leituras, correções, sugestões e pontuações que foram cruciais para a elaboração deste trabalho.

Agradeço às professoras da banca, à professora Mary Neiva Surdi da Luz e à professora Marluza Teresinha da Rosa. Obrigado por aceitarem fazer parte tanto de minha banca de qualificação quanto de dissertação, tendo contribuído tanto para o aprimoramento deste trabalho.

Agradeço aos professores do PPGEL, que me ensinaram tanto! Em especial, agradeço aos professores Eric Duarte Ferreira e Ubi Garcia Vieira. Obrigado pelos ensinamentos voltados à ideologia, ao discurso e ao sujeito.

Agradeço aos colegas analistas de discurso que se propuseram e se voluntariaram, com muita coragem, a participar da pesquisa.

Agradeço a Tamiris a revisão e a leitura minuciosa deste trabalho.

Agradeço à UFFS. Obrigado por lutar, em momentos tão sombrios, pela educação no Brasil. Sem essa universidade, o meu sonho de realizar um mestrado não teria sido possível.

Agradeço à minha família o apoio e incentivo. Agradeço em especial à minha esposa, Luana. Obrigado por sempre estar ao meu lado, por me apoiar e me ajudar nesta luta e em tantas outras. Sem você, o meu mundo fica cinza.

Agradeço aos amigos que fiz no PPGEL, em especial à colega Maruana, e ao meu amigo desde a graduação, Luan. Obrigado pelo coleguismo, pela troca de ideias e apoio em palavras.

Agradeço à minha analista, Lia, que é testemunha de minha jornada.

É de meus analisandos que aprendo tudo,
que aprendo o que é a psicanálise.
Jacques Lacan

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) na linha de pesquisa *Práticas Discursivas e Subjetividades*. O objetivo da pesquisa foi analisar a constituição do analista de discurso, pensando nas possíveis formações discursivas que interpelam os sujeitos que recorrem à análise de discurso como dispositivo teórico-analítico. Para a efetivação da pesquisa, foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados com indivíduos que mobilizaram em sua dissertação de mestrado a análise de discurso pecheutiana/francesa como dispositivo teórico-analítico. As entrevistas tiveram como foco a compreensão dos processos de identificação em relação à constituição do analista de discurso, permitindo reflexões sobre a identificação do sujeito analista de discurso com a análise de discurso e em relação ao sujeito analista implicado no dispositivo teórico-analítico. Para a realização da pesquisa, foi mobilizado o dispositivo teórico-analítico da análise de discurso francesa, ou pecheutiana, mobilizando a partir dela as noções de sujeito em Althusser, Lacan e em Pêcheux, bem como as articulações entre a linguagem em psicanálise lacaniana e em Saussure. Constatou-se a aparição de um sujeito analista de discurso, que é colocado em ação de variadas maneiras frente ao seu dispositivo. Pensa-se que a constituição desse sujeito analista de discurso ocorre diante do fato de que a análise de discurso opera como dispositivo, produzindo sujeitos. A partir disso, o sujeito analista de discurso passa a mobilizar e a realizar uma leitura do seu meio a partir das noções propostas pela análise de discurso, de forma a reconhecer os elementos da ideologia e do inconsciente na realidade e nos discursos. Todavia, esse sujeito analista de discurso, assim como todo sujeito, é cindido, clivado, não reconhecendo o seu lugar e suas influências nem os efeitos da análise de discurso nele. Além disso, considera-se que o sujeito analista de discurso passa por um processo de desidentificação com o seu discurso dominante. Esses elementos tornam-se importantes para se pensar a função e noção de dispositivo da análise de discurso, bem como seus limites e efeitos de sentido.

Palavras-chave: Análise de discurso; Dispositivo; Sujeito; Ideologia; Analista de discurso.

ABSTRACT

This research was carried out in the Postgraduate Program in Linguistic Studies at the Federal University of Fronteira Sul (UFFS) in the research line Discursive Practices and Subjectivities. The objective of the research was to analyze the constitution of the discourse analyst, considering the possible discursive formations that challenge subjects who resort to discourse analysis as a theoretical-analytical device. To carry out the research, interviews were conducted using semi-structured scripts with individuals who used Pecheutian/French discourse analysis as a theoretical-analytical device in their master's thesis. The interviews focused on understanding the identification processes in relation to the constitution of the discourse analyst, allowing reflections on the identification of the discourse analyst subject with the discourse analysis and in relation to the analyst subject involved in the theoretical-analytical device. To carry out the research, the theoretical-analytical device of French or Pecheutian discourse analysis was mobilized, mobilizing from it the notions of subject in Althusser, Lacan and Pêcheux, as well as the articulations between language in Lacanian psychoanalysis and in Saussure. It was verified the appearance of a discourse analyst subject, who is put into action in different ways in front of his device. It is thought that the constitution of this discourse analyst subject occurs in view of the fact that discourse analysis operates as a device, producing subjects. From this, the discourse analyst subject starts to mobilize and carry out a reading of his environment from the notions proposed by the discourse analysis, in order to recognize the elements of ideology and the unconscious in reality and in the discourses. However, this discourse analyst subject, like every subject, is split, cleaved, not recognizing its place and its influences or the effects of discourse analysis on it. Furthermore, it is considered that the discourse analyst subject goes through a process of disidentification with his dominant discourse. These elements become important for thinking about the function and notion of device in discourse analysis, as well as its limits and meaning effects.

Keywords: Discourse analysis; Device; Subject; Ideology; Speech analyst.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Conceito e Separação do Signo.....	32
Figura 2 - Efeitos de Dois Sentidos em um Significante.....	36
Figura 3 - Primeiro Modelo do Grafo do Desejo.....	42
Figura 4 - Esquema L.....	44
Figura 5 - Esquema L.....	52
Figura 6 - Banda de Moebius.....	67

LISTA DE SÍMBOLOS DE TRANSCRIÇÕES

/ – pausa curta.

// – pausa longa.

[inc.] – incompreensível.

[] – comentário e/ou interferência do pesquisador.

[...] – supressão de determinado trecho da fala do entrevistado.

Texto em Negrito – ênfase do pesquisador.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2.0	A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	26
2.1	DE SAUSSURE PARA LACAN, DE LACAN PARA PÊCHEUX.....	30
2.1.1	Saussure e a proposta referente à linguística.....	31
2.1.2	A linguagem em psicanálise lacaniana.....	33
2.1.3	Linguagem em Pêcheux.....	37
2.2	SUJEITO EM PSICANÁLISE.....	38
2.3.	IDEOLOGIA DOS SUJEITOS EM ALTHUSSER E LACAN.....	46
2.4	DESDOBRAMENTOS.....	49
2.5	OS ANALISTAS DE DISCURSO.....	59
3.0	(DES)CONHECIMENTO DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	63
3.1	O ENCONTRO COM A ANÁLISE DE DISCURSO.....	63
3.2	O EFEITO DO DISCURSO NO SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO.....	71
3.3	O SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO INSCRITO E ESCRITO NO DISCURSO.....	80
3.4	O SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO NA ANÁLISE DE DISCURSO.....	83
4.0	CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO ANALISTA DE DISCURSO.....	85
4.1	COMO SE IDENTIFICA O SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO?.....	90
4.2	A ANÁLISE DE DISCURSO COMO DISPOSITIVO.....	94
5.0	AINDA MAIS.....	99
	REFERÊNCIAS.....	104
	APÊNDICES A – Questionário.....	108
	APÊNDICES B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	109

1. INTRODUÇÃO

A análise de discurso é um dispositivo teórico-analítico criado com o objetivo de analisar como os discursos articulam relações de poder de forma ideológica e inconsciente. A análise de discurso pecheutiana, ou análise de discurso francesa, teve o seu início na França, com seu principal autor, Michel Pêcheux, sendo trazida de tal país por um conjunto de autores brasileiros, liderados especialmente por Eni Orlandi, que teve momentos de contato, inclusive direto, com o autor do dispositivo (ORLANDI, 2005).

A análise de discurso se funda como uma disciplina que se inter-relaciona com a psicanálise, o materialismo histórico e a linguística, sendo reconhecida justamente como uma disciplina de entremeio, isto é, uma disciplina que se articula mediante outras disciplinas, fundando-se nesse enlaçamento de possíveis conceitos. Ela não está submetida a nenhuma dessas três disciplinas, apesar de as mobilizar como referência para o seu desenvolvimento e organização teórico-analítica (ORLANDI, 2005). Seu foco visa a estudar o discurso em suas mais variadas possibilidades, haja vista que o discurso não é reduzido apenas em falas: são ditos e dizeres que são produzidos em seu meio, e que produzem sentidos mesmo que o seu enunciador não os reconheça de tal forma.

Conforme Orlandi (2005), o discurso se refere a uma construção da realidade do sujeito, uma leitura ou prisma que faz com que ocorram processos de identificação, alienação e até mesmo aversão do sujeito diante de algum objeto ou de outro discurso. Assim, o discurso não se refere à fala de um único sentido possível em sua elaboração, mas se constitui como uma grande variedade de possibilidades de formas que levam os indivíduos a serem interpelados pela ideologia e pelo inconsciente, dizendo e se referindo em seu discurso a muito mais do que está sendo dito em primeira camada (ORLANDI, 2005).

A análise de discurso tem realizado constantes provocações relacionadas a questionamentos ligados a analisar discursos, subjetividades e identificações nos variados espaços de transição dos sujeitos na contemporaneidade. Criada por Pêcheux para investigar o discurso político no Brasil, a análise de discurso ganhou outros contornos para além de sua ideia original. A partir das contribuições de Eni Orlandi e de outros autores, a abordagem se voltou também para investigar discursos em variados campos: dentro das instituições sociais e públicas, no desenvolvimento de leituras ligadas à comunicação, possíveis discursos entre as línguas, entre outros exemplos. Assim, a

análise *do* discurso político ganhou contornos para se dizer análise *de* discurso, em seus variados contextos possíveis (ORLANDI, 2005).

Apesar de existir um acentuado crescimento de estudos ligados à área da análise de discurso como dispositivo teórico-analítico e uma práxis derivada para vários discursos em vários campos, tanto como método quanto como estrutura de leitura de tais componentes, o que se destaca muitas vezes, conforme Ernst-Pereira e Mutti (2011), é uma acentuada carência de pesquisas no Brasil sobre o analista de discurso, isto é, a denominação do autor que realiza pesquisas com tal dispositivo.

Embora existam relatos e pesquisas sobre a função do analista de discurso – e um reflexo muito grande do papel do autor fundador de tal dispositivo, Michel Pêcheux, visando a refletir sobre como ele pensava o discurso em si –, é pertinente questionar o papel do analista de discurso em relação à constituição com tal dispositivo, desde seu encontro com o dispositivo até os impasses, trajetos, desafios e leituras que o analista faz sobre o seu campo de atuação e práxis. Com isso, propõe-se, nesta pesquisa, não apenas estudar a análise de discurso, no que tange a sua constituição, mas também compreender como a análise de discurso constitui os sujeitos analistas de discurso que a mobilizam como possibilidade de teorização e análise de discursos.

Nesses termos, o presente trabalho tem como objetivo analisar a constituição do analista de discurso, pensando nas possíveis formações discursivas que interpelam os sujeitos que recorrem à análise de discurso como dispositivo teórico-analítico. Para tanto, foram realizadas entrevistas com roteiros semiestruturados com indivíduos que mobilizaram em sua dissertação de mestrado, defendida especificamente no ano de 2019, a análise de discurso pecheutiana/francesa como dispositivo teórico-analítico. As entrevistas focalizaram a compreensão dos processos de identificação em relação à constituição do analista de discurso, permitindo reflexões sobre a identificação do sujeito analista de discurso com a análise de discurso e em relação ao sujeito analista implicado no dispositivo teórico-analítico.

Nesses termos, visou-se a entender as formações discursivas que se articulam e atuam na própria análise de discurso, que interpela tais sujeitos, para se pensar como tais articulações favorecem ou desfavorecem leituras e análises sobre o discurso em seus mais variados contextos, particularmente, no contexto em que tais acadêmicos a encontraram em suas dissertações. Ressalta-se, com Orlandi (2005), que o analista de discurso também é um agente dos processos discursivos, não podendo se separar da

análise de discurso justamente porque ele é quem promove a abordagem. Com isso, sublinha-se a importância e relevância de estudos direcionados aos discursos, uma vez que no aparato teórico-metodológico em questão o sujeito analista de discurso se encontra na análise de discurso.

Com a temática proposta, este trabalho integra o projeto *Ser-estar-entre-línguas-culturas: língua, identidade e formação de professores*, de Angela Derlise Stübe (2018-2022), que tem como objetivo investigar traços de identificação que permitem compreender as constituições dos sujeitos na e pela linguagem, em decorrência do estar entre línguas-culturas e grupos identitários que transitam pela linguagem. Os pressupostos teórico-metodológicos desse projeto tem base na análise de discurso de orientação pecheutiana. Assim, esta pesquisa se vincula ao projeto mencionado em decorrência dos estudos associados à constituição de sujeito e da análise de discurso, que promovem o desenvolvimento e aprofundamento de tal temática na análise de discurso e nas relações intersubjetivas.

Os benefícios da presente dissertação são aprofundar o material teórico-analítico da análise de discurso, ampliando as possibilidades de construção de materiais relacionados a tal dispositivo. Além disso, promoveu-se aos participantes a oportunidade de fazerem (re)leituras de suas experiências acadêmicas, no que tange à análise de discurso, permitindo ao sujeito analista de discurso uma possibilidade de ver novas fronteiras e caminhos para o seu trabalho, refinando suas compreensões sobre a sua própria leitura e sobre a análise de discurso.

Este trabalho surgiu das dúvidas e questionamentos do pesquisador frente aos desafios e de sua jornada durante a sua dissertação de mestrado, desde o seu início, com o seu projeto de pesquisa e o impacto da relação entre a análise de discurso e os seus pesquisadores, pensando nas formas em que este dispositivo mobiliza aqueles que tem contato com o mesmo. Frente a isso o pesquisador se sentiu instigado a questionar quais aspectos e articulações a análise de discurso fomentava em seus participantes para que se pudesse refletir em si mesmo a sua relação com a análise de discurso. Os resultados e descobertas feitas durante esse processo são apresentados na presente dissertação com o destaque das percepções do pesquisador no último capítulo da dissertação.

A pergunta de pesquisa que norteia esta dissertação é: como se dá a constituição do sujeito analista de discurso? Esse questionamento provoca pensar sobre o processo

de constituição de tais sujeitos analistas de discurso, e leva à compreensão de como se pode definir um analista de discurso.

Para realizar a presente investigação, foram incluídos dentro do campo acadêmico das Ciências da Linguagem os mestrados autointitulados com tal nomenclatura, mas também de áreas similares e afins, como os mestrados acadêmicos em Letras, Linguística, Linguística Aplicada e Estudos Linguísticos. No que diz respeito à seleção dos participantes, foram escolhidos mestres em decorrência do fato de que é no mestrado que os indivíduos iniciam seus conhecimentos teórico-metodológicos mais específicos e aprofundam esses conhecimentos, especificamente para esta dissertação, ligados à análise de discurso.

Além disso, porque o mestrado é o momento em que, de fato, podem realizar pesquisas com esse dispositivo teórico-analítico. É no mestrado que são apresentados os elementos centrais e fundamentais da análise de discurso, bem como esse é o momento de possível identificação e reconhecimento dos processos envolvendo os aparatos da análise de discurso como dispositivo teórico-analítico.

Ademais, é no mestrado que o acadêmico desenvolve sua práxis voltada a estudar e analisar de forma mais aprofundada os materiais ligados à análise de discurso e à efetivação do seu trabalho por meio de sua práxis, destinando um período aproximado de dois anos para estudar e pesquisar a análise de discurso. Isso se mostrou também efetivo no próprio relato dos entrevistados, que pontuam que foi na pós-graduação que efetivamente puderam ter contato com o campo da análise de discurso. Destaca-se esse recorte como pertinente também pelos interesses dos autores da presente pesquisa, pois, para realizarem esta investigação, atravessaram o período acadêmico do mestrado, partindo de suas próprias experiências para produzir futuras relações com o trabalho.

Este trabalho foi pensado de forma a apresentar inicialmente a fundamentação teórica mobilizada para a aplicação da pesquisa. Posteriormente, os capítulos subsequentes são trabalhados a partir das discussões do material teórico apresentado com o material de *corpus* do trabalho. Assim, inicia-se a partir da apresentação e discussão da fundamentação teórica para prosseguir em direção às discussões dos materiais encontrados e suas considerações.

No que diz respeito à organização deste texto, nesta introdução, são arrolados o tema, os objetivos, a pergunta de pesquisa, bem como se apresenta o material e a metodologia mobilizada para a realização da pesquisa. Discorre-se sobre os elementos

utilizados para a seleção, filtragem e participação dos entrevistados, bem como são explicitados os métodos utilizados para a demarcação e discussão dos materiais encontrados. Destaca-se, ainda, a constituição e elaboração do *corpus* de pesquisa, seus contornos gerais.

No capítulo 2, intitulado **A Teoria da Análise de Discurso**, são apresentados e desenvolvidos os alicerces da análise de discurso pecheutiana, no que tange às influências do dispositivo teórico-analítico, bem como dos alicerces e elementos referenciados que são relevantes ao estudo da constituição de sujeito. Assim, são apresentadas as questões linguísticas associadas ao estudo de Pêcheux, o inconsciente e sujeito na psicanálise lacaniana e os processos de ideologia e interpelação em Althusser.

No capítulo 3, intitulado **(Des)Conhecimento da Análise de Discurso**, são apresentadas as sequências discursivas associadas ao encontro e à apresentação que os entrevistados tiveram em relação à análise de discurso, suas surpresas, dúvidas, percepções e, principalmente, as sequências discursivas que são atreladas à produção de sentido e à produção de tais entrevistados como sujeitos.

No capítulo 4, intitulado **Considerações sobre a constituição do analista de discurso** são trabalhadas, a partir dos conceitos de identificação e dispositivo em análise de discurso, as sequências discursivas encontradas nas entrevistas ligadas às referências que os entrevistados têm sobre o que entendem como uma análise de discurso. Nesse capítulo também se discorre sobre o reconhecimento dos entrevistados sobre a análise de discurso.

Por fim, no capítulo 5, intitulado **Ainda Mais**, a partir das considerações realizadas durante a pesquisa e a partir das produções encontradas e desenvolvidas ao longo do trabalho, é realizado um conjunto de reflexões a partir da leitura das interpretações que se realizou em decorrência da teoria e do *corpus* selecionados, pensando também nos processos discursivos que os sujeitos analistas de discursos se depararam durante a produção do material da dissertação.

Foi optado por realizar inicialmente no capítulo 2 a apresentação da fundamentação teórica do trabalho, com os conceitos mobilizados em seu processo para somente após isso destacar as marcas linguísticas e falas realizadas pelos entrevistados, presentes nos capítulos 3 e 4. Essa escolha foi feita pois em decorrência da própria jornada e construção do trabalho da pesquisa, foi-se mobilizando determinados conceitos,

ideias e percepções durante toda a travessia e investigação da pesquisa, concluindo-a com suas considerações e ideias em seu capítulo final. Assim, foi optado por manter uma espécie de cisão entre o momento de teoria e de discussão justamente em decorrência da própria construção do trabalho de pesquisa.

O processo de investigação para seleção do arquivo abarcou programas de pós-graduação da região Sul do Brasil, abrangendo os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A região Sul foi selecionada para reduzir o escopo de abrangência dos possíveis candidatos, haja vista a vastidão de possíveis candidatos no país. Não houve distinção entre universidades particulares (privadas ou comunitárias) e públicas (federais ou estaduais). Além dessa característica, a regra principal e condição essencial foi que os pesquisadores deveriam ter mobilizado a análise de discurso pecheutiana como dispositivo teórico-analítico de suas dissertações defendidas no ano de 2019. Para filtrar os possíveis candidatos à entrevista, e, conseqüentemente, ao *corpus* de investigação, foi realizada a seguinte série de etapas de investigação:

1. Inicialmente, foi feita uma pesquisa exploratória nos programas de pós-graduação da região do Sul do país por meio da plataforma de organização e coleta de dados “Sucupira”, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Buscou-se quais instituições e programas de pós-graduação existem no nível de mestrado acadêmico nas áreas de Linguística, Ciências da Linguagem, Letras e/ou Literatura. Após isso, foi investigado nos programas de pós-graduação quais deles possuem, em suas linhas de pesquisa, menções à análise de discurso pecheutiana; ou interesses relacionados à área. Para tanto, nas descrições das linhas de pesquisa dos programas, foram buscadas as seguintes palavras-chaves: Análise do Discurso Francesa, Análise de Discurso Francesa, Análise de Discurso Pecheutiana, Análise de Discurso, Pêcheux, Subjetividade, Perspectiva Discursiva, Prática Discursiva, Discurso.

2. Após a localização de tais programas, foi realizada uma análise nas dissertações de mestrado defendidas em 2019 e publicadas por tais programas. A partir dos resumos disponibilizados on-line, foi realizado um filtro para identificar os acadêmicos que mobilizaram na produção da sua dissertação de mestrado a análise de discurso pecheutiana como dispositivo teórico-analítico. Para realizar tal busca, foram pesquisadas as seguintes palavras-chaves nos resumos das dissertações: Análise de Discurso Francesa, Análise do Discurso Francesa, Análise de Discurso Franco-Brasileira,

Perspectiva Discursiva de Orientação Francesa, Análise do Discurso, Pêcheux, Pecheutiana.

3. Após a seleção dos possíveis candidatos às entrevistas, buscou-se o perfil do Currículo Lattes de cada um. Assim, foi realizado contato a partir do endereço de e-mail disponibilizado nessa plataforma, convidando os autores para participarem da entrevista de forma voluntária, com roteiro semiestruturado. Foi explanado nesse e-mail a estrutura geral da pesquisa, seu foco, roteiro e os objetivos das entrevistas, ressaltando a adesão voluntária, o sigilo com o entrevistado e a aprovação da realização da investigação, formalizada na Plataforma Brasil, e autorizada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS (5564), com o registro CAAE 37748620.0.0000.5564.

4. A expectativa era de um número mínimo de quatro entrevistados para realizar o *corpus* do material de pesquisa, sendo que, considerando que a entrevista parte de uma adesão voluntária, seria realizada com os seis primeiros convidados que respondessem ao e-mail de convite. O prazo para a resposta do e-mail de convite foi de 45 dias. Caso os convidados para a pesquisa ultrapassem o número de seis participantes ou ocorressem respostas após o prazo de 45 dias, seriam considerados apenas os seis primeiros que respondessem dentro do prazo. Delimitou-se um grupo de quatro a seis entrevistados a partir da hipótese de que esse é um número considerável e médio, com base em pesquisas qualitativas por meio de entrevistas.

5. As entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio de recursos de vídeo e áudio, por meio da plataforma *Zoom*, sendo gravadas mediante termo de consentimento livre e esclarecido, assinado pelo pesquisador e pelo pesquisado. Essas entrevistas foram transcritas e armazenadas na Universidade Federal da Fronteira Sul, especificamente no Fronteiras: Laboratório de Estudos do Discurso, localizado na Rodovia SC 484 Km 02, Bloco B, Sala 404, Bairro Fronteira Sul, CEP 89815-899, em Chapecó, Santa Catarina. As entrevistas serão armazenadas por um prazo mínimo de cinco anos, no acervo pertencente ao Grupo de pesquisa “Língua(gem), discurso e subjetividade”, com o propósito de ficarem disponíveis para acesso dos pesquisadores que nele atuam. Os dados pessoais dos entrevistados serão ocultados, sendo utilizados nomes fictícios para preservar suas identidades.

Na seleção dos participantes, os critérios de inclusão e participação exigiam que:

a) O entrevistado precisaria ter defendido seu mestrado em 2019, em um programa de pós-graduação da região Sul do Brasil, independentemente de a instituição ser pública

ou privada, nas áreas de Linguística, Ciências da Linguagem, Letras e/ou Literatura. Além disso, o programa de pós-graduação de participação do entrevistado deveria ter ao menos uma linha de pesquisa com interesse na análise de discurso pecheutiana;

b) O entrevistado precisaria ter mobilizado a análise de discurso pecheutiana como dispositivo teórico-analítico principal em sua pesquisa; e

c) O entrevistado precisaria ter adesão voluntária para participar.

Foram excluídos da triagem todos os possíveis candidatos que não puderam atender a esses três critérios de seleção.

Assim, foram encontradas vinte e duas dissertações de mestrado que se encaixavam no perfil e no filtro realizados para a presente pesquisa. Salienta-se que várias instituições de ensino possuíam linhas de pesquisa que mobilizavam a análise de discurso pecheutiana; todavia, não possuíam, na data de realização da pesquisa, publicações de dissertações defendidas em 2019.

Foram encaminhados convites para todos os vinte e dois possíveis participantes por meio da Plataforma Lattes, com e-mail sobre as orientações referentes à sua participação na pesquisa, como organização de horários, agenda e a temática que seria questionada. Após o encaminhamento do contato, seis (6) possíveis candidatos retornaram e-mail e se apresentaram como disponíveis para realização da pesquisa. Dos seis possíveis candidatos participantes foram realizadas cinco entrevistas, sendo a sexta entrevista não realizada em decorrência de que já se havia encontrado material suficiente para a realização da pesquisa. As cinco entrevistas foram transcritas e tiveram a eleição de suas sequências discursivas adicionadas ao corpo do trabalho, sendo portanto, consideradas a partir de então o corpus do presente trabalho. Foram agendadas e gravadas as entrevistas de forma individual, posteriormente sendo transcritas para a utilização nesta investigação.

Tendo tudo isso em vista, os objetivos específicos deste trabalho foram:

- I. Discutir efeitos de sentido e de subjetivação dos seus discursos sobre a trajetória de (des)conhecimento e descoberta desse dispositivo teórico-analítico;
- II. Investigar como ocorrem os processos de constituição e identificação do analista de discurso durante a elaboração de sua dissertação de mestrado;
- III. Investigar as diferenças que esse analista de discurso reconhece ou não a respeito daquilo que não representaria um trabalho com a análise de discurso; e

IV. Averiguar como se transcorre e desenvolve a relação do analista de discurso com os seus pares durante a sua trajetória de elaboração de pesquisa.

O roteiro semiestruturado, correspondente ao Anexo A, teve como objetivo possibilitar e fomentar a busca por formações discursivas associadas aos objetivos da pesquisa, de forma a se identificar possíveis recortes discursivos para serem mobilizados junto com o dispositivo teórico-analítico como objetos de interpretação. Destaca-se que, a partir de tais recortes, é que é possível pensar nas formações discursivas encontradas para a elaboração do trabalho teórico-analítico da análise de discurso.

Os riscos referentes a este trabalho consistiram na possibilidade de que poderiam surgir no decorrer da entrevista, de forma espontânea e involuntária, materiais sensíveis e pessoais da história dos entrevistados, considerando que o período da pós-graduação é feito muitas vezes de momentos de intensa dedicação e de investimento de tempo, interesse, expectativas e outras emoções e afetos. Por esse motivo, as entrevistas foram agendadas previamente, sendo explanados, tanto via e-mail quanto antes do início da entrevista, os seus propósitos. Além disso, foi também esclarecido aos entrevistados que a entrevista poderia ser interrompida a qualquer momento, caso o entrevistado não se sentisse confortável com os materiais apresentados.

Nesse sentido, foi explicado que havia a possibilidade de dar continuidade em outro momento; ou, se o entrevistado preferisse, poderia exigir a redução, interrupção ou a exclusão da sua participação. O entrevistado também poderia se recusar a responder a qualquer uma das perguntas mencionadas, uma vez que sua participação é voluntária, portanto, não seria forçado de forma alguma a responder a nada que não quisesse.

Sobre as perguntas, elas tiveram o propósito de ser elaboradas de forma clara e de fácil compreensão, não tendo em sua estrutura caráter de intimidação, invasão da privacidade, vergonha ou preconceitos. Além disso, considerando que o pesquisador possui sólida experiência na área de psicologia clínica, caso reconhecesse que alguma das perguntas estivesse causando desconforto ou se mostrasse problemática para o entrevistado, o pesquisador poderia também buscar a interrupção ou a exclusão da entrevista. De toda forma, destacou-se que, mesmo após a realização da entrevista, a qualquer momento da elaboração da pesquisa, o entrevistado poderia exigir a exclusão de sua participação.

Na perspectiva adotada neste trabalho, é impossível realizar a presente pesquisa sem mobilizar o próprio método da análise de discurso. Portanto, como referencial,

recorreu-se à análise de discurso influenciada por Michel Pêcheux, para investigar as produções de saber e de conhecimento relacionadas à análise de discurso. Assim, após a coleta das entrevistas, a discussão de tais entrevistas teve como foco as produções de novos sentidos, buscando compreender, tal como Orlandi aponta (2005), a língua fazendo sentido e produzindo novos sujeitos.

Para realizar as discussões, reflexões e análises referentes às entrevistas foram mobilizadas as produções teóricas de Michel Pêcheux (1997) sobre a constituição do discurso e da análise de discurso, bem como produções e aportes que a psicanálise propõe para tal dispositivo teórico-analítico, isto é, referencial sobre as formações inconscientes e produções discursivas que impactam a identificação e o assujeitamento do indivíduo, transformando-o em sujeito. Para tal, destacam-se também os trabalhos de Freud e de Lacan sobre a constituição e formalização do inconsciente e do sujeito, bem como os trabalhos de Orlandi (2005) sobre o discurso. Com isso, visou-se a guiar em tal pesquisa a produção dos materiais das entrevistas, pensando em se investigar quais dispositivos podem ser mobilizados também para se fomentar reflexões sobre os discursos produzidos pelos entrevistados.

Conforme Orlandi (2005), é tarefa de cada sujeito analista de discurso que mobiliza a análise de discurso como dispositivo teórico-analítico produzir a sua própria pesquisa e seleção do *corpus*, sendo que o *corpus* é definido como os elementos utilizados para a realização da pesquisa em análise de discurso, isto é, a seleção feita pelo pesquisador do material investigado. Assim, o *corpus* pode ser um texto, uma frase, um discurso, um ato, movimento etc. Ele é o resultado de um arquivo, de um material previamente selecionado. É a partir desse *corpus* pré-delimitado que o sujeito analista de discurso irá se debruçar para realizar a investigação de possíveis formações discursivas, sendo que as formações discursivas são “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito*” (ORLANDI, 1997, p. 160).

Assim, Orlandi (1997) destaca que o trabalho de recorte e seleção de materiais para a pesquisa já faz parte do gesto de interpretação do analista, haja vista que a posição do analista não é de neutralidade, mas sim de relativização do analista em relação ao seu dispositivo. Marquezan (2009) reitera tal afirmativa, ressaltando que a constituição do *corpus* já é um trabalho de análise, uma vez que justamente o analista já está considerando determinadas propriedades do discurso para a realização do seu trabalho.

Scherer (2002) afirma que:

[...] a construção do *corpus* requer recortes que são da ordem de gestos de leitura, por consequência, da singularidade do sujeito pesquisador; recortar requer ler, descrever e interpretar; [...] a interpretação deve inaugurar novos sentidos, pois ela promove novas informações graças aos elementos de confirmação ou não das perguntas iniciais. Ela abre, geralmente, para novos gestos interpretativos (SHERER, 2002, p. 16).

Assim, ao realizar buscas e seleções em relação a um específico material, o analista de discurso já está realizando gestos de interpretação que o levam a pensar a partir de alguns elementos do *corpus*. Quando o analista mobiliza certos materiais para a reflexão e produção de sua pesquisa, seleciona determinadas teorias para a reflexão, considerando que existe uma gama de possibilidades, de autores e de teorias, e com isso direciona a sua análise para um caminho estipulado. Nesse ato, acaba por produzir, destacar e enfatizar temas, sentidos e, principalmente, discursos.

Assim sendo, antes mesmo de realizar discussões e produzir resultados, o pesquisador está realizando atos interpretativos. O ato interpretativo na análise de discurso propõe que o pesquisador está implicado em sua pesquisa desde a sua concepção imaginária. Os caminhos percorridos e que efeitos são encontrados são consequências diretas do ato interpretativo do pesquisador.

Para a análise de discurso pecheutiana, o discurso é o campo em que a língua e a ideologia se permitem inter-relacionar, de forma que elucidam e produzem novos sujeitos (ORLANDI, 2005). Assim sendo, a linguagem proposta não é transparente, mas sempre se esconde e produz novos sentidos. É uma organização de sentidos, de construção de perspectivas a partir de uma determinada noção de realidade, de ideologia, de construção e identificação de sujeitos. O discurso, em sua operação, demarca sobre determinada forma de se dizer o que se pode e o que não se pode dizer em algum espaço e lugar, a partir de um sentido, bem como elucidam aquilo que é dito e possível de ser dito nesse discurso, isto é, aquilo que se deixa demarcado indiretamente ou com vários sentidos possíveis no discurso.

Tendo isso em vista, é importante apontar e notar quais são esses outros sentidos que a própria análise de discurso constrói em si mesma, pensando que atravessamentos e possíveis impasses podem existir no seu próprio método. A ideologia apontada por Pêcheux também deve ser notada e investigada a partir do próprio discurso do analista, para revelar algo novo. Não se trata de uma decodificação, mas sim de significação dos materiais apresentados pelos entrevistados.

É no discurso, que não se separa jamais de suas condições de produção, que é possível pensar nos sentidos que são produzidos nos sujeitos e como estes se articulam nas relações de poder e de força com a ideologia. Conforme Orlandi (2005), é na passagem do *corpus* bruto – neste caso, as entrevistas – para um objeto teórico que é possível fazer surgir o objeto discursivo a ser analisado. Ao se questionar as construções, elaborações, gestos, formas de elaboração e marcas linguísticas que se repetem e se articulam nas falas, é que há viabilidade de fazer alavancar os processos que fazem com que o discurso apareça. Nesse momento é possível efetivamente promover uma análise de discurso (ORLANDI, 2005).

Orlandi (2005) pontua que o trabalho do analista de discurso é de realizar interpretações a partir das formações discursivas produzidas, sendo que o próprio sujeito que é efeito de seu discurso faz uma interpretação específica do seu próprio discurso. Com isso, o sujeito por si só já cria um imaginário, um campo de sentido específico, para aquilo que está dizendo e acredita na possibilidade de excluir do discurso outros efeitos de sentido possíveis, provindos de outros campos, como o ideológico e o inconsciente.

O analista de discurso deve, em primeiro lugar, compreender e descrever o gesto de interpretação que tal sujeito produz sobre o seu discurso, de modo que descrição e interpretação ocorrem em alguns momentos de forma separada, em alguns momentos de forma unitária. Já o segundo passo do processo de interpretação é para Orlandi justamente o momento em que tal analista de discurso realiza uma interpretação do processo discursivo e reconhece que o analista por si só já realiza uma interpretação, estando envolvido nela e reconhecendo os aparelhos e processos ideológicos e inconscientes inerentes a tal processo. Todavia, Orlandi (2005) destaca que o trabalho do analista de discurso muito mais se volta a buscar a compreensão do discurso do que justamente sua interpretação, haja vista que a interpretação para a autora está associada à capacidade de leitura do texto, sendo que a compreensão está ligada a reconhecer e saber como o enunciado produz sentido no discurso. Logo, o analista de discurso se volta a reconhecer quais discursos estão sendo mobilizados na produção de sentidos.

Tendo em consideração tais elementos, visou-se com isso investigar nas dispersões das palavras e nas marcas linguísticas provocadas pelos entrevistados a fala dos sujeitos, para que seja possível entender o que move tais sujeitos em suas pesquisas. A constituição dos sujeitos é uma passagem de forma involuntária, pois eles

são interpelados pelo discurso. É buscando tais elementos que se pode permitir investigar as formações discursivas que marcam tais sujeitos.

Conforme Orlandi (2005), o trabalho do analista de discurso implica reconhecer os equívocos, trocas de palavras, seleção de termos, marcas linguísticas como produções que demarcam a descentralização do sujeito, a opacidade da linguagem e o caráter sempre presente da ideologia, pois são esses materiais que consistem e organizam o discurso do sujeito sem que este o reconheça. O descentramento do sujeito leva a pontuar os limites possíveis que o próprio analista de discurso precisa reconhecer, haja vista que, ao reconhecer tais fenômenos, o analista de discurso opera em seus limites: os reconhece como sendo atravessados por algo, porém atua com possíveis interpretações sobre tais travessias. Assim, o analista de discurso está no campo de entremeio; ao descrever e interpretar tais processos discursivos, é também afetado por eles.

Entretanto, Pêcheux (2012) destaca que é fundamental reconhecer que o processo de descrição das práticas de análise não antecipa o processo de interpretação, isto é, constitui-se em um fenômeno de alternância, muito mais do que supostamente uma continuidade de fases ou ainda em uma mistura indissociável delas. Assim como o discurso possui uma face de estrutura e outra de acontecimento, ao se analisar o discurso a partir de determinado *corpus*, está-se discursivamente o transformando, *reestruturando-o*, de modo que o processo discursivo de forma permanente sofre transformações.

Assim como Orlandi (2005) aponta, é responsabilidade do próprio analista de discurso reconhecer o dispositivo teórico da interpretação e o dispositivo analítico. O dispositivo teórico por si já se refere à mobilização da análise de discurso para pesquisar a si mesma. Já o dispositivo analítico é realizado a partir da seleção do próprio sujeito analista de discurso de conceitos que este mobiliza para a análise do seu *corpus*. No presente trabalho, o dispositivo analítico teve como referencial as constâncias de sujeito a partir de Lacan e Althusser, suas produções e referências com a psicanálise, o encontro do real e do inconsciente que Pêcheux propõe como possível para a análise de discurso.

Nesta investigação, foram mobilizados os conceitos emprestados do tripé de disciplinas influenciadoras da análise de discurso, em especial a ideologia e o sujeito de forma a elaborar e notar as produções necessárias e abrangentes em relação às entrevistas, que, por si só, também são resultado de produções discursivas. Ao fazer isso, já se está realizando interpretações dos processos discursivos, pois são promovidos recortes específicos dos discursos que, com outras bases, teriam recortes diferentes, ou

ainda interpretações diferentes. O trabalho de reconhecer os limites da práxis da análise de discurso é também de reconhecer que, com um mesmo discurso, é possível produzir infinitamente uma cadeia de interpretações diferentes, sendo que o real do discurso, no sentido lacaniano, apontará para o fato de que sempre há aquilo que não será possível de interpretação e de esgotamento.

2. A TEORIA DA ANÁLISE DE DISCURSO

A fundamentação apresentada neste capítulo propõe apontamentos sobre a constituição e a estrutura da análise de discurso de origem francesa, criada por Michel Pêcheux. Assim, será apresentada a definição da análise de discurso, seus conceitos, elaborações fundadoras e os principais pontos de amarração. Além disso, aborda-se a maneira como a análise de discurso vê os conceitos de sujeito e como entende o papel do analista de discurso em tal dispositivo teórico-analítico.

O foco é apresentar as características elementares da investigação em análise de discurso, bem como o papel constituinte e a relação do dispositivo teórico-analítico para com os sujeitos que se autorizam a utilizá-lo como material de leituras de discursos. Da mesma forma, dá-se ênfase às elaborações e às formações discursivas encontradas nos relatos dos entrevistados, pensando sempre nas conexões que são possíveis de serem evocadas conforme o andamento da pesquisa e das entrevistas.

A análise de discurso é um campo histórico, com forte propagação inicialmente na França, e que trabalha na investigação e análise de várias camadas das formações de discurso e suas ideologias, bem como as construções de saber direcionadas para o discurso e no discurso. O objetivo da análise de discurso é investigar e interpretar como os objetos, ditos simbólicos, isto é, carregados de derivados sentidos, articulam-se e produzem outros novos sentidos (ORLANDI, 2005).

Conforme Orlandi (2005), tal articulação é produzida e repensada de acordo com a relação de algumas correntes teóricas de pensamento, ancoradas na França, que produzem mecanismos de reflexão. Em especial, a autora aponta três tipos de pensamento:

- A psicanálise lacaniana, ao propor um retorno a conceitos-base de Freud, reformulando e apontando a influência e o papel do inconsciente na constituição do

sujeito, que é clivado e submisso ao inconsciente, repensando a estrutura e a organização do conceito de tal sujeito;

- O materialismo histórico de Marx, ao propor uma dialética entre a história por si e os mecanismos de produção e de relações com as forças de produção;

- A linguística a partir de Saussure, que promove um caráter de estrutura para a língua, concebendo elementos da língua que operam da mesma maneira independentemente da língua em que se fala. Com Saussure, é possível interrogar o método e o objeto de estudo da linguística, isto é, a língua em si.

Quando essas teorias se interconectam a partir da possibilidade viabilizada pela análise de discurso, permitem uma dupla relação: não serem engolfadas por nenhuma das três, mas também não se excluir uma diante da outra. Isto é, suas construções teóricas conseguem se sobrepor umas às outras, sem necessariamente conceder uma problemática de confusão. Conforme Michel Pêcheux (1997) destaca, o inconsciente lacaniano não coincide com a ideologia de Althusser, porém isso não implica que a ideologia não deva ser pensada sem o registro do inconsciente. As operações ideológicas e inconscientes podem ocorrer de forma mútua, haja vista que a existência e ocorrência de uma formação discursiva não implica obrigatoriamente a exclusão de outra.

Assim, a análise de discurso é uma disciplina, acima de tudo, de *entremeio*, que permite que seja investigado o discurso a partir de vários prismas. Orlandi (2005) aponta que o discurso não é simplesmente a fala, tampouco apenas uma comunicação em si entre dois agentes. O discurso também não se refere apenas àquilo que é dito por meio da palavra e da comunicação vocal, muito menos é a ideia da sonoridade. Esses sentidos são recorrentes em outras vertentes teóricas, todavia, para a análise de discurso, ele é principalmente o movimento entre agentes e seus saberes:

Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. Por outro lado, tampouco assentamos esse esquema de ideia de comunicação. A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2005, p. 21).

Pêcheux (1997) desenvolve duras críticas ao modelo tradicionalmente linguista de sua época, que propunha uma unidade e singularidade da estrutura da linguística e língua, de forma que ela estaria em seu estatuto científico, pautado em um mesmo conjunto de critérios e que levaria a uma rigidez em sua elaboração: uma fala só possuiria um único sentido definido, por exemplo. Entretanto, o que se destaca – e que Pêcheux sustenta – é que, apesar de o sistema linguístico ser organizado da mesma maneira para todos, e que todos estejam submetidos a sua mesma estrutura, para cada um dos seus leitores, ouvintes e falantes, a língua funcionará de forma diferente, ao ressoar de formas diferentes. Essa estrutura de *diferença* é o seu caráter discursivo, ou, nas palavras de Pêcheux, “[...] a base comum de processos discursivos diferenciados” (PÊCHEUX, 1997, p. 91), que fazem com que a ideologia esteja presente também no caráter científico da língua.

A análise de discurso tem como objetivo analisar o texto, porém não somente este. Ela busca analisar também a existência, a produção e a interpretação de discurso produzido e em produção, considerando que o discurso está em movimentação constante e sempre sofrendo deslizes e deslocamentos. Em uma frase, por exemplo, a ligação gramatical e lexical de enunciados e produtos textuais opera muito mais para a sustentação de predicados e da fala, isto é, da organização do texto e do discurso, do que propositalmente da ligação entre esses elementos, ou seja, sobre o que é dito e como é dito sobre um sentido pré-determinado (PÊCHEUX, 1997).

Para Orlandi (2005), a análise de discurso não é uma interdisciplinaridade de saberes nem a aplicação de uma ferramenta em si. Ela tem um espaço e campo próprios, constituindo-se, como Luz (2010, p. 21) afirma, “[...] como uma disciplina de entremeio, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e a exterioridade constitutiva, e é esse aspecto que tomamos como basilar em nossa tese: o exterior como constitutivo dos processos discursivos”.

A análise de discurso se caracteriza, portanto, como uma disciplina de entremeio. O entremeio se constitui a partir da ideia de que os três campos com os quais ela trabalha (Psicanálise, Materialismo Histórico e Linguística) sofrem deslizamentos de certas noções e conceitos e são aplicados para outros campos ou funções. Com essa constituição, é importante salientar que a análise de discurso é uma disciplina por si só, e não uma subsidiação de outro campo.

Ao se fundamentar como dispositivo teórico-analítico, ela se instaura estabelecendo sua *teoria* sobre os discursos, bem como método analítico para esses discursos. Essa constituição provém tanto de uma questão histórica – como o contato direto de Michel Pêcheux com autores como Lacan e Althusser –, quanto de uma influência de produção da época em que surgiu – após os eventos de *Mai de 1968*, que influenciaram e propuseram uma renovação e crítica dos valores existentes da época na França.

Para pensar a noção a análise de discurso como dispositivo, recorre-se a Agamben (2005) quando propõe que o dispositivo é aquilo que possui a capacidade de "[...] capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos" (p. 13). Esses seres vivos estariam agrupados em determinado grupo, sendo de forma contínua capturados pelos dispositivos. Recorrendo à noção de dispositivo a partir de Foucault, Agamben inclui como dispositivo não apenas as instituições que trabalham com as articulações e relações de poder entre sujeitos, mas também as próprias relações subjetivas e em decorrência das interações entre os seres, como as religiões, filosofias e a linguagem em si mesma.

Foucault (1976) propõe que um dispositivo é um aparelho que rege um conjunto de relações a partir da noção de poder de forma a produzir e organizar determinados discursos, organizações, lógicas, leis, enunciados, entre outros elementos. Assim, um dispositivo indica determinada possibilidade de leitura de um conjunto de elementos. Como consequência, produz sujeitos efeitos de tais entrelaçamentos de elementos.

Agamben (2005) pontua que a relação entre os dois grupos, sendo um dos seres vivos e o outro de dispositivos, acaba por gerar um terceiro, os sujeitos. Assim, os dispositivos garantem a produção de sujeitos a partir das relações com seres vivos, de forma que o conceito de sujeito que Agamben produz como efeito dos dispositivos é um resultado de processos múltiplos de subjetivação de forma constante, produzindo vários sujeitos em um mesmo indivíduo.

A análise de discurso como dispositivo recorre, portanto, para um determinado conjunto de discursos, elementos, enunciados e operações frente ao mundo, de forma a compreender as interações dos discursos e seus sujeitos. A partir de seu enunciado como dispositivo teórico-metodológico, visa a investigar as relações entre a ideologia e o inconsciente na sociedade.

Conforme Neckel e Süssenbach (2019), quando a análise de discurso monta seu dispositivo teórico-analítico, ela é afetada pelos demais dispositivos, isto é, dispositivos com outras articulações e funcionamentos, de forma que esses dispositivos são afetados, assim como a análise de discurso, pelos discursos na contemporaneidade. Tal mobilização, todavia, não é considerada muitas vezes por aqueles que trabalham com o dispositivo, uma vez que não reconhecem os possíveis limites e efeitos de sentido do dispositivo em sua atuação. Assim,

[...] as composições do *corpus* de análise são também determinadas por dispositivos outros, daí dizer que, para os recortes analíticos, precisamos de dispositivos teórico-analíticos específicos, eis o gesto singular da AD, eis o modo como se especializa os gestos de leitura/descrição/interpretação em uma perspectiva discursiva. Uma perspectiva de consequência teórica e política que não se fecha em categorias apriorísticas. Que não se pretende uma leitura de mão única, trata-se antes de uma leitura de afectos, uma leitura que se tece em meio aos processos, e porque não dizer, aos dispositivos de seu tempo (NECKEL; SUSSENBACH, 2019, p. 18).

Portanto, a análise de discurso acaba por ser afetada por outros dispositivos, inclusive aqueles que são mobilizados durante o seu trabalho. Quando é realizado, então, um trabalho com a análise de discurso como dispositivo, indiretamente, são suscitados outros dispositivos, tal como a psicanálise e o materialismo histórico, que acabam por influenciar a estrutura e aplicação do dispositivo.

2.1 DE SAUSSURE PARA LACAN, DE LACAN PARA PÊCHEUX

As noções de sujeito a partir da psicanálise, da linguística como ciência a partir de Saussure e do materialismo histórico são o pontapé inicial, mas não se solidificam. Na análise de discurso, ocorrem deslizamentos desses elementos e processos para outros campos, permitindo uma pluralidade maior de ferramentas para a análise de discurso, sendo necessário neste texto desenvolver as diferenças e contribuições das teorias que influenciaram Pêcheux, a fim de entender como elas auxiliam nos estudos da análise de discurso.

Nesta seção, aborda-se o desenvolvimento da linguagem a partir da linguística proposta por Saussure. Além disso, fala-se sobre o trajeto e subversão realizado por Lacan em relação à proposta do funcionamento da linguagem no inconsciente. A partir

disso, são abordadas as influências das concepções de linguagem tanto de Saussure quanto de Lacan para a análise de discurso proposta por Pêcheux.

2.1.1 Saussure e a proposta referente à linguística

Saussure é considerado o pai da linguística moderna, haja vista que seus trabalhos foram voltados a dar um caráter de estrutura para a linguística, transformando-a numa ciência autônoma em relação às demais ciências. A produção de Saussure foi elaborada no século XIX, sendo que antes de suas elaborações a linguística trabalhava com a opção nocial, estudos ligados ao som e ao sentido; e a opção filológica, em que se estudava o caráter normativo da linguagem (CAETANO, 2016).

Saussure (1916) também deu destaque a tais campos, porém em sua obra “Curso de Linguística Geral”, escrita e produzida após sua morte por dois de seus discípulos, define os objetivos da linguística que acompanharam a história da linguística até a contemporaneidade. Destacam-se, assim, o estudo e a descrição das histórias das línguas, a definição das forças que articulam as línguas e promovem suas regras, e o mais difícil: a delimitação e a definição do que seria a linguística (SAUSSURE, 1916).

Como Caetano (2016) afirma, as características da obra de Saussure para a definição da linguística como ciência autônoma e da definição do que não é a ciência da linguagem são os pilares que estruturam e inauguram tal campo de estudo. Saussure aponta que a linguística, além de abordar processos fisiológicos, físicos, de transformação histórica, de produção grupal e psicológica, não se resume a nenhum desses campos, uma vez que reconhecer partes desses campos na linguística é o que a define como uma ciência própria. Para além disso, Caetano (2016) sublinha que as metodologias e as epistemologias ligadas ao caráter estrutural da linguística são o que a tornará possível de se produzir não só como ciência, mas como produtora de novos campos da ciência a partir de si mesma.

Para Saussure, a linguagem aborda elementos físicos, fisiológicos e psíquicos, não se limitando apenas a esses campos na própria singularidade deles, mas também na sua expansão. A partir disso, há, por exemplo, o caráter da comunicação entre seres e a organização, bem como um método para se pensar a racionalidade. A língua, fazendo parte desse campo, faz o caráter de unidade da linguagem.

Saussure, por meio de suas dicotomias, tais como sincronia/diacronia e significado/significante, irá produzir uma série de separações ligadas ao estudo da

linguagem, sendo uma de suas mais importantes: a diferença entre língua e fala. Isso porque, para Saussure, a fala, como um ato individual, não é passível de análise, dada a sua heterogeneidade; enquanto a língua em si, por estar para além da produção singular do indivíduo, pode ser estudada, em razão de sua natureza homogênea e social. A unidade linguística, que é a articulação dos processos da língua, será nomeada como signo, que por sua vez é dividido entre significado e significante:

O signo linguístico não é uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la "material", é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato (SAUSSURE, 1916, p. 80, aspas do autor).

Para Saussure (1916), o significado representa em si o elemento do pensamento do indivíduo, enquanto o significante representa o seu fonema. Todavia, o significado também é um conceito socialmente partilhado e registrado de modo psíquico pelos indivíduos. Assim, ao pensar no signo *árvore*, pensa-se no seu conceito: como planta, objeto físico, o que significa, para que serve etc. Quando se ouve, por exemplo, a construção fonética de *árvore* (*ár-vo-re*), está-se falando justamente de sua imagem acústica. Essa organização separa o elemento da forma. Assim, ao organizar uma frase, está-se emitindo um conjunto de significantes, mas pensando em outros elementos. Os dois elementos se unem para representarem o signo linguístico. Logo, tem-se a seguinte lógica:

Figura 1 – Conceito e Separação do Signo a partir de Saussure

$$\text{Signo} = \frac{\text{Significado}}{\text{Significante}} = \frac{\text{Conceito}}{\text{Imagem Acústica}}$$

Fonte: Petry (2021).

Tal organização ainda operará a partir de dois princípios. O primeiro se refere à organização dos significantes com seus significados, em que não há uma lógica ou regra obrigatória, constituindo-se arbitrariamente: os elementos se representam, mas não fazem uma conexão a partir de uma história ou regra delimitadora. O segundo princípio é sobre

a linearidade do funcionamento dos significantes: um após o outro, operando como uma linha linear em sua organização.

Outro princípio importante das dualidades saussurianas é o caráter entre a diacronia e a sincronia. A diacronia se refere ao estudo da língua e suas modificações ao longo da história. Já o estudo sincrônico, propõe um recorte temporal de um conjunto específico de elementos. Assim, uma das diferenças cruciais de Saussure em relação a outros autores anteriores a ele é justamente a possibilidade de propor, por meio da sincronia, a língua como um sistema operacional em um tempo/recorte específico (CAETANO, 2016).

2.1.2 A linguagem em psicanálise lacaniana

Freud foi um dos primeiros autores a propor que o homem não domina suas próprias vontades e desejos. Este é mediado e organizado sobre a influência de vários campos, que se opõem, buscam outros objetivos, sendo que muitos são impossíveis para a mente e para a realidade atender. Assim, a psicanálise consiste no estudo do inconsciente (ROUDINESCO; PLON, 1998), em uma dinâmica que contempla articulações, processos, fenômenos e campos de exploração que se ligam a tal ideia.

Apesar do foco da obra freudiana não ser a linguística, durante toda a sua construção surgem espaços de interlocução entre a linguagem e a psicanálise. Freud (1891; 1895) destaca a importância das formações biológicas e neurológicas como caráter obrigatório para a articulação da linguagem para o indivíduo, porém, mesmo assim, o campo psicológico e da cultura teria um caráter elementar para a elaboração da linguagem, uma vez que é impactada e aperfeiçoada pelos sujeitos. Freud cunha o termo *representação (vorschtelung)* para um elemento ligado a uma imagem ou processo verbal que é armazenado no inconsciente do indivíduo e que pode ser utilizado para a produção de novos elementos de sua linguagem.

Para Santos (2012), a linguagem em Freud emerge para instaurar e referir os campos social e cultural como influenciados e influenciadores da linguagem e da captação dos fenômenos mentais que precisam surgir e ser reconhecidos conscientemente pelos indivíduos. Assim, o externo ajuda a moldar o indivíduo, principalmente, no campo da linguagem em que o biológico não é suficiente. Além disso, citando Costa (2010 *apud* SANTOS, 2012, p. 95-96), entende-se que:

A linguagem é uma atividade essencialmente subjetiva, por meio da qual o sujeito diz algo que pode ser completamente diferente do que acredita estar dizendo. É justamente nesse diferente onde reside, pertinentemente, a categoria de inconsciente. Assim, esse algo diferente nada mais é do que o inconsciente instituído, o qual escapa na fala do sujeito, já que se encontra constitutivamente separado dele.

Os elementos da atividade psicanalítica, isto é, os elementos da clínica, estão ligados à fala que o paciente traz e que o psicanalista visa a interpretar. É pela fala justamente que o tratamento psicanalítico se dá, e o caráter da linguagem surge ao demonstrar que a linguagem é capaz de produzir um ato, tanto no campo da percepção do presente quanto do passado, permitindo reformular o campo da experiência para o seu intérprete.

Por sua vez, Freud demonstrou a dualidade e ambiguidade da linguagem, ao se mostrar falha e incompleta para o indivíduo de forma a não conseguir sustentar por si só uma expressão de comunicação permanentemente clara e duradoura, sendo a contradição e a pluralidade de possibilidades uma inerência da fala do indivíduo (SANTOS, 2012). Isso porque o campo da representação verbal em nível inconsciente é limitado, e não consegue colocar em *palavras* certas representações psíquicas que atingem a elaboração da psique do indivíduo. Sempre haverá, com isso, um campo da falta da linguagem, inoperável e inacessível (FREUD, 1915). Freud destacará ainda que “[...] não podemos escapar à suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem” (FREUD, 1910).

O papel elementar e constitutivo da linguagem para a psicanálise vem apenas com o pós-freudiano, Jacques Lacan. O francês irá propor um retorno a Freud, indicando a revisitação de conceitos e reformulando proposições psicanalíticas ligadas a estudos de outros campos – em especial, à linguística de Saussure. Em seu texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1966), Lacan revisita Saussure e propõe conexões com a psicanálise. Sua máxima será a de que o inconsciente se estrutura como linguagem.

Nessa obra, Lacan argumenta que o sujeito, não mais o indivíduo, está sujeitado à linguagem e ao inconsciente. O sujeito é banhado pela linguagem antes mesmo do seu nascimento “[...] nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (LACAN, 1966, p. 498), e é atravessado por ela. Assim, a linguagem tem como papel fundador a sociedade,

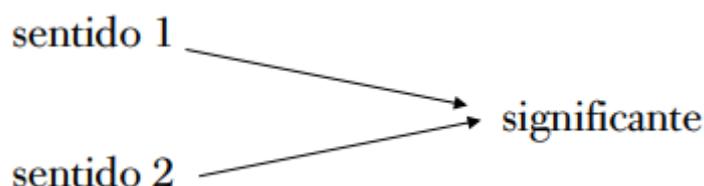
sendo que, até mesmo em um nível inconsciente, a linguagem tem papel de organizar as estruturas sociais. Dessa maneira, como os seres são habitados pela linguagem, que produz percepções e a própria noção de realidade, essas instâncias acabam sendo influenciadas e moldadas com base na linguagem.

Lacan irá propor uma reformulação drástica referente ao signo de Saussure. Para Jorge (2008), Saussure dará uma ênfase muito maior ao estudo do significado do que do significante, enquanto Lacan irá afirmar que o significante é o conceito de interesse da psicanálise, ao comparar o estatuto do significante semelhante ao caráter do elemento de representação que Freud traz em sua obra. Com isso, a chamada *cadeia significante*, remete ao fato de que um significante se liga a outro significante em uma cadeia de valores, ao contrário do significado linguístico de Saussure, em que seu valor era dado a partir de contraste: um significado é o que outro não é, apresentando-se, portanto, como um negativo dos outros significados.

Roudinesco e Plon (1998) afirmam ainda que Lacan irá incluir, na organização do estatuto da linguagem no inconsciente, os processos de metáfora e metonímia. A metáfora se refere ao conceito de condensação freudiana, em que vários significantes se unificam em um elemento. Já a metonímia se refere aos processos de deslocamento ou deslizamento dos significantes, um transferindo o seu elemento para o próximo em sua cadeia. Esses dois processos se revezam na constituição da fala ao se denotar que a fala sempre carrega mais elementos do que *a priori* apresenta, sendo possível a partir de análises clarificar e determinar fenômenos inconscientes em sua estrutura.

Jorge (2008) ressalta que a leitura de Freud sobre os processos de condensação e deslocamento produz a possibilidade da ambiguidade natural das palavras, possibilitando que o sentido seja uma variável constitutiva do caráter da língua. A estrutura do significante carrega por meio de tais mecanismos do inconsciente a possibilidade de possuir por si mesmo mais de um sentido, apesar de sua construção ser igual. Conforme Jorge (2008), o material do significante lacaniano garante a sua contínua possibilidade de sentido ser variada, ao passo que, um significante pode sempre ocupar mais de um sentido. A Figura 2 apresenta essa relação trazida pelo autor.

Figura 2 – Efeitos de Dois Sentidos em um Significante



Fonte: Jorge (2008, p. 123).

Jorge (2008) destaca que a inclusão dos sentidos em um único significante é o que produz a possibilidade de constituição de uma cadeia de elementos inconscientes sem que efetivamente o sujeito os reconheça. Lacan (1966) chegará a associar o próprio inconsciente ao discurso do Outro de forma que por si só ele representaria uma cadeia de significantes que se repetem em determinada cena, produzindo uma forma determinada de elementos em sua constituição. Para tal, Jorge (2008) ressalta em Lacan que:

[...] o significante será assimilado à enunciação e circulará em sentido inverso em relação ao discurso, que constitui o enunciado. No deslizamento entre os dois se produz, de quando em quando, um ponto de basta, no qual vêm atar-se ao significado e o significante, ponto em torno do qual deve exercer-se toda análise concreta do discurso (JORGE, 2008, p. 81).

Assim, toda vez que um novo significante é adicionado à fala, ao discurso, esse elemento acaba por afetar retroativamente os outros significantes anteriormente postos no enunciado. Dessa forma, o final de um enunciado produz efeitos em seu início, da mesma maneira que o início do enunciado acaba por afetar o seu meio e o seu fim, e assim sucessivamente. Nesses termos, ao se analisar um discurso, uma fala, um recorte de *corpus*, é necessário também destacar um certo espaço, um certo *corpus*, uma certa elaboração da temática, haja vista que a inclusão de novos significantes culmina numa mudança estrutural de todos os significantes previamente postos. Por isso, é importante destacar o espaço e o local de imposição dos elementos do discurso: somente na escala do reconhecimento de que o discurso nunca se encerra – mas, sim, captura-se um momento desse discurso –, é que é possível analisá-lo. Nesse sentido, justamente porque o discurso nunca se encerra pode ser constantemente modificado frente a novos elementos.

Oliveira (2017) propõe que há relações entre a linguística de Saussure e a psicanálise de Freud referentes ao caráter determinante da linguagem na produção do pensamento do indivíduo. Assim, a articulação no pensar soou para Lacan como uma grande semelhança e possível unidade, o que o faz transformar a articulação entre o

significante e a representação psíquica em um novo conceito: o de significante. O significante surge, então, fazendo associações aos outros significantes, fazendo com que, entre os deslizes de um significante para o outro, o sujeito da psicanálise surja: cindido, faltante, que está à mercê sempre do significante que este não domina.

O caráter elementar da linguagem na psicanálise propõe um sistema de regras e funcionamentos dependentes desta, e que reformula o caráter científico da psicanálise ao associá-la ao estruturalismo. Aquilo que se apresenta na psicanálise mostra como a linguagem fomenta o sujeito e a cultura, instaurando sua existência para além do biológico. O significante molda o sujeito do inconsciente que não se reconhece como alienado ao mesmo elemento significante repetidas vezes, camuflando com isso os elementos que produzem o sujeito em seu discurso e garantindo que os significantes não sejam questionados ou revelados.

2.1.3 Linguagem em Pêcheux

Conforme Oliveira (2011), os estudos de Pêcheux são divididos em três tempos, que vão de 1969 até 1983, ano de sua morte. Os três períodos são influenciados pela linguística de Saussure, sendo o primeiro momento, em 1969, o período de maior influência, com destaque para a obra “Análise Automática do Discurso”, fortemente influenciada por Saussure.

O que chama a atenção na linguística de Saussure para Pêcheux é em especial o seu caráter de estrutura e formalismo, que permite analisar e ir para além do texto básico, buscando a língua como a articulação de um sistema. Além disso, segundo Pêcheux (1969), quando Saussure dá prioridade à língua, e, em sua percepção, exclui a fala, ele

Autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo o objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade (PÊCHEUX, 1969, p. 71-72, grifos do autor).

A partir do caráter sistemático de língua de Saussure, Pêcheux produziu o conceito de *discurso*, mobilizado na análise de discurso. Assim como a sincronia de Saussure, que é um recorte temporal de um dito linguístico, o discurso apontará os elementos que

podem ou não serem ditos em determinadas condições e situações, sendo influenciados e, mais do que isso, constituídos pela ideologia e pelo inconsciente (PÊCHEUX, 1969).

A psicanálise lacaniana entrará no campo da análise de discurso ao chamar a atenção para a cisão do sujeito e apontar os elementos do inconsciente constitutivos para o sujeito, que fala mais do que sabe, sem reconhecer o seu lugar, sem reconhecer que é afetado por dualidades que se apresentam como opostas. Os atos falhos, sintomas, fenômenos dos deslizamentos dos significantes e as manifestações do inconsciente se apresentarão para Pêcheux como elementos do discurso para além do reconhecimento do sujeito consciente do seu saber (ORLANDI, 2005).

Em suas obras, Pêcheux faz o movimento de se referir e mobilizar conceitos tanto da linguística quanto da psicanálise. Oliveira (2011) compreende que próximo do fim de suas obras, Pêcheux se afasta mais da linguística e se aproxima mais da psicanálise, apesar de ainda utilizar a linguística como referência. Em especial, os conceitos de real e do Outro lacaniano têm destaque na fase final de Pêcheux.

O real é o impossível de simbolização, que não tem representação na linguagem; ao passo que o grande Outro é este espaço no qual os significantes estarão alojados, de forma que a representação psíquica de Freud está no inconsciente, da mesma maneira que os significantes estarão alojados no Outro. Quando Lacan diz que o inconsciente é o discurso do Outro (1966), ele une os seus conceitos de significante com a supremacia do inconsciente na psicanálise.

Com isso, é possível reconhecer as bases elementares da linguística e da psicanálise na obra de Pêcheux, reconhecendo que as duas influenciam sua obra, porém não possuem um caráter de dominação. A análise de discurso terá a característica de ser uma disciplina de entremeio, reconhecendo os limites e fraturas de cada um dos campos que a influenciam. A busca por Saussure, Freud e Lacan em estabelecer os campos limitantes de cada uma de suas abordagens é o que garante a possibilidade de união dos campos.

2.2 SUJEITO EM PSICANÁLISE

Para pensar as noções de sujeito na obra de Pêcheux e na análise de discurso, é necessário visitar a originalidade do termo e suas transformações. Assim, o movimento seria: parte-se de Freud para Lacan e Althusser, para se chegar a Pêcheux.

A noção de inconsciente freudiano se estabelece ao propor uma força motriz dentro do indivíduo cartesiano, dividido entre corpo e mente, com a compreensão de que o inconsciente atravessa o sujeito e o domina. Esse inconsciente terá regras e processos próprios, com mecanismos que trabalham de forma mútua e contrária dentro do indivíduo. Indivíduo, nesses termos, refere-se à ideia de um indivíduo real, uma pessoa, haja vista que Freud desenvolve a noção de inconsciente sempre associada a um indivíduo em sua obra, ou seja, cada pessoa, real e concreta, *de carne e osso* possui um inconsciente pré-determinado (LACAN, 1966).

As leituras que Freud (1901) estabelece sustentam uma proposta do ato inconsciente associado a um ato involuntário, que atravessa o indivíduo e que o leva a produzir repetições, condutas e até mesmo doenças sem o seu controle. Assim, todo ato é um ato passível de uma decifração a partir de uma cadeia associativa de elementos no modelo freudiano, sendo que a fala e o ato do indivíduo podem carregar movimentos inconscientes deste sem que ele se dê conta disso (FREUD, 1915).

Nesse entendimento, faz parte do indivíduo o inconsciente, que o leva a não conseguir reconhecer seus próprios atos e objetivos, sendo guiado e impulsionado sem saber suas razões claras. Um indivíduo pode buscar, em nível inconsciente, objetivos opostos, não sendo racionais nem obedecendo às funções da realidade, como o tempo e a lógica.

Sendo o inconsciente atemporal, noções e complexos antigos da vida pregressa do indivíduo ainda podem ter uma carga de energia muito importante, que governa os objetivos do indivíduo sem que sequer ele tenha consciência disso. Nessa perspectiva, Freud (1915) propõe que o indivíduo não é racional e organizado, mas sim dividido entre os campos da consciência e do inconsciente, clivado, com desejos e impulsos múltiplos, muitas vezes, inclusive, sendo opostos dentro de si mesmo.

Essa distinção até hoje ressoa uma série de problemáticas na sociedade, como a ideia ainda impregnada de voluntariedade e intencionalidade de forma clara e completa dos indivíduos em todas as suas ações. O entendimento de que o inconsciente reina sobre o indivíduo é o preceito fundamental da psicanálise, que carrega em seu estatuto uma ideia de que o ato do indivíduo até mesmo na cultura é antecipado e organizado a partir de noções pulsionais, que buscam uma descarga de seus objetivos (FREUD, 1929). Freud (1929) dirá também que a comunicação é uma alternativa que o homem criou para

tentar lidar com as frustrações de se viver em sociedade, buscando tentativas harmoniosas e fracassadas de sustentar as relações sociais dentro da sociedade.

Após a morte de Freud, a psicanálise ganhou várias correntes e um grande feixe de pluralidades, leituras e revisões. Com essa turbulência, a partir de 1950, o francês Jacques Lacan propõe uma retomada dos conceitos-chaves elaborados por Freud, resultando em proposições e novas considerações quanto à representação de indivíduo. Destaca-se que esse retorno é também de uma ideia crítica e de uma nova leitura das proposições freudianas, subvertendo e reformulando conceitos para novas operações (SAFATLE, 2017).

Lacan fará uma união entre os conceitos gerais e introdutórios de Saussure sobre a linguística, tais como a ideia de aplicação estrutural universal para a língua, e as noções de inconsciente propostas por Freud, utilizando e condensando a ideia de que o inconsciente se estrutura como linguagem (LACAN, 1966). Lacan retoma os conceitos de Saussure sobre significante e significado, todavia, propõe uma subversão de seu desenvolvimento original em que o significado se sobrepõe ao significante.

Graças a Saussure (1916), é possível pensar uma universalidade de regras linguísticas desvinculadas da língua que o indivíduo usa. Independentemente da sua origem geográfica, articulação, regras ou campo de desenvolvimento, todas as línguas, para Saussure, terão regras e estruturas similares. Lacan (1966), por sua vez, dará ênfase ao significante, pois este representará o sujeito. Para Lacan, o significado é deixado de lado para se valorizar o papel da imagem acústica presente no significante, pois é esta em Lacan que propõe e produz o sujeito.

A leitura dos significantes é fundamental, pois é o significante que instaura o lugar do sujeito em seu desenvolvimento e concepção, de forma que são os significantes que determinam o funcionamento e operação do sujeito (LACAN, 1966). Para Lacan, “Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante” (1966, p. 833). Segundo o autor (1966), o significante é um elemento que constitui um processo ou fenômeno a partir de uma conexão com outros significantes, sendo que sua unidade e elaboração se sustentam apenas a partir de uma *cadeia de significantes*, isto é, um conjunto de elementos discursivos que se produzem e determinam um sujeito, de forma que apenas um único elemento não basta para sustentar o seu papel em relação a um sujeito. Nesses termos, ele explica: “O significante, eu lhes disse em outra ocasião, distingue-se do signo porque o signo é o que representa alguma coisa para alguém, ao

passo que o significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (LACAN, 2005, p. 73).

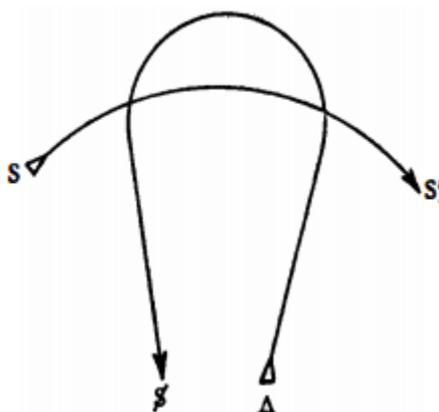
Lacan (1966), nesse viés, sublinha que a produção do sujeito é sempre derivada de um conjunto de significantes, jamais sendo separada disso, e que haverá um caráter de pontualidade, um instante, em sua estrutura, jamais se repetindo da mesma forma e na mesma situação de determinada maneira novamente. Nesses termos, o autor propõe a constituição dos significantes e do discurso de forma similar a Pêcheux: não apenas numa ideia de fala, mas também como em um conjunto, gestos, ações, situações e dizeres, que, pontualmente estabelecidos em uma sentença, determinam um sujeito.

No momento em que um novo fenômeno discursivo é adicionado ou alterado, também se muda o sujeito. Essa disparidade é fundamental para se pensar nas propostas psicanalíticas de Freud e Lacan: enquanto para Freud o inconsciente é de alguém, de uma pessoa, o inconsciente lacaniano está associado a um sujeito específico em um discurso (KUSHNIR, 2020). Assim, conforme Kushnir (2020), o discurso psicanalítico se reitera na proposta de que, dentro de um discurso, podem ocorrer múltiplos e derivados sujeitos, propondo diversidades e até mesmo oposições em suas estruturas discursivas.

Com isso, é necessária a transformação e reformulação do indivíduo freudiano para o sujeito lacaniano. Esse sujeito lacaniano, sempre do inconsciente, é, portanto, atravessado pelo inconsciente igualmente como o indivíduo freudiano, justamente a partir dessa ideia de que ele não reconhece os significantes que o nomeiam e o governam, haja vista que também partem do inconsciente.

O sujeito se constitui na linguagem, é banhado por ela, e, como consequência, obedecerá às regras estruturais impostas pela linguagem. O que Lacan indica é que somente pode ser dito aquilo que já existe no discurso, permeado por ele, porém isso não quer dizer que existam elementos que não pertencem ao discurso, pois tais elementos se fazem inscrever por meio daquilo que não pode ser dito (LACAN, 1966). Para seguir discorrendo sobre o tema, apresenta-se a Figura 3.

FIGURA 3 – Primeiro Modelo do Grafo do Desejo



Fonte: LACAN (1966, p. 819).

O primeiro modelo do grafo do desejo de Lacan auxilia a pensar a estrutura do discurso e dos significantes que levam à produção do sujeito. Nesse esquema, como se pode ver na Figura 3, a linha S-S' é referenciada por Lacan como a cadeia de significantes produzida em um discurso, de modo que, ao final da sentença do discurso, o “ponto de basta” produz retroativamente o sujeito da fala. Como exemplo, é possível pensar numa frase que está sendo desenvolvida e que, apenas após o seu término, produz efetivamente um sentido, sendo que é por causa do seu término que ela produzirá um sentido específico – se tivesse sido encerrada de uma outra maneira ou com outros elementos, teria produzido outros sentidos.

O elemento em delta é para Lacan o indivíduo concreto e real que, ao ser atravessado pelos significantes, produz um sujeito de forma retroativa. O sujeito, representado pelo elemento \$, é produzido, portanto, a partir da cadeia de significantes – se o discurso tivesse se produzido de outra maneira e de outra forma, estaria se produzindo como outro sentido e forma. Assim, o sujeito é específico em decorrência de determinado efeito e continuidade de um conjunto de significantes (LACAN, 1966).

Com isso, Lacan (1966) irá reiterar que não é o sujeito que produz a cadeia significante, mas justamente, o seu inverso: são os significantes que produzem o sujeito. Produzem o sujeito de forma que os significantes da linguagem banham o indivíduo antes mesmo do seu nascimento, de forma que o seu aparecimento e constituição em uma determinada situação ocorre a partir dos significantes específicos de dada sentença discursiva. O espaço no qual é encontrado o reservatório de todos esses significantes na obra lacaniana é o grande Outro, isto é, a alteridade para este sujeito. Aquilo que o sujeito

não é será o Outro para ele. Dessa forma, quando Lacan (1966, p. 18) afirma que “[...] o inconsciente é o discurso do Outro”, está mostrando como esse grande Outro demarca e atravessa o sujeito sem que ele perceba.

Lacan, ao final de sua obra, organiza e define os seus três registros: o real, o simbólico e o imaginário, sendo que todos os elementos de sua obra são articulados a partir desses três conceitos máximos, completando em Lacan a divisão do indivíduo cartesiano, que passará a se tornar apenas um sujeito assujeitado a sua realidade, articulado no meio de tais campos estruturais.

O imaginário é o campo da alienação, o campo no qual o outro produz o eu, considerado o “moi” imaginário, produto de uma idealização e produção do outro. Para tal, ao ser *imaginado*, articula-se um certo suposto dizer, o popular “o que eu quero dizer...”. É o que se espera, é o que se pensa conscientemente de sua fala, de forma que o discurso não é flagrado. Estabelece-se uma consciência e uma lógica pré-determinada e fixa, de forma que é o campo da singularidade pré-discursiva: o que é dito é dito com um sentido já definido, incapacitado de produzir ou ter outros sentidos.

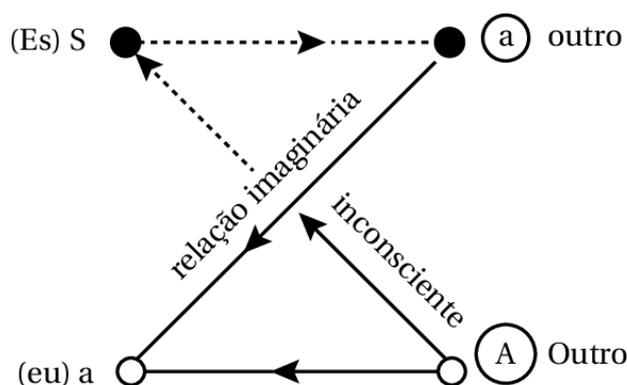
No imaginário não existe confusão, equívoco ou dúvida, sendo sempre pautado pela lógica de um único sentido, de uma certeza sobre o elemento pensado, imaginado ou falado (LACAN, 1975). Assim, as formações imaginárias instauram que, sempre que ocorre uma comunicação, o comunicante e o seu destinatário reconhecem com clareza os seus lugares, isto é, há a suposição de uma operação perfeita de transmissão de ideias e de informações, ao menos no nível do imaginário.

Lacan (1975) estabelece que o simbólico é o campo das representações de sentido, de significantes e das estruturas constitutivas de saber. Tal registro, baseado na linguagem, permite articular as representações psíquicas, que são, acima de tudo, atravessadas pelo inconsciente. Como Lacan aponta, o inconsciente é estruturado como linguagem, de forma que as estruturas existem e produzem o sujeito sem uma reflexão ou dominância do sujeito sobre a realidade.

Tal demonstração do sujeito se destaca quando o indivíduo se descobre ao produzir chistes, atos falhos, sintomas e outros processos que surpreendem. Isso porque, anteriormente a esse momento, ele crê, a partir do imaginário, que é completo e controla a si mesmo. Ao contrário, quando ocorre o ato falho ele descobre algo de si que não sabia, confrontando-o com esse fenômeno de ser um sujeito. Para destacar e transmitir

de forma mais clara tais elementos e diferenciações, Lacan propõe o chamado esquema L, demonstrado na figura a seguir.

FIGURA 4 – ESQUEMA L



Fonte: Lacan (1966, p. 58).

Assim, há um eu produzido imaginariamente pelas formações imaginárias, também articuladas e produzidas pelo chamado pequeno outro – escrito apenas *outro*, com letra inicial minúscula; em francês, *autre*, ou representado apenas pela primeira letra, *a*. Isso porque esse outro é um semelhante, também resultado de identificações imaginárias de um outro de forma sucessiva. Ele produzirá o fenômeno de eu ideal, isto é, a figura imaginária e completa que esse eu (*a*) acredita eventualmente conseguir alcançar.

À parte disso, tem-se um grande Outro – escrito *Outro* com letra inicial maiúscula; em francês, *Autre*, ou apenas a primeira letra, *A*. Tal Outro irá produzir nesse eu (*a*) as concepções de ideal de eu – o que o outro sente de forma internalizada que deve cumprir: sua cultura, suas finalidades, idealizações, moral, movimentações teóricas e partidárias, ideologias, etc. O Outro é o reservatório dos significantes; é, portanto, simbólico, produz o sujeito, o Eu (*Es*), atravessado pelo inconsciente, que não domina o seu saber nem a sua vontade.

Logo, o eu (*a*) supõe que, quando produz sua mensagem e realiza sua comunicação, sabe e reconhece para quem ele está falando: supostamente, o *a* (outro); entretanto, a surpresa dessa operação é que o sujeito (*Es*) e o grande Outro (*A*) produzem, a partir daí, o discurso. O eu (*a*), portanto, não reconhece como é afetado pelo discurso e, quando produz o seu discurso, sempre diz mais do que percebe e não sabe

para quem está direcionando o seu próprio discurso. De forma mais simples, como Fink (1998) pontua, é possível definir o discurso clássico, consciente, intencional e estabelecido de um único sentido como o do eu (a), ao passo que o discurso do Outro é inconsciente, surpreendente, inesperado, involuntário e que produz o sujeito do inconsciente.

O terceiro registro, o do real, apresenta-se justamente por não poder se apresentar. Ao contrário do registro do simbólico e do imaginário, o real é aquilo impossível de ser representado, com total ausência de representação e simbolização. Apesar da ausência, ele não desiste de se inscrever, de se apresentar. Assim, ao se dizer que ele “ex-siste”, diz-se que ele se inscreve na sua ausência (FINK, 1998). Esse verdadeiro compêndio de processos, elementos, discursos e articulações sempre ocorrerá de forma concomitante inerente a cada sujeito posto, bem como nas relações entre os sujeitos, independentemente de estarem indo ao encontro ou não um do outro. Para se pensar tal estrutura, Jorge (2008) estabelece:

- O imaginário como aquilo que consiste de forma infalível e clara, definida e nítida, ou seja, o sentido;

- O simbólico como uma entrada e insistência na cadeia de significantes, que produzem o sujeito sem o seu controle, possuindo características dúbias, articuladas, de duplo sentido;

- O real como aquilo que ex-siste, isto é, sem necessariamente aparecer, existe por não existir, porém delimita e estabelece os limites das produções de sentido e de discurso, isto é, aquilo que sempre se apresentará como sem sentido.

Lacan (1975) destaca que a produção do sentido discursivo, isto é, o sentido comunicado e deflagrado pelo comunicador e o seu ouvinte é sempre em decorrência de um laço entre o imaginário e simbólico, de forma que, ao excluir o real do sentido, é que é possível ocorrer uma compreensão, ainda que suposta e jamais definitiva, daquilo que é produzido pelo enunciado. Isso jamais inviabiliza a característica do real de se inscrever e apresentar o sem sentido do discurso.

Pêcheux (2012) destaca justamente que é necessário para a análise de discurso em sua atividade reconhecer o real da língua, os limites das construções linguísticas voltados a buscar um sentido, de forma que abordar a língua é sempre abordar também o equívoco, a elipse, a falta, aquilo que é justamente o próprio da língua e não do enunciado. Assim, é necessário no trabalho analítico reconhecer o equívoco como um

elemento estrutural do simbólico, de forma a encontrar os limites da consistência discursiva e da própria língua. Para Pêcheux,

[...] toda descrição – quer se trate da descrição de objetos ou de acontecimentos ou de um arranjo discursivo-textual não muda nada, a partir do momento em que nos prendemos firmemente ao fato de que “não há metalinguagem” [não há linguagem da linguagem] – está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso (PÊCHEUX, 2012, p. 53, aspas do autor).

Apesar desses registros serem necessários para a formulação do sujeito lacaniano, não bastam para fundamentar o sujeito da análise de discurso. Além de tal produção, Orlandi (2005) aponta a necessidade do sujeito ser produzido por uma ideologia e produzido por meio de sua formação histórica. A formação histórica do sujeito atravessa a produção histórica desse sujeito: a realidade em que ele vive, suas produções, efeitos e o tempo da história em que tal sujeito está inserido. Portanto, o sujeito é afetado pelos sentidos históricos já instituídos no espaço do sujeito, estando à mercê dessa constante.

2.3 IDEOLOGIA DOS SUJEITOS EM ALTHUSSER E LACAN

Michel Pêcheux teve contato direto com os trabalhos de Louis Althusser, que durante os seus desenvolvimentos, sempre investigou e questionou o que seria a ideologia. Retomando Marx, Althusser entende que o autor estava próximo de produzir uma teoria da ideologia, porém não a definiu. Althusser (1996, p. 124) coloca que “[...] a ideologia não tem história”. A ideologia em si não tem uma característica histórica, ela é sem passado, apenas existente a partir de construções imaginárias, não estando fomentada e possuindo com isso uma história própria. Ela não existe propositalmente na história, apenas a partir dos sujeitos.

Assim, a ideologia possui relações imaginárias com os sujeitos nas relações reais que eles vivem em seu cotidiano e nas estruturas sociais. Essa ideologia e essas relações imaginárias, isto é, fictícias e criadas pelas relações entre sujeitos, não estão necessariamente conectadas ao passado de fato: elas são uma produção dos sujeitos. Para além disso, o imaginário do sujeito é que está impregnado de ideologias, que o impregnam sem o seu reconhecimento. Dessa forma, o sujeito acredita que é a ideologia

que carrega uma história de elementos que se relacionam com ele, quando, a partir da proposta de Althusser, o efeito é contrário: é o sujeito que produz a história da ideologia.

Althusser (1996), ao refletir sobre os processos de organização e reprodução dos meios de produção, pauta uma série de fenômenos necessários para que o trabalhador diante da classe dominante opere suas funções sem questionar. Para tal, retomando Marx, cita o estado como um grande aparelho repressivo, que opera para garantir a repressão e dominação das classes dominantes em relação à classe operária, seguindo o modelo marxista de extorsão da mais-valia em uma condução sem reconhecimento do proletariado. Dentro disso, o estado engloba a polícia, o Exército, o sistema judiciário etc. São forças atuantes, de forma repressiva, ligadas à violência e a atos para reprimir a classe trabalhadora, não necessariamente reconhecendo os seus papéis concretos em tal jogo de relações de poder.

Althusser (1996) ressalta que apenas esse fenômeno não assegura o funcionamento do sistema do estado repressivo, sendo que, ao alavancar os chamados aparelhos ideológicos de estado, estabelece aparelhos que não possuem a necessidade de vinculação entre as relações dos estatutos de públicos ou privados, quebrando o modelo tradicionalmente estadunidense, que acredita ser público. Como exemplos, Althusser cita a família, a escola, o sistema jurídico e político, a cultura e as religiões como parte desses aparelhos ideológicos de estado. A diferença principal é a de que, conforme Althusser (1996, p. 114), “[...] o Aparelho repressivo de Estado funciona pela violência, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam pela ideologia”.

Althusser (1996) explica que a relação de repressão e ideologia será operacionalizada em caráter concomitante, ou seja, é possível encontrar nos aparelhos repressivos de estado aspectos secundariamente ideológicos, e nos aparelhos ideológicos de estado são encontradas características secundariamente repressivas, de forma a garantir a sua matriz de funcionamento opressivo. O objetivo dos aparelhos ideológicos de estado é garantir a reprodução permanente das relações de produção e do modelo capitalista, preservando o seu estatuto ideológico.

Para Althusser, o maior exemplo na sua contemporaneidade é a Escola, sendo escrita com a letra maiúscula para se imputar o caráter de agente e regente do seu fenômeno. Assim, em sua perspectiva:

Ela pega crianças de todas as classes desde a tenra idade escolar e, durante anos – os anos que a criança está mais “vulnerável”, espremida entre o Aparelho de Estado familiar e o Aparelho de Estado escolar –, martela em sua cabeça, quer utilize métodos novos ou antigos, uma certa quantidade de “saberes” embrulhados pela ideologia dominante (francês, aritmética, história natural, ciências, literatura), ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro (ética, orientação cívica, filosofia). [...] Cada massa ejetada pelo caminho é provida, na prática, da ideologia que se ajusta ao papel que lhe compete exercer na sociedade de classes: o papel dos explorados (com uma consciência “altamente desenvolvida”, “profissional”, “ética”, “cívica”, “nacional” e “apolítica”); o papel dos agentes da exploração [...], dos agentes da repressão [...] etc. (ALTHUSSER, 1996, p. 121-122, aspas do autor).

Althusser dirá que a Ideologia em si não tem uma característica histórica, ela é sem passado, apenas existente a partir de construções imaginárias, e a partir daí, “[...] da história concreta de indivíduos concretos” (1996, p. 124). A ideologia não tem com isso uma história própria. O autor então inicia uma série de interlocuções com a psicanálise, dando ênfase ao inconsciente. Althusser compara a incapacidade pré-histórica da ideologia da mesma forma que os sonhos se articulam. O sonho possui profunda e íntima ligação com o inconsciente, e assim como este, a ideologia é eterna, haja vista que não tem história nem mesmo a noção de tempo. “A ideologia é eterna, exatamente como o inconsciente” (ALTHUSSER, 1996, p. 125).

Todavia, Althusser (1996) considera uma existência material da ideologia, sendo essa materialidade justamente o conjunto de comportamentos, rituais, práticas que o sujeito age mediante a influência da ideologia. O indivíduo é instaurado também no modelo althusseriano, fazendo preservar o conceito de sujeito, pois este está interpelado pela ideologia, sendo que, para Althusser, os indivíduos sempre são e permanecem como sujeitos, de forma que a interpelação opera justamente nesse processo do sujeito não se reconhecer como interpelado por uma ideologia. O sujeito não se reconhece como submetido a uma força ideológica, e com isso, não poderá reconhecer suas posições como sujeito nessa trama de relações de poder.

A constituição de sujeito para Althusser surge, então, a partir da noção essencial de que sua constituição depende diretamente da produção ideológica. O sujeito se reconhece na ideologia, não percebendo estar submetido a ela. Não se percebe submetido, pois justamente está interpelado: “[...] toda a ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos, pelo funcionamento da categoria de sujeito” (ALTHUSSER, 1996, p. 133). O sujeito não se reconhece como interpelado na ideologia

que ele mesmo se identifica, porém reconhece os outros sujeitos que estão fora desta como interpelados por outras ideologias que são estranhas a ele.

A ideologia é, portanto, acima de tudo, a construção e a elaboração de sentidos na relação imaginária do homem. Nesses termos, pela ideologia é que o homem pode se constituir como um sujeito e produzir sentidos. Nas palavras de Orlandi:

O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamento, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito” [...]. Por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia (ORLANDI, 2005, p. 46, aspas da autora).

Somente na leitura do sujeito diante da alteridade do outro, é que ele pode conceber e reconhecer aquilo como uma ideologia, sendo que, pela própria constituição de sujeito, é que se estabelece o sujeito como produzido e operando a partir das produções ideológicas. O sujeito se reconhece na ideologia de forma a reconhecê-la como uma *naturalidade* imaginária, não percebendo estar assujeitado a ela. Não se percebe submetido, pois justamente está interpelado: “[...] toda a ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos, pelo funcionamento da categoria de sujeito” (ALTHUSSER, 1996, p. 133).

2.4 DESDOBRAMENTOS

Althusser cita várias semelhanças entre as noções de inconsciente e ideologia, e a partir de Freud, por meio dos longos estudos deste autor a respeito do desenvolvimento infantil e psíquico, mostra a criação dos sujeitos. A criança já é assujeitada antes mesmo de nascer: um grande grupo de fenômenos ideológicos já rondam a família desta criança, e a sociedade como um todo já estará a esperando com seus aparelhos ideológicos prontos para constituí-la com suas ideologias. Com isso, é possível aprofundar o procedimento de interpelação dos sujeitos pelas ideologias mobilizando como referência justamente essa linha imaginária especular entre a ideologia e o inconsciente que Althusser propõe.

Freud (1911) menciona que, por meio do mecanismo intitulado *projeção*, partes do inconsciente que o indivíduo não reconhece são projetadas para fora de si, e, justamente aí, são reconhecidas como algo exterior. Sem perceber, o sujeito transforma a sua realidade externa em sua própria realidade, não reconhecendo as diferenciações desses dois espaços, buscando que a ideologia dominante do sujeito seja a dominante entre todos os sujeitos. Os sujeitos interpelados pelos aparelhos ideológicos de estado *projetam* suas ideologias entre si e para os novos sujeitos ainda não interpelados por elas. Porém, assim como Althusser propõe sobre a reprodução das ideologias nos sujeitos, ressalta-se que, antes de fazer isso de forma ativa, na constituição do sujeito, é experimentado tal fenômeno de forma passiva.

Lacan em seu texto “O estágio do espelho como formador do eu” (1966), argumenta que, quando a criança, em caráter hipotético, encontra-se diante de um espelho, e se reconhece no espelho com a imagem que ali surge, ocorre uma *identificação*, um reconhecimento de que aquilo diante dela é uma imagem sua. Isto é, acima de tudo, uma alienação,

Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dado como *Gestalt*, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim, essa *Gestalt*, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, embora seu estilo motor seja ainda irreconhecível, simboliza, por esses dois aspectos do seu surgimento, a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante; é também prenhe das correspondências que unem o [eu] à estátua em que o homem se projeta e aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, no qual tende a se consumir, numa relação ambígua, o mundo de sua fabricação (LACAN, 1996, p. 98).

Após isso, o que surge é o eu. Esse eu não se reconhece como uma produção alienada do pequeno outro (escrito intencionalmente com a letra minúscula, para se diferenciar do *Outro* escrito com letra maiúscula). Esse pequeno outro é uma alteridade do campo da imagem, e produz um eu que se entende como alguém ativo, que consegue reconhecer seus pensamentos, atos e movimentos. O espelho é a primeira de muitas outras experiências alienantes que irão (de)formar o eu, responsável pela consciência do indivíduo. Os pais dizem à criança o que ela é. A sociedade como um todo diz que ela deve vestir azul ou rosa, que ela deve ser obediente ao professor, que deve entrar para uma boa faculdade, ter um bom emprego, e assim sucessivamente. A partir desse lugar

de identificação que é apresentado para o indivíduo desde que ele é criança, é que ele se reconhece.

Porém, para Lacan, isso ainda não basta para a constituição do sujeito. Ainda falta um movimento, sendo, então, somente após a entrada do grande Outro que é possível ocorrer a constituição do sujeito propriamente dito (LACAN, 1966). Esse grande Outro tem o papel crucial de realizar uma barragem entre a relação puramente imaginária entre o pequeno outro e o eu, de forma que se produz o sujeito do inconsciente. Seu papel é de fundamental organização, caso contrário, o eu se tornará puramente alienado apenas ao pequeno outro no caráter imaginário, e o campo do simbólico se tornará inacessível.

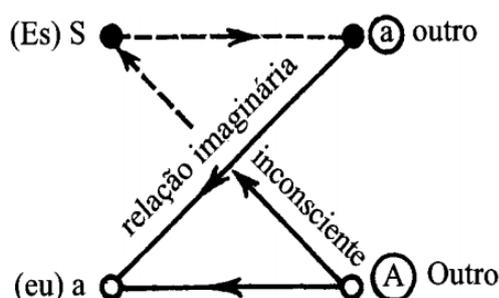
Nessa dinâmica, é necessário que o grande Outro se apresente para evitar a estagnação e alienação total, haja vista que, caso ocorra uma alienação completa do indivíduo de forma imaginária, não será possibilitado que este sujeito sinta a falta inerente. Sem a falta, o eu evitaria o laço social e a busca do seu desejo, pois só é possível haver desejo na presença da falta. Assim, mediante a possibilidade e um fracasso da alienação total, o sujeito que é castrado pela linguagem e é produzido pela falta busca discursivamente a produção de laços para evitar lidar com a angústia constituinte da falta.

O grande Outro é o reservatório dos *significantes*, conceito tirado por Lacan de Saussure, para designar o “[...] elemento significativo do discurso (consciente ou inconsciente) que determina os atos, as palavras, e o destino do sujeito, à sua revelia e à maneira de uma nomeação simbólica” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 708). Assim, no grande Outro é que aparece a demarcação do sujeito, eludindo a uma falta constituinte. Quando o significante aparece para o sujeito, a sensação de estranheza, de *infamiliar* (*unheimlich*), daquilo que é semelhante e diferente ao mesmo tempo, surge. Ao ocorrer, mostra que o eu não tem consciência de tudo, que há algo que lhe falta e que está para além do seu reconhecimento. A partir daí é que pode existir o sujeito para a psicanálise. Como lugar daquele que é produzido pelo inconsciente, temos o verdadeiro Eu, sujeito do inconsciente.

Isso posto, é necessário, então, para a constituição do sujeito três passos: alienação do eu pelo pequeno outro, barragem do desejo do pequeno outro diante do eu pelo grande Outro por meio do inconsciente para o surgimento do Eu, e

consequentemente, a busca do sujeito do inconsciente pela sua completude alienadora (originária do pequeno outro), processo naturalizante do Esquema L, apresentado na figura a seguir:

Figura 5 – Esquema L



Fonte: LACAN (1966, p. 58).

A partir desse esquema, é possível ter uma distinção para demarcar qual a ligação entre o sujeito e a ideologia. A noção de *consciência*, principalmente para o sujeito, tenta destituir um campo de desconhecimento dos fenômenos que circulam nos campos ao redor dele por meio da ideologia. Com o processo inconsciente e ideológico, são conectados os campos sem que o sujeito se reconheça.

Já o significante quando surge, demarcará a este sujeito uma falta constituinte *que a ideologia assumiu para ele não ter*. A ideologia é uma completude alienante nesse ponto ao repetir o caráter do pequeno outro, pois tanto produz este pequeno eu como mostra a ele o que ele deve buscar. Com isso, a ideologia produz no sujeito um caráter de consciência frente à completude de sua operação como sujeito; enquanto em caráter inconsciente o sujeito também terá essa completude ideológica, produzindo com isso para o sujeito uma ilusão de completude. Assim, o sujeito em seu discurso vivencia um sentido pleno, claro e definitivo de sua fala, sem interrogar possíveis outros sentidos que seu discurso opera, camufla ou deflagra. Com isso, a ideologia é inconsciente, fazendo com que o sujeito inconsciente seja assujeitado pela ideologia.

Conforme Pêcheux,

[...] é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se

organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes (PÉCHEUX, 2012, p. 54).

Com isso, a produção do sentido e do sujeito na história implica a ideologia dominante no sujeito, de forma que tal processo acaba por construir um sujeito com uma ilusão de completude, de suposta dominância e consciência de sua voluntariedade quando, na verdade, é produto de um discurso da ideologia. Freud (1921) destaca como a identificação é um elemento fundante das organizações de uma massa ou agrupamento de indivíduos; e que garante com isso a operação do grupo como um todo. A partir da identificação dos seus pares, é que é possível garantir um laço entre os membros, sendo a sua forma mais primitiva de união, de forma que os indivíduos mimetizam apenas os traços isolados do grupo.

Da mesma maneira, Lacan (1966) entende que é a partir do estágio do espelho que o processo de identificação ocorre: diante do espelho, o sujeito reconhece uma imagem com a qual se identifica. Entretanto, essa imagem sempre é do campo externo, afinal, é diante da exterioridade, do fora de si mesmo, que o sujeito consegue se reconhecer. Esse processo por sua vez é uma identificação produzida pelo Outro em direção ao eu, uma formação vinda de fora. Assim, o sujeito sempre é uma produção e identificação passiva de uma formação ativa em direção a ele.

Althusser (1970) fará uso do estágio do espelho lacaniano para estabelecer que a estrutura da ideologia em si opera uma experiência especular diante dos sujeitos, garantido, assim, o funcionamento e a constituição da ideologia e dos sujeitos interpelados por ela. Tal reconhecimento especular faz com que os sujeitos se identifiquem com a ideologia e sejam uma produção dela.

Nasio (1997) destaca que a identificação do sujeito com o significante ocorre a partir do fato de que é o significante que produz o sujeito. Dessa maneira, a identificação é uma experiência pela qual o sujeito é interpelado, e não algo que ele opta por se identificar. A imagem especular que o outro aponta para o sujeito ocorre de forma que o sujeito internaliza tal imagem não como uma experiência exterior, porém como algo inerente e que se produz de dentro do sujeito para fora. Assim, quando o sujeito produz um enunciado e se identifica com ele, está, na verdade, demonstrando a ação do outro em direção ao sujeito.

É o significante e o discurso que falam sobre o sujeito, de forma que é apenas pelo discurso que o sujeito pode aparecer, e sua produção é uma consequência de um enunciado. Pêcheux (1997) destaca que o sujeito é formado a partir das formações ideológicas que lhe são correspondentes, isso é, as formações ideológicas e discursivas que produzem o sujeito de determinada forma, sendo que ele está assujeitado a essa formulação.

A identificação ocorre de forma inconsciente, haja vista que, conforme Althusser (1996) pontua, o sujeito não reconhece as ideologias pelas quais está interpelado, apenas as ideologias exteriores àquela que ele não está inserido, aquelas que ele reconhece em outros sujeitos. Pêcheux (1997) explica que a interpelação do sujeito ocorre por meio da identificação do sujeito com o discurso que lhe domina.

Para explicar as formas de identificação, a obra de Pêcheux aponta três formas específicas de identificação: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação. Todavia, Pêcheux pontua que o processo de identificação-interpelação não ocorre de maneira a encobrir isoladamente e em caráter definitivo a estrutura do sujeito, sendo que jamais ocorre por si só uma “identificação plena” e definitiva do sujeito para com a sua ideologia dominante.

A primeira forma de identificação é explanada por Pêcheux consiste num processo de superposição, *recobrimento*, entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de forma que tal processo se dá de maneira naturalizada e sem resistências por parte do sujeito. O sujeito aceita “de bom grado” sua ideologia, de modo que age e interpela seus efeitos e produções de maneira atuante.

A segunda forma ocorre de modo que o sujeito se coloca como uma contraidentificação com a ideologia, de maneira que ele se reconhece e se separa da formação discursiva apresentada ao enunciá-la separadamente, uma espécie de “mau sujeito”. Dessa feita, ao se apresentar como antítese da formação discursiva dita, esse sujeito se apresenta em um caráter negativo, de forma a agir com o contradiscurso.

Já a terceira forma de identificação, colocada como desidentificação, opera de maneira que o sujeito passa por um processo de transformação-deslocamento e se identifica com outra formação discursiva. Assim, o sujeito passa de uma identificação e se

transforma para outra identificação, identificando-se com uma formação discursiva não propriamente opositora à identificação inicial (que é o que ocorre com a contraidentificação), mas se transforma a partir de uma nova formação discursiva.

Anos mais tarde, Pêcheux (2012) desenvolve que se referir aos processos de identificação do sujeito com a sua formação discursiva,

Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação (PÊCHEUX, 2012, p. 56-57, aspas do autor).

O fenômeno de reconhecimento vai atravessar a vida e a formação do sujeito. Por sua vez, o reconhecimento desse sujeito perante uma massa, um aglomerado, mostra a influência do inconsciente na sua produção. Para Freud (1921), um grupo ou massa opera como uma *mente grupal*, desassociando as diferenças e unificando as similaridades. Aquilo que é de diferente no grupo é esquecido, e são reforçadas as características que unem: os símbolos, elementos, causas, objetivos etc. Um grupo é altamente sugestionado pela autoridade e pela influência, sendo que a capacidade crítica não é uma característica nesse caso.

O comportamento de manada, por ser inconsciente, sustenta uma organização de transmitir singularidade e organização fantasiosa em sua operação, haja vista que a sugestionabilidade e influência são oriundas do inconsciente. Com isso, as massas (re)produzem suas próprias ideologias, para além dos aparelhos ideológicos de estado. O que inicia no aparelho ideológico pode encontrar uma forma de continuidade nos próprios elementos de massa nos quais os sujeitos se encontram.

Com isso, inicialmente, é possível reconhecer que o sujeito lacaniano se produz diante de uma falta constituinte. Porém, a ideologia opera para evitar a demonstração dessa falta, para ilusoriamente tamponá-la, por intermédio do impacto da ideologia nas camadas sociais, por meio da massa e dos aparelhos ideológicos. Justamente, Pêcheux

(1996, p. 150), ao falar sobre a ideologia, dirá que “[...] a evidência da identidade esconde o fato de que ela é o resultado de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem externa, não obstante, é-lhe estranhamente familiar”. Sua reprodução é, nesses termos, uma produção sua.

Entretanto, as conexões entre interpelação, identificação e os aparelhos ideológicos de estado parecem ter um atrito natural durante o seu desenvolvimento, haja vista que são conceitos de diferentes disciplinas. Pêcheux (1996) aponta essa contradição na chamada *causa de si mesmo*: o significante no processo da interpelação-identificação, justificando o seu próprio processo de constituição por meio de uma alteridade em seu núcleo. Apesar dessa possível conexão, ainda existirão o sujeito althusseriano e o sujeito lacaniano, em campos de atuação separados. Isso é uma dificuldade para a análise de discurso, uma vez que as conexões entre a linguística, a materialidade história e a psicanálise é que fundam esta disciplina como uma disciplina de *entremeio* desses campos.

Leite (2003), ao retomar o importante texto de Michel Pêcheux intitulado “Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação”, questiona o papel que o autor demonstra como fragilizado em relação ao tripé entre psicanálise, materialismo histórico e linguística para a organização da análise do discurso. Para tal, Leite encontra uma falha na teoria da interpelação althusseriana que procura no teórico marxista Slavoj Žižek uma solução: o campo em que o sujeito é captado pelo Outro, a partir de uma causa-objeto do seu desejo, é necessário para a constituição do sujeito.

O sujeito barrado é justamente aquele que é cindido, graças à sua falta estruturante. A falta que movimenta o sujeito para além de sua completude, e o permite se movimentar, isto é, buscar uma completude para que ele sinta uma ilusão de completude. Žižek (1996), assim, traz para a contemporaneidade um novo conceito de ideologia:

A ideologia não é uma ilusão de tipo onírico que construímos para escapar à realidade insuportável; em sua dimensão básica, ela é a construção de uma fantasia que serve de esteio à nossa própria “realidade”: uma “ilusão” que estrutura nossas relações sociais reais e efetivas e que, com isso, mascara um insuportável núcleo real impossível [...]. A função da ideologia não é oferecer-nos uma via de escape de nossa realidade, mas oferecer-nos a própria realidade social como uma fuga de algum núcleo traumático (ŽIŽEK, 1996, p. 323, aspas do autor).

A ideologia assim opera no sujeito para que este não precise lidar com a falta constituinte que é justamente insuportável para o sujeito. Para Žižek (1996), assim como o fenômeno da ideologia de Althusser, a ideologia opera de forma efetiva justamente na ausência de seu efeito máximo quando não se sente a necessidade de questioná-la, e sua influência opera de forma que a própria realidade é constituída pela ideologia. A partir desse movimento, é que é possível traçar, em um caráter definitivo, as relações entre ideologia e sujeito do inconsciente: é porque a ideologia surgirá justamente para cobrir aquilo que o sujeito do inconsciente acarretará como sua falta constituinte.

Žižek (2010) pontua o conceito de “interpassividade” como o modelo em que o sujeito se submete de forma passiva em relação ao Outro, para que este produza discursos no sujeito. Nessa relação de dominação do Outro para com o sujeito, o Outro age de forma que o sujeito não precise realizar modificações, sendo apenas uma produção do Outro, bem como a interpelação ideológica opera no sujeito. Assim, sem precisar assumir o seu lugar ativo, o sujeito é uma produção ideológica e inconsciente que assume características interpeladas pelo Outro, carregado pela ideologia.

Os mecanismos operatórios relacionados à ideologia podem encontrar conexões possíveis com a sua associação ao sujeito do inconsciente, da mesma forma que sua produção não necessariamente seja codependente. A ideologia e o inconsciente podem operar separadamente, entretanto, sua conexão pode ajudar a refletir sobre os seus funcionamentos e a compreendê-los, principalmente na análise de discurso.

Assim, é possível dizer que o sujeito da análise de discurso é afetado pela história prévia e institucionalizada constituída em si mesma – com a qual ele convive –, é afetado pela ideologia que afeta e produz os sentidos que ele busca e traz em seu próprio discurso, e está também atravessado pelo registro imaginário, simbólico e real que o impede de articular e ter autonomia e onisciência de suas relações. Essa autonomia por sua vez é da ordem do impossível, porém o sujeito crê na possibilidade de alcançá-la e possuí-la. Tanto o conceito de ideologia quanto o de inconsciente não são imutáveis, pois um acaba por impactar o outro, de forma estrutural e organizadora, ao ponto de que são notáveis os impactos da ideologia no inconsciente e do inconsciente na ideologia (GUIMARÃES, 2016).

Graças a Michel Pêcheux existe a possibilidade de produção de um compêndio teórico, ao unificar na análise de discurso os elementos dos sujeitos althusseriano e

lacaniano. Para tal, Pêcheux mostra com o conceito de *formação discursiva* que “[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que *pode e deve ser dito*” (1997, p. 160). O sentido é uma produção de posições ideológicas, que são interpretadas pelos tais sujeitos-falantes, isto é, sujeitos de seu discurso. Assim, o sentido é possível de ser mutado, pois o que dependerá de tal sentido é, justamente, o sujeito que o ouve, sem perceber que ouve o que busca ouvir. A organização e estruturação dos conjuntos de formações discursivas no discurso será denominada por Pêcheux como o *campo do interdiscurso*.

Para pensarmos a unificação desses elementos, Pêcheux (1997, p. 162, grifos e aspas do autor) resume:

Concluiremos esse ponto dizendo que o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significação percebidas – aceitas – experimentadas. Ao dizer que o EGO [eu]; isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *Sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito *sob a forma de autonomia*, não estamos, pois, fazendo apelo a nenhuma “transcendência” (um *Outro*, ou, um *Sujeito reais*); estamos, simplesmente, retomando a designação de Lacan e Althusser – cada um a seu modo – deram (adotando deliberadamente as formas travestidas e “fantasmagóricas” inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como *interior sem exterior*, e *isso pela determinação do real (exterior)*, e especificamente – acrescentaremos – *do interdiscurso como real (exterior)*.

Logo, quando o sujeito se instaura, ele está para além do seu corpo real, pois se está falando de um sujeito do discurso. Esses elementos a respeito da constituição do sujeito serão referenciais norteadores para o trabalho da análise de discurso. Com isso, surge a possibilidade de questionar como justamente aquele que investiga os processos discursivos se constitui como sujeito em seu dispositivo teórico-analítico.

Destaca-se aqui como a leitura das noções de sujeito e discurso realizadas pela análise de discurso permite o chamado dispositivo teórico-analítico. Pêcheux concede a análise de discurso como um arcabouço de teorias, que viabiliza realizar a interpretação do discurso, fazendo com que o analista de discurso faça a leitura de seu *corpus* com base nos sentidos produzidos por ele.

Sobre isso, Orlandi (2005) destaca que a construção do dispositivo de análise permite uma mudança: de uma posição de leitor para a de analista, pois o analista reconhece que não é capaz de fugir do simbólico ou da ideologia, pois “Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições” (ORLANDI, 2005, p. 61).

2.5 OS ANALISTAS DE DISCURSO

Como Enrst-Pereira e Mutti (2011) apontam, a formação do analista de discurso passa por análise e estudo aprofundados dos “textos fundadores”, isto é, das obras direcionadas à análise de discurso e seus autores mais consagrados. Dentre tais autores, destaca-se em especial Michel Pêcheux, pois sua obra confere à análise de discurso uma característica própria e a elaboração de uma disciplina de interpretação. No Brasil, existe uma forte influência das obras de Eni Orlandi no que diz respeito à formação do analista de discurso. Nesse sentido, faz parte da elaboração do trabalho do analista de discurso revisitar tais obras e dar novas significações e aplicações junto a outras áreas, pensando sempre como a análise de discurso opera em novos discursos.

O agente que visa a realizar a análise de discurso, como Orlandi (2005) assinala, pode ser chamado de analista de discurso. Sua atuação é atravessada por seus conhecimentos prévios, experiências e campo de visão, o que o levará a articular e produzir ferramentas de investigação diferentes para a sua análise, dependendo da sua organização e dos seus conhecimentos prévios.

Orlandi, assim, separa o processo em dois: “[...] há uma parte que é da responsabilidade do analista; e uma parte que deriva da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise de Discurso. O que é de sua responsabilidade é a formulação da questão que desencadeia a análise” (ORLANDI, 2005, p. 27). A autora destaca que a posição que se espera do analista não é de neutralidade, mas uma postura de relativização do processo, que aja nos limites da interpretação, reconhecendo que não consegue se colocar fora dos elementos constitutivos de si mesmo como sujeito.

Assim, para a realização da análise, é mobilizado o dispositivo teórico de interpretação da análise de discurso, somado ao material de referência e de escolha do

próprio analista para a sua determinada análise. Tal dispositivo analítico será um reflexo do saber e análise específicos do pesquisador, influenciando a própria produção da pergunta e pesquisa do analista de discurso (ORLANDI, 2005). Dessa forma, cada material de análise irá fomentar conteúdos diferentes para a sua própria investigação, sendo nenhuma análise igual a outra. “Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais” (ORLANDI, 2005, p. 27).

Para realizar esta pesquisa, o *corpus* foi definido como entrevistas com pesquisadores que defenderam sua dissertação de mestrado em 2019 e mobilizaram a análise de discurso pecheutiana como dispositivo teórico-analítico. Após a realização e filtro de possíveis candidatos, foram encaminhados os convites por e-mail para a realização e coleta dos dados de entrevista para vinte e dois (22) possíveis participantes. Destes vinte e dois participantes, três demonstraram inicialmente interesse em participar da pesquisa. Após um segundo e-mail encaminhado realizando o convite para os participantes, mais três novos participantes responderam ao contato anunciando seu interesse em participar, mas foi realizada a entrevista somente com os dois primeiros, uma vez que já havia material significativo para a procedência da análise do *corpus*.

Dito isso, passa-se a uma breve descrição e definição do perfil de cada um dos entrevistados, para apresentar sua formação acadêmica, ponto de contato inicial com a análise de discurso e temática de sua dissertação. Para garantir o sigilo e o anonimato dos entrevistados, utilizou-se a nomeação de Entrevistado (E) e o número de sua respectiva entrevista, conforme a ordem de realização (1, 2, 3). Assim, tem-se:

E1: Graduada em Letras e em Psicologia. Seu primeiro contato com a análise de discurso foi no final de sua graduação em psicologia quando realiza seu trabalho de conclusão de curso mobilizando a análise de discurso e pesquisando sobre aspectos ligados ao feminino. Em sua entrevista, traz referências à psicanálise. No mestrado, sua dissertação tem como referência de *corpus* um programa de televisão que aborda a temática da loucura;

E2: Graduado em Letras, seu primeiro contato com a análise de discurso foi por meio do projeto de pesquisa de extensão durante a sua graduação, cuja temática de

pesquisa estava ligada ao campo social e político. Depois, em sua dissertação, trabalhou com adolescentes infratores e com conflituosas associadas à lei;

E3: Graduada em Letras. Seu primeiro contato foi em uma disciplina de sua graduação quando foi abordada a temática da ideologia. Após esse momento, estudou, em seu trabalho de conclusão de curso, a análise de discurso, mas não tão direcionada aos trabalhos de Michel Pêcheux. Em sua dissertação, realiza pesquisa com professores para abordar a temática da língua portuguesa;

E4: Graduada em Letras. Seu primeiro contato com a análise de discurso foi diretamente em seu mestrado, quando trabalhou com sua orientadora sobre diretrizes da educação indígena por meio da análise de discurso;

E5: Graduada em Letras e em Direito, seu primeiro contato com a análise de discurso foi no mestrado. Na ocasião, trabalhou em sua pesquisa um encontro entre suas duas graduações: o papel da língua portuguesa nos cursos de Direito.

As perguntas feitas aos entrevistados consistiam no princípio norteador para a realização da entrevista e coleta de possíveis recortes e sequências discursivas que pudessem responder aos objetivos da pesquisa. Todavia, ressalta-se que, conforme o andamento e relato dos entrevistados, a partir de pontos, ênfases, equívocos, ocultações, trocas de palavras, hesitações e até mesmo do realce de certos materiais do enunciado dos participantes, apareceram determinadas temáticas não previstas.

O objetivo, ao interrogar tais evidências, era sempre que o entrevistado pudesse sentir-se aberto e livre para direcionar o tema da pergunta da forma que preferisse. Com isso, algumas vezes somente realçar um termo ou marca linguística era o bastante para que o entrevistado se direcionasse a tal item e falasse sobre o tema. Caso não fosse possível ou se buscasse retomar uma temática anterior, eram realizadas perguntas voltadas a determinado tema já dito, reforçando o enunciado dito pelo entrevistado.

Para a realização da entrevista, foram elevadas as seguintes perguntas por meio de um roteiro semiestruturado, conforme é apresentado também no Anexo A:

1. Conte como foi o seu encontro com a análise do discurso?

2. Como foi o seu percurso com a análise do discurso durante sua dissertação de mestrado?
3. Como você pensou e organizou o seu trabalho de dissertação com base na análise de discurso?
4. Hoje qual a percepção que você faz da análise de discurso?
5. Para você, o que define um analista de discurso?
6. O que definiria na sua visão um analista de discurso daquele que apenas utiliza o método como referência?
7. Você se define como um analista de discurso? Por quê?

Após a coleta dos dados e de sua transcrição, foram produzidos arquivos específicos de cada uma das entrevistas. Para apresentar e organizar os recortes discursivos, são referenciados conforme o nome do entrevistado (E1, E2, E3...), o número da sequência discursiva (SD1, SD2, SD3...) e a página em que está localizada a sequência discursiva de acordo com a respectiva entrevista.

Nesses termos, foram definidas quinze (15) sequências discursivas para serem trabalhadas em dois capítulos. O primeiro capítulo, ao abordar a experiência de conhecimento e de encontro dos entrevistados com a análise de discurso, teve cinco (5) sequências discursivas analisadas. O segundo capítulo, que aborda os processos de identificação dos entrevistados com a análise de discurso e os efeitos da análise de discurso como dispositivo, possui dez (10) sequências discursivas analisadas.

A seleção de recortes e interpretação das falas em sequências discursivas por si só já consiste em um trabalho de interpretação por parte do sujeito analista de discurso. Assim, ao se realizar um ato de interpretação, está-se fazendo também um gesto de leitura dos enunciados dos entrevistados, seja daquilo que eles relatam em seu sentido deflagrado, seja naquilo que não é percebido por eles, como seus equívocos, hesitações, troca de palavras, conjunto de elementos que se repetem ou que tematicamente foram ressaltados.

Conforme a análise das entrevistas, as perguntas direcionadas englobaram duas grandes temáticas, que foram divididas nos dois capítulos seguintes. Cada capítulo

corresponde a um conjunto de sequências discursivas produzido pelos participantes, que se associa a um dos objetivos específicos da presente dissertação, sendo que seu recorte e análise não necessariamente se conecta diretamente com a resposta de determinada pergunta realizada pelo entrevistador. Assim, os capítulos estão separados conforme sua temática e sequências discursivas, e não pelas perguntas realizadas durante a entrevista.

3.0 (DES)CONHECIMENTO DA ANÁLISE DE DISCURSO

Neste primeiro capítulo analítico, são abordadas as sequências discursivas que foram evidenciadas nos relatos dos entrevistados diante do seu encontro com a análise de discurso. Perguntou-se sobre a experiência de apresentação do dispositivo, as vivências e processos que os participantes tiveram com a análise de discurso e os seus impactos em relação ao dispositivo. As sequências discursivas foram agrupadas em determinadas temáticas específicas, conforme os seus enunciados. A partir do dispositivo teórico-analítico, foram mobilizados conceitos ligados a sujeito, tais como interpelação, discurso, relação do sujeito com o inconsciente, entre outros.

3.1 O ENCONTRO COM A ANÁLISE DE DISCURSO

Conforme o andamento da pesquisa, foram se evidenciando no decorrer das entrevistas determinadas metáforas, marcas linguísticas e expressões nas falas dos entrevistados que demarcavam determinadas formas de dizer sobre a sua experiência, que ressoaram como carregadas de sentido para além do sentido do entrevistado. Para realizar as análises, buscou-se investigar e dar ênfase aos momentos de hesitação, de comunicação dúbia, de falas desconexas ou de abstração da comunicação do entrevistado que pudessem demonstrar possíveis sentidos divergentes daqueles que estavam previamente dados, lembrando sempre que o discurso é o efeito de sentido entre locutores. Assim, o que se realiza como elemento de interpretação é uma possível interpretação, jamais fechada, completa ou em definitivo, e sim sempre aberta a novas interpretações, novas leituras e compreensões para além daquilo que já estava previamente determinado. Também é importante ressaltar que determinadas marcas linguísticas podem ser lidas como significantes, todavia, nem todo significante representa uma marca linguística. Nos referimos a marca linguística no que tange a uma determinada repetição no discurso ou enunciado que engloba possíveis sentidos inconscientes e

ideológicos, e nos recorreremos ao conceito de significante para aquilo que representa o sujeito no inconsciente.

Destacamos que não mobilizaremos para realizar as análises a noção de intradiscurso, que conforme Pêcheux (1997), é as condições de produção de um discurso, de forma que o intradiscurso engloba o sujeito produzido por um determinado discurso. Optamos com isso por trabalhar as relações de interdiscurso, que se refere as relações entre os discursos, de forma a antecipar esse sujeito ideologicamente produzido. Com o interdiscurso é possível reconhecer as presenças e ausências de determinados discursos operando de forma mútua, produzindo e modificando os sujeitos. Assim, o interdiscurso engloba as relações dos discursos na produção dos sujeitos.

Nesse primeiro momento, são destacadas as experiências de fala dos entrevistados que marcam relações entre o sujeito e o seu lugar na análise de discurso. Como foi esse ingresso do entrevistado em relação à análise de discurso? Que dificuldades e experiências diversas tiveram em relação à análise de discurso? Tais questionamentos norteadores são pertinentes para responder ao primeiro objetivo específico, a saber, investigar a partir dos relatos do *corpus* efeitos de sentido e de subjetivação dos discursos dos entrevistados sobre a sua trajetória de (des)conhecimento e descoberta do dispositivo da análise de discurso.

Ao discorrer sobre o seu encontro com a análise de discurso, uma das falas que chamou a atenção é a de E2, sobre o aspecto de voluntariedade e intencionalidade frente à análise de discurso:

SD1: [...] **Entrar** na análise do discurso é começar a ter/ é// contatos/ é começar ver as coisas pela primeira vez né/ porque aí você tá **numa outra posição** e começa ver coisas que antes pra ti era completamente// é/ impossíveis né, porque aí você começa a desconstruir/ né, evidências. [...] (E2, p. 4).

No relato de E2, o significante "entrar" sobressai porque, conforme o seu relato, ele escolheu "entrar" na análise de discurso, como uma porta que se pode atravessar de um espaço para outro, e como essa experiência de conhecimento em relação à análise de discurso soa como uma caminhada voluntária, como se o entrevistado pudesse ir conhecendo e aprendendo sobre a análise de discurso à medida do seu interesse. Assim, é possível construir o entendimento de uma entrada, no sentido de uma passagem de um

momento em que não se conhece algo para um momento em que se conhece a análise de discurso.

É possível realizar um comparativo disso com a passagem do real, o campo do sem sentido, em que nada se conecta ou possui lógica, campo do desconhecimento, para o campo do imaginário, de conhecimento, completude e cheio de sentido (JORGE, 2008). Para se adquirir conhecimentos em relação à análise de discurso se deflagra, sim, a necessidade de aprender conceitos sobre o dispositivo teórico-analítico. Entretanto, a sequência discursiva carrega em si fenômenos do discurso para além do sentido já posto e dado.

Essa experiência de "entrar", como E2 pontua, ressalta o caráter de desconhecimento do sujeito em relação ao discurso, de forma que ele não reconhece os efeitos do discurso diante de si mesmo. Conforme Althusser (1996), o sujeito, interpelado pela ideologia, não reconhece seu discurso, e age de "bom grado" em relação à ideia de que possui voluntariedade.

Tudo acontece de forma que a produção do suposto indivíduo em relação ao seu conhecimento, ato e ação opere a partir de uma suposta consciência atuante, ao passo que a experiência que ocorre é justamente a análise de discurso, que como discurso está para fora dos limites de controle do sujeito. Todavia, é necessário reconhecer que a "plena" sensação de que o pesquisador, supostamente agindo como ativo no significante "entrar" na análise de discurso, não reconhece sua interpelação ideológica, fazendo com que ele esteja assujeitado aos fenômenos discursivos com os quais precisa trabalhar.

Assim, o "entrar" que E2 propõe em relação à análise de discurso demarca que existe uma entrada, porém ela é inversa – não é o sujeito que *entra*, mas o discurso que lhe invade, que o produz como sujeito na análise de discurso. Essa experiência que E2 possui em relação à análise de discurso é a de que o discurso cria, produz o sujeito, sendo que aquilo que ele experimenta como algo novo é por sua vez a sua produção como sujeito do discurso.

Althusser (1996) pontua que a ideologia funciona de forma que o sujeito interpelado acata de bom grado o funcionamento, operação, atos e ideais de sua própria ideologia. Citando exemplos, Althusser traz como referência a escola, de forma que os

saberes propostos pela instituição se referem a produzir um sujeito ético em acordo com a sociedade, não reconhecendo que há o molde de um determinado aparelho ideológico.

Assim como a escola, em que as crianças "entram" para aprender diversos temas e são ensinadas a praticar bons costumes, é possível pensar nesse comparativo a partir da SD1. De onde sai e para onde entra o sujeito analista de discurso, diante da análise de discurso? Uma possibilidade é pensar o aspecto de uma experiência em que, conforme E2 na SD1, "se começa a ver as coisas pela primeira vez".

Essa primeira cena como algo novo ressoa como uma vivência em que, metaforicamente, antes de entrar não se via, não se olhava, de forma que a experiência de desconhecimento antes da "entrada" na análise de discurso era uma visão menor, inferior àquela colocada no relato de E2. Todavia, a partir do relato, ressalta-se como a experiência diante da entrada na análise de discurso transformou o sujeito, haja vista que, conforme E2, ele começa a ver coisas antes impossíveis.

O significante "posição" mobilizado na sequência discursiva SD1 também se destaca como pertinente para se refletir sobre o caráter que determina o sujeito. De acordo com o dicionário de Oxford (2021, on-line), a palavra "posição" se refere a: "1. situação espacial de um corpo, definida em relação a um ou vários pontos de referência **fora** dele [grifo nosso]. 2. lugar ocupado por um corpo".

Kushnir (2020), recorrendo à tradução original de Lacan, recolhe a expressão do autor: "de nossa condição de sujeito, sempre somos responsáveis". O significante, "posição", está reassegurando para o sujeito sua noção de voluntariedade em relação ao seu espaço de inserção, que reitera o sentido, em primeira camada, de um ato ativo em relação ao discurso. Todavia, o que se apresenta é, na verdade, uma associação ligada à condição de interpelação do indivíduo que lhe produz como sujeito. O Outro, local do discurso inconsciente, permite pensar que a produção deste sujeito que se encontra com a análise de discurso é de sua produção como significante em relação ao discurso da análise de discurso. Logo, os efeitos do discurso sempre são de uma ordem do inesperado, do equívoco, daquilo que não cessa de se escrever para o sujeito.

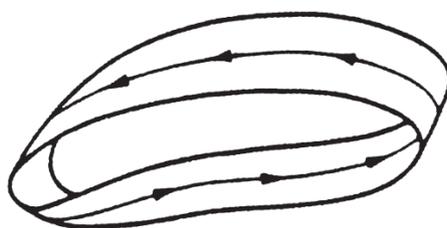
Grigoletto (2005) retoma de Courtine a noção de posições-sujeito, para pensar o funcionamento discursivo do sujeito em relação a uma determinada formação discursiva.

Assim, destaca que, em relação ao funcionamento do sujeito, ele pode ocupar diferentes posições-sujeito em relação a diferentes lugares discursivos. Nessa perspectiva, é possível que, apesar de que o sujeito analista de discurso possua uma relação determinada diante de um espaço para se analisar e produzir análises sobre o discurso, acaba também se localizando em outros espaços para além do seu reconhecimento.

Para se pensar esse funcionamento, é possível propor a ideia de que o analista de discurso trabalha com um recorte discursivo: ao recortar algo, ele filtra determinado discurso para a sua análise. Todavia, isso não exclui a parte que fora recortada e que não será mobilizada para a sua pesquisa – ela continua lá, no real do discurso. Tais experiências salientam o enunciado de E2 ao "tirá-lo do lugar" em que ele se esperava como sujeito analista de discurso. Com isso, o trabalho da análise do discurso não permite que o sujeito possa se isentar dos fenômenos discursivos pelos quais ele mesmo está perpassado.

Conforme Jorge (2010), a proposição lacaniana em relação ao inconsciente anula a noção de dentro e fora quando se fala do inconsciente. O inconsciente se apresenta na linguagem na medida em que a linguagem possui uma característica sempre simbólica, de duplo sentido, o que leva à ação de o inconsciente ser constante. Como explanação, Ferreira (2005) destaca a estrutura da banda de *moebius*, uma figura topológica provinda de Lacan para demonstrar que não existe dentro e fora quando falamos da estrutura discursiva. É possível pensar na estrutura da banda de *moebius* a partir do modelo proposto por Nasio, que pode ser visto na Figura 6:

FIGURA 6 – Banda de Moebius



Fonte: Nasio (2011, p. 15).

Para Nasio (2011), a banda de *moebius*, originalmente uma estrutura utilizada na engenharia, apresenta-se como uma fita que possui uma torção dentro de si mesma, que

permite que se possa aproveitar totalmente o seu espaço, de forma que em um momento a passagem da linha se "inverte" dentro de sua própria estrutura, ao contrário de uma fita tradicional, na qual se separam de forma bastante destacada a borda de dentro e de fora. Esse recurso topológico pode ser mobilizado, conforme Ferreira (2005), para se pensar sobre a estrutura do discurso proposta por Pêcheux, no que tange a um discurso "completo", "redondo", sem furos ou faltas.

Destaca-se que a experiência de entrada do sujeito analista de discurso na análise de discurso é, na verdade, uma entrada da análise de discurso nesse pesquisador, o que produz um sujeito. Esse sujeito, *agora*, consegue perceber as relações do discurso com o sujeito ideológico e inconsciente – anteriormente não havia essa distinção para tal pesquisador. Isso é o bastante para poder situar que existe, ao menos, um discurso em relação à análise de discurso.

Pensando na relação do sujeito e na sua experiência frente à análise de discurso, E2 continua explanando o seu relato em relação à análise de discurso. Em determinado momento, ele reforça a experiência ligada ao espaço de desconhecimento no que tange à análise de discurso, que chama a atenção pelo seu caráter denso e altamente carregado de elementos pertinentes, que demarcam a experiência do sujeito no que diz respeito à análise de discurso:

SD2: [...] **eu tinha criado** toda uma expectativa/ toda uma **idealização do que era uma pesquisa** e aí quando efetivamente digo "sim/ vou participar"// eu me deparei/ me deparo/ com uma pesquisa que tinha um cunho/ é.../ fortemente social/ é.../ comprometido ética e politicamente.// Então/ é// como eu já tava no barco/ decidi né/ vamos seguir/ mas confesso que houve aí um momento de quebra de expectativa// [...] **você abre os olhos pra coisas muito diferentes** né/ especialmente com dezessete anos/ você não sabe muito da vida/ então logo de cara você tem contato com uma obra dessas/ que enfim/ é// que faz repensar tudo aquilo que desconhece na verdade/ porque você nem chega a conhecer nada né/ **tudo aquilo que você desconhece é realmente uma// uma/ uma coisa muito forte.**

Pesquisador: Forte/ tu pensa em que sentido/ assim?

E2: **Forte no sentido que te tira do lugar**/ né/ tira do lugar que você estava acostumado, das coisa que você escutava e tipo, te põe num lugar completamente diferente [...] porque justamente te coloca em um lugar e te tira de outro, que é um lugar completamente **inquietante** (E2, p. 3).

As marcas linguísticas presentes na SD2 destacam um conjunto de significantes da relação do sujeito com a análise de discursos. Chama inicialmente a atenção a expressão

"eu tinha criado toda uma expectativa", no sentido de o entrevistado poder supor uma relação já previamente concebida, portanto, imaginária, de sua relação com o seu trabalho de pesquisador.

A relação dessa *surpresa* ao se deparar com algo totalmente diferente de sua pesquisa faz pensar em como essa relação do sujeito com a ideologia o interpela e busca evitar, de forma permanente, a invasão de outros possíveis sentidos. Esse processo de desconhecimento e de, simplesmente, surpresa, que o sujeito tem em relação ao inesperado, ao ato falho, ao equívoco da ação, demonstra também como a falha permanente de completude do Eu transcorre no discurso e o leva a sempre tentar preservar um "modelo" característico de sua ação, mesmo no que tange à análise de discurso. A expectativa e idealização de uma pesquisa chama a atenção, pois supõe um específico modelo sobre o que seria uma pesquisa ideal, isto é, uma estrutura de pesquisa que deveria ser alcançada.

Pensando na relação do sujeito com sua pesquisa, é possível considerar a presença do imaginário como aquilo que produz uma imagem espelhada, um ideal que o sujeito deve buscar atender para preservar sua completude, sendo que, a busca permanente pela ilusão de preservação da sua figura em relação ao imaginário leva o sujeito a procurar crer na possível preservação do seu estado de completude, sem falhas ou com possibilidades de reformulação. Com isso, é necessário que o sujeito, embora atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, busque sempre agir a partir da negação de sua incompletude e de não dominação em relação ao discurso.

Assim, o que se destaca também na fala de E2 sobre "coisas muito diferentes" e "uma coisa muito forte" se não o real que não se cansa de se inscrever no discurso? Tal real pontua para o furo do discurso e da idealização, ao lembrar que o imaginário, sempre tentando preencher expectativas, ideais e sentidos, falha diante daquilo que escapa em sua relação com o discurso.

Conforme Althusser (1996), o processo de interpelação terá continuidade da mesma forma que o sujeito é capaz de reconhecer em terceiros as ideologias que não lhe são alienadoras, porém aquelas pelas quais este é interpelado não são por ele reconhecidas. Assim, apesar de o sujeito analista de discurso reconhecer de forma técnica, "consciente" o funcionamento da ideologia e do inconsciente, não reconhece o funcionamento desses em virtude do discurso que o interpela. Lembrando que é impossível o sujeito ser livre do discurso (PÊCHEUX, 1997), é necessário que se possa

refletir sobre as articulações que o sujeito analista de discurso deverá realizar no momento da interpretação do discurso, considerando que não pode jamais fugir de estar em formações discursivas.

Pêcheux (2012) viabiliza pensar como o acontecimento do discurso demarca o real do discurso. O real é a aparição daquilo que ainda não foi nomeado ou não era, justamente, previsto pelo sujeito diante de uma cadeia discursiva. Sua inscrição, seja no equívoco, no ato falho, na anedota, ou na falha do discurso demarca a experiência de desconhecimento do sujeito diante do seu território. "Esse real é impiedoso" (PÊCHEUX, 2012, p. 35), conforme Pêcheux, justamente por recolher do sujeito a sua experiência de completude e de domínio do seu campo, que lhe produz um furo que faz com que ele busque de forma permanente preenchê-lo com a linguagem.

Essa experiência de ser "algo muito forte" para o entrevistado em relação à análise de discurso faz pensar nas dificuldades e exigências que o trabalho da análise de discurso produz no sujeito analista de discurso frente a algo que é, também como reitera E2, inquietante. O difícil trabalho de se pesquisar com a análise de discurso remete ao que Orlandi (2005) reitera sobre o pesquisador estar intimamente vinculado ao dispositivo teórico-analítico. Assim, ele não é apenas agente em relação ao discurso, mas, e o que é tão difícil, é também sujeito: está à mercê do discurso, de se surpreender e de não se reconhecer em relação ao seu lugar.

Além disso, na fala de E2, o enunciado "como eu já tava no barco/ decidi né/ vamos seguir/" faz pensar que, assim como no barco, o sujeito não pode pular fora dessa situação. E se pudesse, pularia? O barco reitera a relação do sujeito com o discurso; está passivo, sendo guiado pelo barco, aqui, "ativo", muito ao contrário do que o sujeito primeiramente esperava. E quem guiaria esse barco? Aposta-se na hipótese do navegador, e mais tarde a iremos desenvolver. Nessa hipótese há a compreensão de o barco ser a própria análise de discurso como dispositivo.

O que tais marcas linguísticas levam a pensar é justamente no funcionamento da relação do sujeito analista de discurso com a análise de discurso. "Entrar", assim como "te tirar do lugar", fazem pensar: qual o lugar do sujeito analista de discurso em relação à análise de discurso? A relação do sujeito analista de discurso com a análise de discurso parece demarcar um *status* de produção de sentido em que o sujeito analista de discurso, frente à análise de discurso, abre-se para um novo campo, um novo espaço; todavia,

esse novo campo parece não o afastar da relação de alienação com a análise de discurso.

Com isso, uma primeira consideração pertinente é a de que a análise de discurso, como um *discurso*, também produz um sujeito. A análise de discurso, como dispositivo teórico-analítico, produz um novo sujeito frente a sua pesquisa: um sujeito também cindido, clivado, descentrado de sua relação com o inconsciente e com a ideologia, também produto das suas relações com a análise de discurso.

Essa experiência de produção do sujeito é o que talvez E2, tanto na SD1 quanto na SD2, destaca em relação ao seu encontro com a análise de discurso: estar em um novo lugar pelo qual o sujeito nunca espera. Assim como a banda de *moebius*, é possível pensar nessa relação do sujeito não como uma experiência de antes ou depois do encontro com o discurso da análise de discurso, pois, vide que o sujeito é uma produção discursiva, ele é um produto do discurso. Assim, é possível considerar que a análise de discurso produz, por si só, na experiência do sujeito analista de discurso, também um sujeito que se depara com contornos ligados à trama do discurso.

3.2 O EFEITO DO DISCURSO NO SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO

Conforme o desenrolar das entrevistas, pôde-se colher não apenas relatos da trajetória dos entrevistados frente à análise de discurso, suas percepções de conhecimento e de desenvolvimento, mas também suas dificuldades e desafios ao pensar e trabalhar com o dispositivo-teórico analítico. No desenrolar do pensamento crítico e científico, muitas ciências têm uma tendência de poderem afastar o sujeito pesquisador do seu objeto de estudo; entretanto, com a análise de discurso, isso se torna uma impossibilidade, visto que o entrevistador está implicado em seu objeto.

Conforme Orlandi (2005), trabalhar com a análise de discurso é se mobilizar e justamente se colocar como ativo em relação ao trabalho de interpretação, visto que o pesquisador faz a seleção e mobilização de conceitos teóricos, pensa na estrutura e organização de sua pesquisa e, ao realizar recortes e a seleção do seu *corpus*, faz gestos de interpretação. Todavia, nota-se no relato dos entrevistados que essa experiência de seleção e de encontro com o seu *corpus* gera experiências que não eram aguardadas, por não possuir no seu imaginário a expectativa de defrontar-se. Ao ser questionado

sobre como foi a experiência frente à realização de sua pesquisa, mediada por entrevistas, E2 relata:

SD3: Foi, foi, foi muito difícil, foi muito difícil. É... como era um tema social, é... **às vezes eu ficava muito triste, porque eram entrevistas, então às vezes ficava muito triste com o que, né, as entrevistadas diziam, eu me via muito afetado e, é...//** com dezessete e dezoito, aí a adolescência também (risos), faz parte dessa trajetória. Então você vai amadurecendo no caminho, então você lida com problemas que são pessoais, que são suas da idade e que são contestadas com uma responsabilidade muito grande, fazer pesquisa também é uma responsabilidade muito grande, especialmente quando você trata com entrevistas, com temas sociais, então, eu confesso que tive bastante problemas, inclusive pra me adaptar, é... essa entrada na teoria também não foi fácil, é... pela dificuldade também obviamente, da complexidade dos textos, **mas também pra sair de um lugar comum, pra ir aí pra um, um outro lugar.** Acho que é isso. (E2, p. 3)

Do enunciado produzido pelo sujeito, chama a atenção suas fortes e difíceis falas frente ao trabalho com a análise de discurso, que mobiliza o sujeito analista de discurso frente ao trabalho com as temáticas sociais e, muitas vezes, vulneráveis e de desconhecimento do sujeito, de um campo em relação ao qual ele pode não estar inserido no seu cotidiano, de forma que pode se deparar com discursos que estão alheios ao seu campo de alienação. O imaginário é pautado pelo campo do conhecimento, de forma que aquilo que lhe é desconhecido se apresenta e lhe demarca a falta, produzindo efeitos. O real assim "ex-siste", isto é, existe em sua ausência.

Uma marca linguística que mobiliza e aponta para a possibilidade dessa experiência é justamente o caráter de hesitação no relato do entrevistado no enunciado "foi, foi, foi muito difícil, foi muito difícil". Essa repetição dá um caráter também de ênfase. Além disso, a hesitação de sua fala acaba fazendo pensar em um caráter de dúvida, de ambiguidade, e com isso também leva a contemplar a possibilidade de uma fala a partir de um lugar de inquietação, de não conformidade com sua experiência, sendo que, conforme já teorizado no presente trabalho, tal lugar é justamente o lugar em que o sujeito está.

O sujeito é uma produção do discurso, sendo que, em decorrência da relação entre a ideologia e o inconsciente, o sujeito sempre está cindido, alienado, faltante e à mercê justamente do discurso, não reconhecendo que é uma produção do discurso, de forma que este discurso lhe determina como aquilo que pode ou deve dizer frente à determinada formação discursiva (PÊCHEUX, 1997). Conforme Lacan (1996), é justamente nos momentos de produção e de fala do sujeito, efeito da linguagem, que ele tropeça,

equivoca-se e, neste caso, hesita, que é possível ver demarcações que apontam como se encontra o sujeito.

O caráter de cientificidade e a relação com o sujeito analista de discurso serão pontuados de forma mais aprofundada no Capítulo 4; todavia, neste momento é possível dizer que Pêcheux (1997) realiza um longo trabalho para questionar o caráter "autêntico" da ciência em relação aos fenômenos ideológicos. Coloca-se *autêntico* entre aspas porque o suposto discurso científico é visto discursivamente como neutro na história. No entanto, para Pêcheux, o desenvolvimento histórico de uma práxis científica não é separado, neutro ou ainda de abstenção em relação à luta de classes. Isso porque o desenvolvimento da ciência está à mercê também de produções ideológicas, fato pelo qual a relação de pesquisa do sujeito no que diz respeito ao seu objeto não se resume a uma separação de ambos.

Assim, conforme o autor, não existe um "discurso da ciência", pois todo discurso consiste em um discurso de um sujeito. Nesses termos, o relato permite ver como a relação do sujeito com a sua prática de pesquisa está colocada, antes do encontro com a análise de discurso, como uma relação em que não existiria um sujeito analista de discurso frente ao seu objeto de pesquisa, de forma que o sujeito analista de discurso, na análise de discurso, está deflagrado como relacionado à sua pesquisa, intimamente conectado com ela.

A partir dessa compreensão, entende-se também a marca linguística utilizada pelo entrevistado em SD3 quanto ao seu "lugar comum". O que seria esse lugar comum? Como se poderia separar e definir esse lugar comum de um lugar *incomum*? É comum em relação a quê? Há quem? Para onde o sujeito analista de discurso vai ao sair desse lugar comum?

Pensando inicialmente nessas questões, indaga-se como o real demarca assim a falha de se preservar e reconhecer-se em um mesmo espaço de conhecimento. Lacan (1966), ao pensar no que consistiria a realidade, pontua que a realidade é uma construção também imaginária de cada um, uma ficção que se instaura para garantir que o sujeito possa sobreviver ao encontro com o real. Retomando Freud em seu texto sobre a questão do indivíduo sobre a sua própria realidade, Lacan considera que a realidade que o sujeito produz pode ser reconhecida, em psicanálise, como um sinônimo da linguagem.

Nesse sentido, onde existe a linguagem, e conseqüentemente, o discurso, o sujeito pode caminhar por um terreno de conhecimento que o permite fugir do real. Com isso, é possível refletir sobre o fato de que o trabalho do analista de discurso, no que tange ao campo da interpretação, assim como a operação de assujeitamento que lhe é imposta, é caro. Caro como significante de dois sentidos: (1) de valor alto, no que diz respeito a algo que é difícil para o analista de discurso trabalhar, reconhecendo seus limites e dificuldades para a realização de seu trabalho; e (2) como algo que ultrapassa o preço que os sujeitos geralmente *pagam* no que tange a sua relação com a ideologia: não apenas estar assujeitado, mas ter que, em seu trabalho, defrontar-se com o real do discurso que nunca cansa de se inscrever. Com isso, o que se demonstra é que o trabalho de realizar uma análise de discurso é de grande dificuldade, de desafios e de coragem.

O lugar do sujeito em relação ao discurso, de sua transição entre um lugar comum para um lugar incomum, fora do comum ou no caso da SD3, "um outro lugar" interroga na relação do sujeito com o discurso. Frente a um novo discurso, o que ocorre é uma produção de um novo sujeito, haja vista que o discurso interpela e produz o sujeito. Isso leva à compreensão de que o contato com a análise de discurso produz um novo sujeito, "um outro lugar", sendo que este outro lugar é um lugar de uma nova posição sujeito.

Retomando as formas de identificação do sujeito com o discurso, Pêcheux (1997) destaca a desidentificação, sendo uma operação na qual o sujeito passa por transformação e deslocamento de uma formação discursiva para outra. Assim, o sujeito, inicialmente identificado com uma formação discursiva, sendo necessário neste ponto retomar as considerações sobre o "lugar comum", passa para uma outra formação discursiva, o chamado "um outro lugar", de forma que o sujeito é transformado a partir desse novo discurso. Isso acarreta comportar a possibilidade de existir uma formação discursiva sobre a análise de discurso, de forma que tal formação discursiva também produz sujeitos. Será necessário continuar e aprofundar as análises para pensar na possibilidade de confirmação desta hipótese.

Outra sequência discursiva que faz pensar em tal relação do sujeito analista de discurso com a análise de discurso contempla o caráter científico e de relação do sujeito analista de discurso com o seu trabalho. Quando E3 foi questionado sobre como foi sua experiência durante a sua dissertação com a análise de discurso, tem-se a seguinte sequência discursiva:

SD4: Então... é... um pouco difícil (risos), porque eu acho que a teoria em si, é muito difícil e complexa, né, então como a análise do discurso ela envolve campos, diferentes né, como então a linguística, as ciências sociais, o materialismo histórico e além da questão do inconsciente, então, a... **compreender todos os domínios**, entender como eles se entrelaçam, acho que não foi uma tarefa fácil... (E3, p. 3)

Nesse excerto chama a atenção a fala "compreender todos os domínios". O que seriam todos os domínios? São os supostos domínios dos campos da linguística, ciências sociais, materialismo histórico, inconsciente; ou estaria se referindo a todos os domínios possíveis, para além desses? O que significa pensar o papel do domínio? É dominar o quê? Como? Assim, como se daria a relação do sujeito analista de discurso a partir de uma dominação dos domínios? Será que é possível ir além e pensar que o ato de dominação é um requisito necessário para se trabalhar com análise de discurso?

A palavra *domínio*, conforme o dicionário OXFORD (2021, on-line) significa:

1. Supremacia em dirigir e governar as ações de outrem pela imposição da obediência; dominação, império.
2. direito ger. Reconhecido de propriedade e supremacia de um indivíduo ou indivíduos sobre outro(s).

A partir disso, é possível considerar a hipótese de que a palavra "domínios" assuma uma característica de significante, sendo que "domínios" se refere também a dominar algo, no caso, dominar a análise de discurso. Assim, dominar significaria não ter por onde escapar daquilo que está apresentado pelo dominador, de forma que nada escaparia à ideologia frente ao domínio do conceito de ideologia, nada da ordem do inconsciente escaparia ao domínio dos conceitos da psicanálise, e assim sucessivamente.

Todavia, o que se destaca em Pêcheux (2012) é justamente que há algo da ordem do discurso que sempre escapa, que não cansa de se inscrever, e que, por mais analítico que seja o trabalho do analista de discurso, sempre existirão elementos que escapam à sua interpretação, pois, em decorrência do real, sempre "ex-siste" algo que existe na ausência de todo sentido. Assim, frente à análise de discurso, bem como aos enunciados das sequências SD1 e SD2, o sujeito analista de discurso pode pensar na possibilidade de se encontrar com domínios que regem sua ação ativa: ali ele identifica um discurso, deflagra algo que a princípio o sentido esconde, todavia, ele pode crer que supostamente para além disso não haveria nenhum sentido. Nesses termos, compreender todos os domínios seria também dominar as possibilidades dos fenômenos ideológicos, inconscientes, discursivos etc.

A análise de discurso está colocada como uma disciplina de entremeio entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise (ORLANDI, 2005). Porém, isso não quer dizer que exista uma obrigatoriedade sobre o conhecimento de tais disciplinas para se realizar uma análise de discurso, haja vista que a apropriação teórica de alguns conceitos a partir do dispositivo analítico garante a mobilização de certas maneiras de interpretação e recorte do discurso.

O que se destaca é que o encontro com tais disciplinas é não definitivo: ocorre um entrelaçamento dos seus conceitos; no entanto, nenhuma delas promove reducionismo. Uma das dificuldades que Pêcheux reconhece e tenta desenvolver (1997) sobre o caráter da análise de discurso é justamente o reconhecimento de que a linguagem, o inconsciente e a ideologia são conceitos cruciais e referências para a análise de discurso, porém, em decorrência de sua conceitualização e operacionalização, acabam por produzir e instaurar contradições ao serem entrelaçadas.

Essa crítica no modelo pleno da chamada "tríplice aliança" faz com que a expressão "compreender todos os domínios" da SD4 ressalte o que Pêcheux constitui na elaboração da análise de discurso: a falha permanente do domínio de tais abordagens em relação ao discurso. Entretanto, a saída proposta por Pêcheux (1997) sugere o entrelaçamento dessas disciplinas para não garantir uma completude plena, haja vista que há falha em dizer que o seu funcionamento é completo. Reconhecer, conforme a SD4, a compreensão dos domínios instiga a proposta de Pêcheux: é sempre da ordem da falha o reconhecimento de todos os domínios da análise de discurso, haja vista que o discurso sempre possui algo que escapa ao seu reconhecimento e é da ordem do impossível.

Além disso, "compreender todos os domínios" chama a atenção para a relação de totalidade em seu enunciado, sendo que "todos" justamente roga para a questão de totalidade, de não haver exceção para a compreensão dos domínios. Assim, não haveria nada fora da compreensão dos domínios para o sujeito, realizando um apagamento do real, daquilo para o qual não haveria sentido algum.

A relação entre os três registros – imaginário, simbólico e real – parte da proposição de que no imaginário tudo tem sentido, no real não existe sentido e no simbólico há mais de um sentido. Assim, a trama de atritos entre existir sentido em tudo ou não é justamente essa relação entre imaginário e real: busca-se sempre produzir

sentido para frear o real, para que cada vez mais se possa reduzir aquilo que não tem sentido.

Essa relação do discurso de totalidade é mais uma demarcação para a relação em que o sujeito produzido pelo discurso ignora as relações entre a ideologia e o inconsciente, isto é, o sujeito que não se depara com aquilo que não tem sentido e lhe escapa. Dessa mesma forma, essa relação de totalidade é a proposta da relação entre ciência e sujeito, que, conforme Pêcheux (1997) pontua: o discurso da ciência é sempre um discurso do sujeito. Esse discurso é sempre fragmentado, cindido, faltante e difícil para o sujeito reconhecer.

Assim, conforme as análises da sequência discursiva, reitera-se com a SD4 a possibilidade de existência de um sujeito interpelado pela sua ideologia, que acredita na possibilidade de união e coesão de seu pensamento e lógica frente aos domínios da análise de discurso. É curioso pensar que o sujeito analista de discurso, ao trabalhar com a análise de discurso como dispositivo-teórico analítico e investigar as formações discursivas e as relações do discurso com os sujeitos, justamente é também uma produção do discurso. Em tempo, é oportuno questionar: "que lugar comum e de domínios é esse que tais sujeitos demarcam?". É possível se chegar a uma resposta a partir da demarcação com a proposta de Pêcheux ao final do Anexo III de *Semântica e Discurso*, "Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação":

[...]

- não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso "ousar se revoltar".
- ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, preciso "ousar pensar por si mesmo" (PÊCHEUX, 1997, p. 304).

Com isso, Pêcheux instaura a ação do sujeito em relação à implicação do inconsciente e da ideologia em si. Assim, os processos de suposto domínio dos saberes e de inter-relação entre a tríade linguística, materialismo e psicanálise evita o aparecimento da falha, dos apagamentos e esquecimentos.

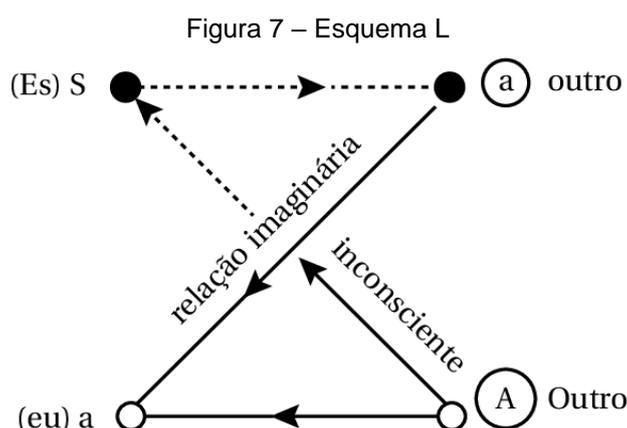
Quando na SD4 é instaurada pelo entrevistado a compreensão de todos os domínios, é importante salientar que sempre haverá aquilo que irá escapar da teoria e da análise, o que provoca a dificuldade de se reconhecer o trabalho e os fenômenos discursivos que instauram a ideologia. Isso é uma tarefa complexa, da mesma forma que

Zizek (2010) pontua que a linguagem surge na instauração da relação do sujeito com o Outro para garantir que o sujeito possa lidar com o real impossível. O sujeito, a partir da interpassividade, surge por meio do discurso de bom grado, mas, após isso, o discurso o coloniza, sem que este perceba.

Essa relação de se inscrever, de se instaurar ou ainda de sair do mesmo lugar, leva a pensar nos processos de Paráfrase e Polissemia propostos por Orlandi (2005). A paráfrase é o processo em que o dito se mantém de forma estabilizadora e repete, por sua vez, o mesmo espaço e lugar, visando sempre à manutenção do espaço. A polissemia visa a ruptura dos processos comuns de produção de sentido. Essa relação de alternância entre o mesmo e o diferente é a produção de tensão do discurso, que faz com que tanto o discurso e o sujeito de forma permanente se movam, alternem-se, graças também ao furo inerente da linguagem provocado sempre pelo real.

Assim, por mais que se busque simbolicamente a linguagem para abarcar o real e o furo, retomando-se os "domínios", no sentido de *dominação* das teorias, para se garantir que o chamado "lugar comum" se mantenha, o que existe dentro do discurso é sempre sua transição e deslocamentos de sentido.

Nesses termos, é oportuno voltar ao esquema L, proposto por Lacan para se pensar a estrutura do sujeito e da relação com o inconsciente:



Fonte: Lacan (1966, p. 58).

Tal esquema auxilia a pensar a estrutura da relação do sujeito, analista de discurso, com o seu discurso. De forma primária, a questão se instaura a partir de uma relação imaginária, de (suposto) sentido em relação ao outro com o eu. Tudo acontece em

uma primeira camada com a sua obviedade entre a comunicação dos sentidos. Assim, o que se instaura na relação com o grande Outro é que de forma permanente o inconsciente se destacará para levar esse eu a se defrontar com sua relação com S, o sujeito do inconsciente.

Conforme se pode perceber com as sequências discursivas vistas neste subcapítulo, o discurso sempre irá demonstrar o real da falta de sentido. O que ocorre é que, mesmo que o analista de discurso busque tais marcas no discurso, não quer dizer que isso lhe perpassasse de "bom grado".

Assim, a saída do lugar comum que SD3 destaca tanto pode ser salientada como a necessidade de reconhecimento da falha da língua e do impossível da relação do real com a língua. Ao se trabalhar com o discurso, sempre se corre o risco de se encontrar tanto com o real quanto com a ideologia, particularmente, quando se reconhece que o discurso é perpassado por uma ideologia dominante em relação à qual se está assujeitado e mediante o fenômeno de identificação com o discurso.

O processo de conhecimento da análise de discurso, seja em seu dispositivo teórico-analítico, seja em seu trabalho de interpretação, está diante de algo novo que os sujeitos não reconhecem. O trabalho do analista de discurso se demarca com isso, a partir de um processo de (re)conhecimento dos limites da discursividade e de sua subjetividade, haja vista que o discurso sempre está se reformulando, produzindo novos efeitos de sentidos e formas discursivas para se articular nas lutas de classe. O que é reiterado como complexo, pois Pêcheux (1997) destaca que a luta de classes se mostra interpelada e dificultosa, em razão de que as condições de produção e os chamados aparelhos ideológicos de estado se organizam para a realização permanente de subordinação dos sujeitos, estes aqui também analistas de discurso.

Considera-se a partir das análises propostas com as sequências discursivas SD3 e SD4 que a relação do sujeito analista de discurso para com a análise de discurso é uma relação árdua, de forma que produz efeitos a partir de um discurso que produz também um sujeito. Assim, conforme as proposições, existe um sujeito frente a esse discurso. Tal sujeito não escapa do mesmo caráter de estrutura que o sujeito que a análise de discurso analisa: um sujeito que é cindido, faltante, interpelado pela ideologia e pelo efeito do inconsciente.

Com isso, a relação de tal sujeito é sempre de buscar uma compreensão de totalidade frente a sua realidade e ilusão, de forma que nada escapa do seu registro

imaginário e de seu conhecimento, sendo que se percebe como em "um outro lugar" e com o propósito de realizar uma "dominação" frente aos conceitos que estão entrelaçados com a análise de discurso. Todavia, nota-se que, por ser também sujeito, isto é, assujeitado a um discurso, ou seja, passivo, esse sujeito hesita, encontra-se com elementos inesperados, é apresentado para elementos que lhe escapam, para os quais ele busca a dominação para camuflar o real que não cansa de se inscrever.

É necessário que se continue a investigação sobre a relação do sujeito analista de discurso com a análise de discurso para também investigar de forma mais aprofundada a relação do sujeito com o seu objeto de pesquisa, em razão de que o suposto "discurso científico" visto nestas páginas se trata do discurso de um sujeito; portanto, também rege as formas de relação do sujeito analista de discurso com o discurso ao abarcar possibilidades de totalização do seu trabalho frente ao discurso.

3.3 O SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO INSCRITO E ESCRITO NO DISCURSO

Nesta seção, analisa-se um recorte de sequência discursiva que se destacou, em decorrência de sua marca linguística, no relato discursivo de um dos sujeitos entrevistados. Trata-se de uma passagem na qual um dos entrevistados comenta sobre a função do analista de discurso, sobre como se definiria seu ato e sua produção metodológica. O recorte se define por uma sequência discursiva, todavia, destaca-se a partir da resposta de duas perguntas do entrevistado:

SD5: Entrevistador: Mas hoje né, o que que é a análise de discurso pra você? Como é que você acha que seria uma definição dela assim?

E3: Então, eu acredito que, seria que, trabalha com a língua **escrita** na história né. Como a língua ela significa na história, como ela produz efeito na história, é... por exemplo certas palavras produzem sentidos na e para a história né e também que considera o sujeito como efeito de formações discursivas ideológicas em que está inserido, então não aquele sujeito idealista né, que tem controle sobre tudo e também é... aquele, que questiona a produção de sentidos que naturalizam certas evidências. Acho que seria mais ou menos isso.

Entrevistador: Uhum, Uhum. Já puxando pra essa questão de definições né, a gente comentou agora sobre o que definiria a análise de discurso, mas o que que a gente pode definir, que é um analista de discurso?

E3: Um analista de discurso?

Entrevistador: É.

E3: É, eu acho que seria isso que eu falei, aquele que trabalha com a língua **inscrita** na história, não só com a língua em si, é... e não só com a história

separado né, desvinculado, mas, o que certas palavras significam na história. Por exemplo... acredito que seria isso." (E3, p. 7).

Chamou a atenção nessa análise a sutil, porém importante, troca de palavras durante o relato do entrevistado, sendo que a troca de palavras entre *escrita* e *inscrita* só foi percebida no momento de transcrição da entrevista – assim como o real que só aparece no furo do imaginário e da linguagem, quando a linguagem derrapa e demarca sua falta. Nesse contexto a troca de palavras, bem como outros fenômenos da linguagem, convoca a pensar, provoca questionamentos, justamente por demarcar que a fala produz mais sentidos do que aparenta manifestar.

Destaca-se, inicialmente, a definição de "Escrita" (OXFORD LANGUAGES, 2021, on-line): "1. Representação da linguagem falada por meio de signos gráficos. 2. conjunto de signos num sistema de escrita.". E a definição de "Inscrita" (OXFORD LANGUAGES, 2021, on-line): "1. Que se gravou; insculpido, entalhado, gravado. 2. que alguém inscreveu; grafado, traçado, escrito. 3. que alguém anotou; anotado, assentado".

Frente ao excerto exposto, é necessário reconhecer o fenômeno de metonímia, isto é, o deslocamento de um significante para outro em uma cadeia discursiva com o objetivo de realizar o recalque, ou seja, o apagamento do fenômeno inconsciente, conforme o relato de E3. Assim, é na troca de palavras, nas substituições inconscientes que se pode demarcar o aparecimento do significante que produz o sujeito, neste caso, a palavra **escrita** pela **inscrita**.

A análise do primeiro em relação ao segundo permite questionar e refletir sobre o que cada um demarca e camufla em relação ao outro. Destaca-se como a estrutura das sentenças "aquele que trabalha com a língua escrita/inscrita na história" se preserva, com exceção da troca dos significantes. O elemento de significante é considerado a partir de uma interpretação justamente porque, como Orlandi (2005) conceitua, o ato interpretativo já se produz em relação à escolha do recorte discursivo. Assim, escolher, selecionar, filtrar, separar termos, expressões e palavras já é um processo no qual se busca a investigação e análise do discurso apresentado.

Nesses termos, ao se pensar na sentença a partir do primeiro conceito, "aquele que trabalha com a língua escrita na história", é possível pensar que a ação do analista de discurso frente ao discurso é de questionar e trabalhar como a língua organiza e fundamenta a língua na história, isto é, a escrita aparece para demarcar e traduzir o funcionamento do discurso frente à história. Pêcheux (1997), ao pensar na relação da

língua na história, discorre sobre como as relações de luta de classes e ideológicas atuam discursivamente operando no caráter histórico e produzindo, com isso, sujeitos. A história não está, assim, isenta de produzir sujeitos. Nessa perspectiva, a análise do sujeito analista de discurso realiza leituras e recortes a partir da organização da língua na história.

Já a partir da sentença com o segundo conceito, "aquele que trabalha com a língua inscrita na história", é sugerido algo que está inscrito, marcado, independentemente de uma leitura ou ação de alguém. O que está inscrito está, por exemplo, gravado na história. Nessa perspectiva, a língua existe na história, sendo que isso leva a uma independência da língua em relação ao sujeito analista de discurso realizar ou não realizar uma análise frente à história. A inscrição da língua na história, portanto, por estar inscrita, existe. A partir disso, há a possibilidade de pensar que a escrita opera a partir de um conhecimento, algo do imaginário; enquanto a inscrição é da ordem do real: a inscrição ex-siste, existe mesmo na independência da realização de uma análise.

Lacan (1966) irá pontuar que o inconsciente é estruturado como linguagem, ao dizer que ele obedece a regras e estruturas de funcionamento em relação ao sujeito e ao Outro. O inconsciente é o discurso do Outro, de forma que esse Outro é a sede dos tesouros do significante que governam o sujeito sem que ele perceba. Assim,

Nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo (LACAN, 1996, p. 833).

Lacan coloca a letra como o representante do real diante do representante simbólico, que é o significante. Como sendo do real, é do sem sentido, e com isso, a letra permite produzir uma série de significantes que o simbólico atrela de várias maneiras, produzindo uma condução de sentidos variados, plurais, alternados.

A letra é o que é: uma letra. A partir de ser uma letra, é que o sujeito pode dizer o que lhe representa com variados sentidos diferentes, haja vista que é o sujeito que faz uma determinada leitura, graças ao simbólico, do seu significado. Assim, a letra, sendo do real, provoca leituras variadas, sendo que o seu conteúdo real jamais é alcançado.

Naturalmente, o mesmo ocorre frente à inscrição da língua: ela existe. É a partir de uma inscrição na história que é possível realizar uma escrita sobre o discurso na história,

de forma que a escrita depende de uma análise, ao passo que, sendo inscrita, não necessita de uma análise para existir.

Pêcheux e Gadet (2004) abordam a existência de uma parte da língua inscrita na história que está, por sua vez, sempre na ordem do inatingível, é da ordem do impossível e do real. Com isso, toda vez que o leitor se debruça sobre uma obra, ou, no caso desta dissertação, um analista se debruça sobre um discurso inscrito na história (ou a história como discurso) frente a realizar uma leitura, encontrará efeitos de sentido diferentes, divergentes, de forma que há algo da língua que é do real, e que não cansa de se inscrever, de produzir sentidos para serem realizadas leituras. Assim, existe inclusive o risco do linguista se confundir com o historiador, e vice-versa.

A partir dessas análises, considera-se que a ação do sujeito analista de discurso é de possibilitar realizar uma escrita daquilo que está inscrito na história, transformando em simbólico algo que é da ordem do real e reconhecendo que a sua ação está à mercê de uma inscrição no discurso. O sujeito analista de discurso está inscrito no discurso, é produzido por ele, sendo que a sua escrita em relação ao discurso é mediada a partir de sua ação, ao passo que a inscrição não o é.

O ato da inscrição é realizado por alguém, sendo que este alguém é o grande Outro que produz o sujeito, levando-o diante de sua alienação e o afastando do real. O imaginário surge para justamente camuflar esta relação de assujeitamento do sujeito frente ao Outro, de forma que, enquanto o sujeito acredita que o conhecimento parte de si a partir de uma escrita, o discurso opera para garantir que, de fato, o que ocorre é uma inscrição do Outro em direção ao sujeito.

3.4 O SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO NA ANÁLISE DE DISCURSO

Passa-se nesta seção a uma sistematização com relação às concepções, às análises e aos recortes que foram realizados nos últimos três subcapítulos e que organizam o terceiro capítulo. Viu-se que a experiência do sujeito analista de discurso com a análise de discurso é uma experiência de duas vias: por um lado, é uma via de conhecimento, de se encontrar com algo novo que promove novas leituras sobre a realidade e o discurso, que gera conflitos e mobiliza o sujeito analista de discurso a agir junto com sua pesquisa, jamais permitindo a separação do seu trabalho do seu objeto de pesquisa, sendo impactado por ele.

Assim, a partir do seu contato com a análise de discurso, ele reconhece os processos de formações discursivas que moldam sujeitos. Por outro lado, toda essa dinâmica também é um campo de desconhecimento, pois o sujeito analista de discurso é deslocado para um novo lugar, um lugar que ele não conhece e que o surpreende, que faz com que hesite e ocupe uma relação de exclusão sobre a falta, visando à transição para um lugar imaginário do conhecimento, completo e dominante.

Frente a essa relação, é possível pensar na possibilidade que se mantém imaginariamente para os entrevistados: que estes *escolheram* ativamente sua relação com a análise de discurso, seja na graduação, seja em atividade na pós-graduação, sendo uma jornada guiada por eles por meio do conhecimento e da aprendizagem. Assim, essa situação é perpassada pela ideia de que o sentimento e a produção de reflexões foi uma causa acompanhada de forma ativa por tais sujeitos. Todavia, essa suposta escolha ativa do indivíduo, na verdade, faz com que, no discurso, ocorra um apagamento do reconhecimento dos efeitos discursivos que os deflagram como sujeitos. Isso leva a pensar que o sujeito analista de discurso da análise de discurso é, também, um sujeito.

Logo, como todo sujeito é efeito de um discurso (PÊCHEUX, 1997), há a possibilidade de pensar como se organiza o discurso que produz tais sujeitos: um discurso que apresenta o sujeito frente à análise de discurso e que permite realizar leituras sobre o discurso, reconhecendo os efeitos de sentido da ideologia, da língua e do inconsciente nos sujeitos. Porém, também é um discurso que o mobiliza a ocupar e agir frente a determinadas circunstâncias, haja vista que o discurso é para Pêcheux (1997) o que pode e deve ser dito em determinada formação ideológica. Sobre a relação do sujeito, Pêcheux ressalta:

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação, fundadora da unidade (imaginária) do sujeito, apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso [...] se constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são re-inscritos no discurso do próprio sujeito (PÊCHEUX, 1997, p. 163).

Assim, retomando a sequência discursiva de SD5, percebe-se que o sujeito analista de discurso está inscrito em um discurso, é uma produção de um "discurso da análise de discurso" que o mobiliza frente a outros discursos, transformando-o e o levando ao equívoco, pois sempre existirá algo da ordem do real que escapa ao discurso. Cabe, nessa perspectiva, interrogar como essa relação afeta o sujeito analista de discurso

frente ao seu trabalho com o discurso, que, ao demarcar certos efeitos de sentido no discurso, acaba ocultando outros. O fato é que a concepção de um sujeito analista de discurso da análise de discurso permite avançar nas reflexões sobre a análise de discurso como dispositivo teórico-analítico, especificamente investigando-se como ocorre essa relação a partir do ato de interpretação do sujeito analista de discurso frente ao recorte de seu *corpus*.

Nesses termos, no próximo capítulo, serão pensadas as conexões entre o discurso e o sujeito analista de discurso frente à análise de discurso. É importante pontuar que, ao convocar os objetivos específicos da presente pesquisa, reconhece-se que a relação do sujeito analista de discurso frente ao encontro com a análise de discurso acarreta a produção de um sujeito, isto é, de um sujeito analista de discurso que está mobilizado também com as relações de luta de classes, da ideologia e do inconsciente frente ao discurso. Esse sujeito analista de discurso é, a partir da desidentificação que Pêcheux propõe (1997), legal de um chamado "lugar comum" em relação ao discurso para um novo lugar do qual pode questionar as relações entre sujeito e discurso.

4.0 CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO ANALISTA DE DISCURSO

Neste capítulo, são trabalhadas as sequências discursivas relacionadas às definições do analista de discurso sobre a sua ação e práxis, bem como sequências discursivas que os entrevistados fizeram a partir da mobilização da análise de discurso como dispositivo teórico-analítico.

Destacam-se inicialmente na coleta das entrevistas as posições e até mesmo condutas dos entrevistados frente às perguntas realizadas. A partir da perspectiva do entrevistador, notou-se que E1 e E2 se apresentavam como estando relaxados durante a realização da entrevista, de forma a quererem expor suas vivências, situações e sentimentos sobre o transcorrer de sua jornada no mestrado trabalhando e mobilizando a análise de discurso. Estes dois entrevistados frente às interrogações novas e improvisadas durante a entrevista se mostraram dispostos e curiosos para um diálogo de suas vivências, inclusive narrando histórias e experiências com muito mais detalhes e pontos adicionais do que os outros entrevistados. Nomeavam pessoas, locais e experiências vivenciadas justamente com o objetivo de reforçar seus argumentos e suas percepções sobre os seus relatos.

Todavia, uma relação diferente se apresentou nas entrevistas de E3, E4 e E5. Notou-se um comportamento mais rígido dos entrevistados no que tange às perguntas, de forma que tentaram se manter mais direcionados e objetivos de forma a seguir o "protocolo da entrevista", com pouco desenvolvimento para além dos enunciados já apresentados. Ao realizar as discussões e análises das entrevistas, chamou a atenção a forma como tais entrevistados se colocaram e o lugar que ocuparam frente ao diálogo. Essa percepção veio dos questionamentos por eles realizados em relação a que tipo de experiência e vivência eles estariam tendo frente à exposição de sua trajetória no mestrado.

Também se destacou a dificuldade inicial de conseguir pessoas interessadas em participar da entrevista, considerando a relevância e a importância do desenvolvimento da pesquisa no Brasil e na pós-graduação, além de que se buscava experiências e narrativas das vivências ligadas à análise de discurso. Não foi possível definir de forma precisa os motivos pelos quais houve uma dificuldade na busca por entrevistados. Em linhas gerais, pensa-se que o panorama ligado à pandemia da Covid-19, bem como as próprias experiências dos entrevistados, sejam essas positivas ou negativas, influenciaram no interesse ou desinteresse em participar da pesquisa. Da mesma forma, notou-se que quatro dos cinco entrevistados demonstraram interesse ou estavam participando na época de processos seletivos ligados ao ingresso no doutorado, o que também acaba por deixá-los mais vinculados às atividades e pesquisas acadêmicas.

O processo de realizar e participar de uma entrevista em que se reflete sobre vivências passadas está fortemente associado à capacidade e disponibilidade do entrevistado de se reconhecer justamente como um sujeito, na mesma forma que se propõe a análise de discurso ao investigar os discursos e os sujeitos, de forma similar à que está sendo pontuada e desenvolvida no presente trabalho. Quando o sujeito fala, ele também se permite escutar os seus ditos, falhas, erros, trocas de palavras e reflexões, da mesma forma que se encontra com incertezas e com o encontro inevitável de que se é efeito do discurso também. O que talvez seja necessário reconhecer é justamente a dificuldade de se encontrar com o arremate e o efeito dos discursos como sujeito, isto é, sujeito analista de discurso. Esse sujeito analista de discurso está por ser produzido pela análise de discurso, de forma que essa tem sido operada como dispositivo regulador e efeito de sentido.

A partir dos relatos dos entrevistados, foi possível ouvir como o trabalho de estudo, reflexão e aprofundamento dos conceitos da análise de discurso foi acompanhado muitas vezes de um trabalho de pares. E1 destacou uma forte mudança em suas perspectivas sobre a análise de discurso entre a graduação e a pós-graduação em decorrência das disciplinas. E2 e E3 salientaram que, sem os grupos de estudo nos quais participaram durante o mestrado, estes teriam tido fortes dificuldades para desenvolver seus conhecimentos teóricos sobre a análise de discurso. Os pares dos pesquisadores se apresentaram em disciplinas acadêmicas na graduação e pós-graduação, no trabalho com os seus orientadores e com colegas por meio de grupos de estudo, principalmente. Essas experiências ocorreram de forma plural e diversa, com divergências em suas reflexões:

SD6: Então, é... acho que pelo menos o que eu observo é que na universidade, tem muita gente que critica a análise do discurso né, falando que o que nós fazemos não é linguística e claro, que tem aqueles que se dizem analistas, mas é... realmente não fazem uma análise de discurso de orientação pecheutiana né... (E3, p.6)

SD7: Entrevistador: E/ essa fala que você trouxe sobre// ...que você comentou sobre achar que AD não é da área da linguística.// Como que é isso pra você? Essa fala/ que que ela te convoca?

E3: Então// tem alguns professores que até estudam AD, mas também estudam outras áreas né da linguística que falam isso/ **mas eu acho que o nosso papel é mostrar que o que nós fizemos é também a linguística/ porque nós partimos/** a base é a língua né/ Nós partimos da materialidade linguística pra interpretar/ pra fazer né/ as nossas análises//

Pesquisador: Uhum/

E3: Então é por isso que eu acho/ não sei se teria um **mal-entendido** ou se é porque realmente tem muitas pessoas que se dizem fazer a análise do discurso e não fazem". (E3, p.6)

SD8: Aí você tem a segurança de que você leu esse texto, você discutiu com colegas, você colocou as suas dúvidas, os teus colegas colocaram as tuas dúvid... a... as suas dúvidas, chamaram atenção a coisas que você não tinha notado, enfim, então, nesse sentido, é... eu acho que... o... o grupo de leitura contribuiu de duas formas: a partir dessas leituras que impactam o conhecimento da teoria e por outro lado, é... ness... nessa produção de um saber que se produz coletivamente, é... de uma forma, é... mais... é... igualitária entre os participantes, mais cooperativo, enfim (E2, p. 9).

Durante as entrevistas, chamaram a atenção as relações dos sujeitos analistas de discurso com os seus pares no que tange justamente aos atritos e às similaridades do seu trabalho com o de colegas, de forma que se indagou: o que é um analista de discurso? É possível propriamente definir o que seria um analista? Quais seriam os pré-requisitos necessários para dizer que um trabalho é de análise de discurso enquanto outro

supostamente não seria? E aqueles trabalhos e leituras que se afirmariam como sendo análise de discurso, porém se configurariam como supostamente errados, o que seria feito com eles?

Inicialmente no desenvolvimento da presente pesquisa, ao se realizar um recolhimento de materiais para situá-la, encontrou-se o trabalho de Maingueneau (2015) que situa três grupos de investigadores da análise de discurso. O primeiro grupo é composto por pesquisadores de formação filosófica, ou seja, pesquisadores que têm como foco as estruturas e relações sociais e de poder, bem como temas que impactam a sociedade como um todo. Eles visam acima de tudo a fixar os sentidos, de forma a ter uma mesma aplicação em todos os campos. Maingueneau tece críticas duras a tal grupo, justificando que o objetivo da análise de discurso não é uma finalidade, nem se trata de encerrar alguma temática, mas justamente intervir em um campo.

O segundo grupo é composto por pesquisadores que buscam a análise de discurso como uma ferramenta para suas pesquisas dentro de suas próprias áreas. Ao contrário de fomentar ou produzir novos apontamentos ao método, de acordo com Maingueneau (2015), o segundo grupo estaria mobilizando a análise de discurso para acessar as realidades fora da linguagem – sendo que o autor aponta que tal metodologia produziria riscos ao confundir a análise do discurso com a análise de conteúdo, por exemplo.

Por último, o terceiro grupo, apontado como genuíno por Maingueneau, refere-se aos pesquisadores que “[...] se esforçam por manter um equilíbrio entre a reflexão sobre o funcionamento de discurso e a compreensão de fenômenos de ordem sócio-histórica ou psicológica” (MAINGUENEAU, 2005, p. 34-35). Fundamentado nas ciências da linguagem, tal grupo se diferencia por conceder a base da análise de discurso não apenas como teoria ou como um método qualitativo. Tal grupo tem como objetivo se permitir e se ceder como próprio objeto de pesquisa, de forma que a finalidade da análise de discurso estaria principalmente em estudar as produções de sentido e processos que elaboram a construção dos sujeitos contemporâneos.

Logo, para Maingueneau (2015), faz parte da análise de discurso o analista se submeter e se integrar a sua pesquisa, reconhecendo as possibilidades e dificuldades que podem ocorrer durante sua própria pesquisa. A partir das noções apontadas por Maingueneau (2015), o terceiro grupo seria definido para ele como os genuínos analistas de discurso. Acredita-se que a postura de Maingueneau quanto à determinação dos requisitos e fundamentação da análise de discurso estaria voltada a uma tentativa de

regulação da análise de discurso e de seu poder. Assim, como apontado pelas sequências discursivas SD6, SD7 e SD8, haveria a possibilidade de encontrar elementos de regulação do dispositivo da análise de discurso como uma práxis ou metodologia válida dentro das universidades e da própria análise de discurso por determinados investigadores e teóricos. Isso vai ao encontro com aquilo que Neckel e Süssenbach (2019) pontuam sobre o dispositivo da análise de discurso, pois este é afetado por outros dispositivos da contemporaneidade.

Dessa forma, a noção de dispositivo da análise de discurso acaba por ser afetada não apenas por outros dispositivos ditos como operadores e articuladores de noções, poderes e influências na contemporaneidade, mas também por autores que realizam determinados recortes, influenciam de determinada maneira ou enfatizam e validam determinadas ações e noções na análise de discurso. Sem reconhecer, o sujeito analista de discurso acaba por ser movido e influenciado por tais elementos, inclusive, durante o seu trabalho como analista e o seu gesto interpretativo. Isso ressalta a possibilidade de apagamentos, mobilizações e exclusões de determinadas formas no trabalho da análise de discurso.

O que esse conflito entre as propostas de regulação da análise de discurso e sua definição como objeto metodológico e práxis e os fundamentos que supostamente definiriam os seus pesquisadores reforçam a hipótese de Pêcheux (1997) de que a ciência não está ausente da luta de classes. Não haveria com isso uma ciência que se afastaria dos discursos e se consideraria ausente da luta de classes. Mesmo na ciência e nas universidades, haveria a tendência de realizar determinados apagamentos, silenciamentos e deslocamentos para garantir a regência de certas ideologias no lugar de outras.

Pensando as operações de trabalho de um grupo conforme Freud (1921) aponta, a identificação do grupo com os seus pares é o elemento mais importante para garantir a união em prol de objetivos e uma regulação do seu funcionamento. Em um grupo, as diferenças são excluídas e as similaridades potencializadas, de forma que o trabalho de cada membro é valorizado a partir da chamada unidade grupal. Conforme Freud, um grupo opera de forma a haver um Eu que possui determinados mecanismos de defesa, prazeres, leis, proibições e funcionamentos.

As críticas aos trabalhos da análise de discurso e o desenvolvimento do seu trabalho com os pares são elementos que reforçam a capacidade do sujeito em se manter

organizado nos seus grupos pertencentes. O mesmo equivale para aquilo que Althusser (1996) destaca sobre a possibilidade de o sujeito reconhecer a sua alteridade, que ele pode definir por si aquilo que este não é. Ao se definir o que não se é, o sujeito se permite definir a sua unidade.

Diante do material apresentado, vem-se aqui propor que o objetivo é investigar não se o sujeito analista de discurso seria ou não um analista de discurso, haja vista que tal prática seria considerada como uma tentativa de regulação do dispositivo, mas, a partir disso, se os sujeitos analistas de discurso se identificam como tal. Da mesma forma, indaga-se se este é capaz com isso de produzir uma unidade subjetiva, isto é, fazer-se Um, no que tange ao seu lugar nos discursos e no dispositivo da análise de discurso.

4.1 COMO SE IDENTIFICA O SUJEITO ANALISTA DE DISCURSO?

A partir do relato dos sujeitos analistas de discurso entrevistados, foi possível ver suas trajetórias em uma perspectiva variada da análise de discurso, isso porque cada uma partia de uma história e de conhecimentos determinados. Enquanto E1, E4 e E5 tiveram fortes aprofundamentos na psicanálise para pensar a teoria da análise de discurso e seus trabalhos, inclusive E1 destacando que se interessou justamente pela análise de discurso inicialmente em decorrência do seu contato com a psicanálise lacaniana, E2 e E3 relataram um interesse e trabalho muito maior a partir do materialismo histórico. Assim, cada um dos entrevistados teve uma entrada diferente na análise de discurso, aqui mobilizando o conceito de entrada como uma porta para a análise de discurso e para se pensar um momento anterior e posterior ao surgimento de tais sujeitos.

Orlandi (2005) destaca que a trajetória, seleção e recorte do *corpus* são atos interpretativos do analista, de forma que a responsabilidade por parte do trabalho de investigação na análise de discurso é parte da teoria da análise de discurso e parte do analista que investiga seus elementos, sendo que o analista mobiliza determinados elementos na constituição do seu *corpus* e no desenvolvimento do seu trabalho. Assim, o ato interpretativo e de investigação a partir do analista está menos regulado a partir de uma noção de certo ou errado, e sim de efetividade para a sua pesquisa. Dessa forma, mobilizar e priorizar certos conceitos do materialismo histórico ao invés de elementos propostos pela psicanálise e sua noção de inconsciente não podem ou devem ser

movimentos vistos como errôneos, e sim como uma característica essencial para a produção de uma análise de discurso, haja vista que o discurso não é finito, sempre permitindo novas interpretações e novas análises.

Logo, ao interrogar os entrevistados perguntando se eles se definiram como analistas de discurso, salta aos olhos a resposta de E1:

SD9: (Pausa de 5 segundos antes de iniciar a falar) ... é... (sorrindo)... eu... **Eu me definiria como uma analista de discurso em formação...** (pausa de 3 segundos) ... porque eu acho que assim como a psicanálise, **a gente nunca tá pronto**, assim, né... na análise de discurso a gente sempre alguma coisa a mais para estudar, pra ver, pra... pra pensar... né... eu acho que é uma formação contínua... acho que nunca se concluir ela... [...] Então, eu gosto de pensar assim, né... (E1, p. 8).

A história do movimento psicanalítico é respaldada desde sua fundação a partir de Freud (1914), que propõe que a formação de um psicanalista é sempre a partir de um tripé, no que tange a sua análise pessoal, seu estudo da teoria e a sua supervisão. Freud apoia a ideia de que o psicanalista sempre deve trabalhar e desenvolver o seu tripé e que a formação em psicanálise é permanente, de forma que a sustentação desses três processos deve ser uma referência para o desenvolvimento do trabalho do psicanalista. Tal conceituação permanece dentro da psicanálise até hoje, sendo comumente transmitida nos cursos de psicologia, justamente o curso no qual a entrevistada se graduou.

Com esse recorte, é possível compreender que a formação do analista de discurso também passa por uma mobilização da sua teoria, uma vez que a entrevistada produziu uma percepção a partir da relação da formação em psicanálise com a formação na análise de discurso. Conforme Pêcheux (1997) salienta, na constituição do sujeito atravessado pelo inconsciente e pela ideologia, há efeito de mais de um discurso, no caso de E1, de um discurso psicanalítico que promove uma formação eterna para aprofundamento dos seus conhecimentos – e que é mobilizado também ao se pensar o estudo na análise de discurso.

“Em formação”, inclui um estado adicional ao que seria um "analista de discurso". Seria um estado que se evita ao ser supostamente completo, ou "pronto", como E1 relata, e ao mesmo tempo não ser. Assim como a trama da cadeia significativa apresentada na Figura 3 (p. 33), em que o sujeito é efeito da cadeia significativa, sempre existirá novos significantes que se apresentarão para este sujeito e que irão garantir a sua

transformação e novos efeitos de sentido. Como possível prova dessa experiência frente aos significantes, estão a hesitação e o silêncio que a entrevistada possui antes de responder à pergunta que, ao refletir, permite-se sorrir com a própria constatação de sua posição como sujeito frente ao seu trabalho com a análise de discurso.

Quando E1 anuncia "a gente nunca tá pronto", é possível questionar: pronto para o quê? Para encerrar a sua formação na análise de discurso? Haveria com isso um momento em que o sujeito analista de discurso poderia escapar de novos discursos que se apresentam para ele? Talvez como deflagração de tal enunciado que E1 se encontra é a proposta lacaniana (1966) de que o sujeito, por sua natureza, está castrado dos seus limites. Ele é produzido em decorrência da falta, sendo essa impossível de ser resolvida, pois é ela que o produz em relação aos seus significantes. O sujeito, efeito do significante, é constituído pela falta que o leva sempre a continuar se movimentando frente ao desejo e à linguagem. Conforme Lacan (1966), a apresentação da linguagem é uma característica inquestionável do desejo, porque somente existe desejo em decorrência da falta: ser um ser de linguagem implica ser faltoso.

Todavia, esse espaço de subjetivação e de efeito do discurso em que o sujeito analista de discurso está colocado, conforme visto no capítulo 3, é realizado e compreendido de outra maneira por E2:

SD10:E2: Não tem como você ser analista de discurso sempre, a todo momento e a qualquer hora, até porque essa é só mais uma posição sujeito.

Pesquisador: É uma posição então...?

E2: Então... Isso, é uma posição sujeito.

Pesquisador: E você pode assumir de certa forma? Então, é...

E2: Sim, sim, com certeza! Então... assim... é... eu acho que, que é isso. Se eu tivesse que usar, assim, uma definição mais... mais... a... mais global, eu diria linguista e que, eu, eu, eu na minha prática, nas minhas pesquisas, eu assumo essa posição de analista de discurso. [...] Eu acho que quanto a... quanto, quanto mais a gente, a gente pensa, menos certeza nós temos (risos). Então (risos), isso a análise de discurso nos explica muito bem (risos). (E2, p.23)

Para pensar os processos de identificação do sujeito analista de discurso, são retomadas as formas de identificação propostas por Pêcheux (1996): a primeira, chamada apenas de identificação, é quando ocorre o recobrimento em que o sujeito é identificado com o discurso sem resistências ou dificuldades. A contraidentificação ocorre no processo de reconhecimento e afastamento do discurso apresentado pelo sujeito de forma a gerar um contradiscurso, isto é, uma condição de sujeito em oposição ao discurso enunciado.

Enquanto isso, a terceira forma de desidentificação ocorre a partir da tomada de uma transformação-deslocamento do sujeito para uma nova formação discursiva a partir da inicialmente apresentada. Todavia, Pêcheux destaca que esses processos de identificação não permitem ao sujeito jamais se separar da interpelação ideológica, haja vista que é produzido por ela.

Conforme Grigoletto (2005), essa experiência de desidentificação não liberta o sujeito, pois esse sujeito ao se produzir uma nova forma de identificação em decorrência de um discurso acaba por estar à mercê de uma nova formação discursiva, novamente o alienando em seus processos. O mesmo ocorre frente à experiência com o significante (LACAN, 1966), de forma que o sujeito, ao reconhecer os significantes que o produzem, não se liberta deles, apenas produz novas formas de produção dos significantes.

Assim, questiona-se: quais processos de identificação esses sujeitos analistas de discurso possuem frente à análise de discurso. Nas entrevistas realizadas com os sujeitos analistas de discurso, todos se reconheceram e se definiram como analistas de discurso. Agora, o que seria, então, ser analista de discurso? A partir de qual identificação e formação discursiva esses sujeitos estão vinculados à análise de discurso para garantir um discurso, conforme a SD9, de que seria uma posição em que o sujeito poderia se revezar em sua relação; ou como SD8, de que é uma analista de discurso em formação?

Zizek (2010), ao desenvolver o conceito de *interpassividade*, propõe que o sujeito pode se submeter a determinado discurso sem questioná-lo, para ser efeito deste. Todavia, não reconhece os efeitos de tal subjetividade. Assim, o sujeito crê que concorda e rege determinado discurso, sendo na verdade efeito dele. De tal forma, os sujeitos analistas de discurso se reconhecem como analistas de discurso, mas não compreendem os papéis de organização e de mobilização de si mesmos frente à análise de discurso.

Com isso, entende-se que os sujeitos analistas de discurso passam por um processo de desidentificação com a análise de discurso. Esse processo ocorre por meio da transformação-deslocamento do sujeito analista de discurso com a análise de discurso em que, inicialmente, propõe e apresenta as noções de ideologia, inconsciente, linguística e suas operações e articulações nas relações e lutas de classe, permitindo que esse sujeito possa realizar o trabalho de interpretação do discurso. Contudo, o que o sujeito não reconhece é que ele também é produzido pelo discurso, isto é, um discurso mediado pela análise de discurso. Nessa perspectiva, E4 destaca em seu relato como a alienação também ocorre no sujeito analista de discurso:

SD11: Eu acho que sim que eu me defino, por tudo aquilo que te falei, né, hoje eu, eu, eu vejo os discursos, eu vejo as falas de uma forma diferente e eu, **eu continuo aplicando essa análise de discurso mesmo que sem querer, né**, quando eu, eu ouço um discurso, uma determinada fala, **eu sempre me coloco como analista do discurso**, por que aquela pessoa está utilizando essa fala? Que ideologia está por trás? Que... que formações imaginárias ela tem? Que... que... em que condições de produções ela está? Como é que o inconsciente tá afetando ela para que ela utilize deste discurso. Então eu não consegui mais, é... me desviar disso, depois que eu fiz o mestrado, né, sempre que eu tô analisando, principalmente, quando você para um jornal né, que é muito polarizado a política né. Então você acaba sempre aplicando o dispositivo da análise do discurso quando você ouve falas. Então eu, acho que sim, que hoje eu me considero uma analista de discurso, **até porque eu não consegui mais descolar**, né, da análise do discurso depois que eu fiz o mestrado (E4, p. 7).

Assim, ao analisar a sentença "eu sempre me coloco como analista de discurso", pode-se pensar que é sempre colocada como analista de discurso... pelo discurso. O discurso produz o sujeito analista de discurso, apresentando a ele os mecanismos de identificação, ideológicos, inconscientes, entre outros, de forma que este sujeito é resultado do discurso que trabalha para analisar. Seria, com isso, um trabalho de um sujeito de um discurso analisar outros discursos. Conforme Lacan (1966), o Outro produz o eu de forma que este Eu é o resultado da produção de um Outro, isto é, o sujeito analista de discurso é uma produção do discurso da análise de discurso.

No Capítulo 4, foram analisados os processos de produção do sujeito analista de discurso frente à análise de discurso. Nestas linhas, é possível propor agora que a análise de discurso por si só produz um sujeito alienado, de forma que ele é efeito dessa relação com o dispositivo. Mesmo sem querer, o sujeito está alienado à produção do discurso no qual está inserido. A seguir, passe-se a analisar as relações de unidade ou disparidade deste sujeito.

4.2 A ANÁLISE DE DISCURSO COMO DISPOSITIVO

Outro ponto que foi identificado nas entrevistas foi a mobilização dos pronomes conforme o desenvolvimento dos enunciados e falas dos entrevistados. Durante o desenrolar das entrevistas, notou-se que os entrevistados alternavam, sem perceber, o uso de determinadas expressões ao se referirem à análise de discurso e à sua experiência. Conforme as sequências discursivas já apresentadas, em especial, as SD2, SD3, SD8, SD9 e SD10, percebeu-se como existe a apresentação de fortes experiências dos entrevistados frente à análise de discurso, com sentimentos, ideias, efeitos e,

notadamente, o aparecimento de um sujeito analista de discurso. Todavia, em SD7, SD8 e SD9 também foi percebido o aparecimento do pronome "nós" e a locução pronominal "a gente", para se referir às operações e às ações da análise de discurso, *como grupo*, no que tange a seus objetivos ou mobilizações.

Pensando sobre a formação do sujeito analista de discurso, instiga interrogar sobre o funcionamento dos analistas como um grupo, voltados a um determinado objetivo ou identificação. Freud (1921), ao falar sobre os grupos, relata que eles são uma aglomeração de indivíduos com um mesmo objetivo, que visam a fortalecer os vínculos e elementos de identificação, que são mútuos, isto é, seus elementos similares são fortalecidos, enquanto os elementos dispareos ou diferentes são excluídos ou apagados. Assim, cada indivíduo pertence a uma determinada massa ou grupo eleva-se e se desenvolve em determinada noção sobre o funcionamento do grupo partilhado. E3, ao falar sobre o seu primeiro contato com a análise de discurso, também relata sobre sua visão a respeito dos analistas de discurso:

SD12: [...] e **nós, né, como analistas de discurso**, acredito que devemos questionar essas evidências, então por que essa realidade dessas pessoas, o que pode ser feito pra que isso mude né, por que que as coisas é, se repetem assim, que que pode ser feito para que as coisas não se repitam dessa forma, então todo esse imaginário, que circula por exemplo nessa passagem do curta ele coloca pra funcionar e circular essas evidências né, esses pré-[conceitos] construídos, de que por exemplo, a mulher é aquele que tem que cuidar da casa, dos filhos por exemplo. Então foi mais assim, nesse sentido esse meu primeiro contato com a análise do discurso, esse meu primeiro encontro né! (E3, p. 2)

Com isso, é oportuno perguntar se os analistas de discurso podem ser colocados como um grupo. Freud (1921) vai propor que, em um determinado grupo ou massa, haverá o aparecimento de uma unidade mental, isto é, o grupo opera como se tivesse um Eu, regente deste inconsciente grupal, de forma que possui determinados mecanismos de defesa, operações, propósitos e desejos. Conforme os relatos das entrevistas, foram vistas experiências de aprendizagem e de encontro com a análise de discurso muito diferentes, sendo que elementos como a universidade, os orientadores, colegas e até mesmo vida pregressa influenciaram no encontro dos sujeitos analistas de discurso com o dispositivo da análise de discurso. Assim, não é consistente pensar nos sujeitos analistas de discurso como um grupo ou massa.

Um segundo ponto é pensar que estes sujeitos analistas de discurso não podem ser determinados como indivíduos. Quando são focalizadas as noções de sujeito, parte-se

da noção de que o sujeito é um produto da ideologia, conforme Althusser (1996); e do inconsciente, conforme Lacan (1966). O sujeito é produto de um discurso destes entrevistados, assim, não é possível pensar no sujeito como uma unidade, haja vista que para se pensar na noção de unidade é preciso pensar em um funcionamento autônomo, separado do Outro, possibilidade impossível frente ao discurso.

Conforme Lacan (1966), frente ao estádio do espelho, a criança ao se ver diante do espelho, sendo este espelho um Outro, tem a possibilidade de uma produção de uma unidade em decorrência de que esse Outro por meio da projeção produz essa unidade. Tal unidade é apenas uma imagem, isto é, não é efetivamente uma produção real, o que levará sempre este indivíduo a necessitar do simbólico para fazer uma costura entre a experiência de alienação a esta imagem e desalienação dela. O mesmo pode ser dito sobre o sujeito do discurso: ele não pode ser pensado em unidade, em razão de que é um produto de determinado espaço e condições de produção dados.

Assim, pontua-se a leitura de que os sujeitos analistas de discurso não são uma unidade, isto é, não consistem como "Um"; também não podem ser agrupados por meio de identificações ou similares entre seus pares como um grupo de analistas de discurso. Contudo, como é possível pensar na produção deste sujeito analista de discurso?

SD13: A análise de discurso é **imprescindível** pra viver em sociedade (risos), porque eu... eu tinha... eu tinha visões de mundo, eu tinha... eu tinha concepções de pessoas e situações, que **hoje eu vejo totalmente diferente. Quando eu consigo me colocar como um analista de discurso**, e, e... fazer análise dos discursos que estão por aí, eu consigo ver por que aquela pessoa tá usando aquele discurso, que ideologia estão por trás daquele discurso, né, eu consigo analisar de maneira diferente. (E4, p. 5)

A partir da SD13, mobiliza-se a ideia da análise de discurso como dispositivo, no que Agamben (2005) se refere àquilo que possui a capacidade de "capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes" (p. 13). Esses seres viventes estariam agrupados em determinado grupo que seriam de forma contínua capturados pelos dispositivos. Recorrendo à noção de dispositivo a partir de Foucault, Agamben inclui como dispositivo não apenas as instituições que trabalham com as articulações e relações de poder entre sujeitos, mas também as próprias relações subjetivas e em decorrência das interações entre os seres, como as religiões, filosofias e a linguagem em si mesma.

Mobiliza-se assim a análise de discurso como dispositivo que produz um sujeito analista de discurso. Esse sujeito analista de discurso é aquilo que estaria entre a classe

dos seres vivos e a classe do dispositivo da análise de discurso. Esse sujeito analista de discurso é interpelado pela noção de que a ideologia e o inconsciente regem e produzem os sujeitos frente à luta de classes, da mesma forma que são efeitos do discurso. Assim, o sujeito analista de discurso age com uma determinada leitura dos chamados discursos e dos sujeitos de determinado espaço e forma, ao passo que, na ausência da análise de discurso esses discursos não poderiam ser noticiados.

Com isso, o sujeito analista de discurso é mediado e regido pelo dispositivo da análise de discurso, ao passo que, frente ao encontro com o seu trabalho, irá tecer e produzir uma determinada leitura sobre as relações de poder e de organização do discurso, ainda que não perceba que é efeito de um discurso também. Essa experiência de leitura é dada em decorrência de uma inscrição do sujeito na linguagem e no discurso, graças à análise de discurso. Com isso, mobiliza-se a ideia de que o que o sujeito analista de discurso faz é escrever, isto é, tanto no sentido semântico quanto analítico, sob efeito da análise de discurso.

O sujeito analista de discurso, regido pelo dispositivo, acaba por escrever sua dissertação, suas ideias, reflexões e análises a partir da análise de discurso justamente porque ele está inscrito nela. Assim, o sujeito analista de discurso é mediado a acabar por desenvolver o discurso da análise de discurso, frente a sua visão de mundo, atualização de vivências (conforme a SD2) e mobilização de fenômenos. Ao estar regido pela análise de discurso, este sujeito analista de discurso é um produto imaginário, não podendo compreender ou questionar o real do incompreensível, isto é, aquilo que a análise de discurso não consegue capturar ou compreender.

O que se pôde mobilizar a partir das entrevistas foram relatos sobre como a experiência e conhecimento com a análise de discurso permitiu que os entrevistados pudessem "compreender melhor" a trama dos discursos. Com isso, eles puderam entender como a ideologia e o inconsciente funcionam nos discursos, puderam reconhecer a mobilização de forças e luta de classes que se deflagravam e produziam um apagamento de determinados elementos em prol de outros justamente como uma decorrência da ação de determinados discursos e ideologias. Nessa perspectiva, mobiliza-se a ideia de que o dispositivo da análise de discurso na verdade produz este sujeito, que crê em uma determinada leitura e possibilidade de relações de poder frente à realidade.

Foucault (1976) propõe que um dispositivo é um aparelho que rege um conjunto de relações a partir da noção de poder de forma a produzir e organizar determinados discursos, organizações, lógicas, leis, enunciados, entre outros elementos. Assim, um dispositivo propõe determinada possibilidade de leitura de um conjunto de elementos e que como consequência produz sujeitos efeitos de tais entrelaçamentos de elementos.

Nesses termos, a análise de discurso acaba por excluir determinadas leituras em prol de outras, segue determinadas regras e leis sobre a produção e luta de classes em prol de outras possibilidades. O mesmo ocorre com o sujeito analista de discurso que, frente ao seu ato interpretativo – conforme Orlandi (2005) ressalta – seleciona, enfatiza, recorta determinados efeitos de sentido em preferência e seleção a outros em seu *corpus*. Assim, mediado pelo seu dispositivo, o sujeito analista de discurso não está livre, mas mediado pela análise de discurso.

SD14: antes a gente, e... eu trabalhava muito com foco diferente, não vendo o **sujeito como um todo**, né, e a partir dali, eu, eu... eu preciso olhar para o meu aluno e pensar nele como sujeito, como um todo e não fragmentado mais, né, e entender que essa linguagem deles está permeado por esse ambiente, por esse espaço, por... pelo próprio discurso dele, né, e que esse discurso, ele, ele se origina num determinado lugar, num determinado espaço e vai me dar características desse sujeito, né, vai... vai... compreender algumas questões que ele traz consigo, que de repente antes a gente não... não dava tanta importância, né. (E5, p. 4)

SD15: Entrevistador: ...você se pega em algum momento do teu dia, ou daqui a pouco alguma situação que você pensa, como que a análise de discurso te influenciou ou te influencia?

E5: A... com toda a certeza (risos). Com toda a certeza aí na, na, nas discussões no trabalho diário, lá na sala de aula com o aluno, no sentido de, de compreender esse aluno, né, e... esse dizer dele, esses... esses... os dizeres deles numa forma geral né, de essa construção do sujeito (silêncio).

Entrevistador: ...Uhum...

E5: **Com toda a certeza (risos). Quem passa pela análise do discurso não sai ileso (risos)** (E5, p. 2).

“Quem passa pela análise do discurso não sai ileso”. Seria possível esse sujeito analista de discurso algum dia conseguir sair da análise de discurso? Todo indivíduo é transpassado por diferentes discursos; há vários sujeitos em um mesmo indivíduo. Ele é perpassado por diferentes ideologias, movimentos do inconsciente e da linguagem, que o produzem e o regem de determinadas formas em determinados espaços. Assim, a análise de discurso inscreve no indivíduo uma determinada letra, de forma que este é marcado e é um sujeito da análise de discurso.

Assim, a análise de discurso como dispositivo acaba por mobilizar e produzir esse sujeito de modo a modificar sua forma de subjetivação frente ao mundo, do qual ele não poderá mais escapar após sua entrada. O modo de leitura deste sujeito analista de discurso frente ao seu mundo é recortado a partir da perspectiva teórica que o orienta. Isso leva o sujeito analista de discurso a estar impregnado dos efeitos de sentido que a análise de discurso produz: reconhecer o seu mundo como clivado, cindido, como efeitos de discurso e de produção de sentidos de forma constante – ainda que este sujeito acabe por não reconhecer as suas mobilizações quando está agindo pela ação do dispositivo da análise de discurso.

5.0 AINDA MAIS...

Neste último capítulo, são realizadas as considerações finais da pesquisa voltadas a pensar se os objetivos buscados neste trabalho foram alcançados ou não. Além disso, são tecidas as reflexões em torno dos resultados encontrados, bem como acerca dos pontos que podem ser aprofundados para futuras pesquisas e trabalhos.

Além disso, o objetivo deste capítulo é relatar como a experiência de realização deste trabalho impactou o pesquisador e que sentidos foram por ele encontrados ao longo da realização de um trabalho que consiste em justamente pensar sobre o fazer do analista de discurso, isto é, um trabalho em que o próprio pesquisador acabava realizando investigações sobre o papel da pesquisa e de si mesmo frente à análise de discurso. A experiência do pesquisador pode se tornar uma possibilidade de questionamento das mobilizações que a análise de discurso acaba por tocar no analista, fato que ressoa quando se pensa que na análise de discurso o gesto interpretativo e o ato do analista estão implicados diretamente em sua práxis.

Retomando a pergunta de pesquisa *como se dá a constituição do sujeito analista de discurso?*, acredita-se que seja possível, neste momento, respondê-la ao pensar as mobilizações de conceitos e efeitos de sentido realizados durante as entrevistas e no desenvolvimento da presente dissertação. Assim, a constituição do sujeito analista de discurso ocorre mediante uma produção da análise de discurso como dispositivo, ao passo que a análise de discurso, como dispositivo, produz o sujeito analista de discurso. Esse analista de discurso é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente, de forma que, de bom grado, a partir da interpassividade (ZIZEK, 2010), coloca-se submetido à análise

de discurso. A partir disso, o sujeito analista de discurso passa a mobilizar e a realizar uma leitura do seu meio a partir do discurso, de forma a reconhecer os elementos da ideologia e do inconsciente na realidade e nos discursos.

Essa constituição também ocorre mediante a inscrição do sujeito na análise de discurso, que é mobilizada de variadas formas durante o desenvolvimento e o seu estudo da análise de discurso, ao passo que esse estudo é influenciado pelas condições de produção de tal sujeito, no que tange a sua história de origem, seus estudos antes do seu contato com a análise de discurso e durante a sua dissertação de mestrado, bem como com o seu *corpus*. Por meio do seu ato interpretativo, o sujeito analista de discurso realiza recortes, leituras e ações frente aos discursos para reconhecer as relações entre a ideologia e os sujeitos em seus variados campos. Esse sujeito analista de discurso, assim como todo sujeito, é cindido, clivado, não reconhecendo o seu lugar e suas influências. Assim sendo, crê que ativamente escolheu a análise de discurso, quando, na verdade, é um efeito e produção dela.

Em relação a essa experiência, por mais que o sujeito analista de discurso esteja inserido em sua experiência de bom grado, ele não escapa de se encontrar com o real, seja nas experiências de angústia em que o sujeito analista de discurso encontra elementos de discurso que mobilizam as ideologias, seja em momentos em que ele afetivamente é tocado e encontra um certo desamparo nas experiências de lutas de classe, seja nas experiências em que ele se encontra como castrado quanto àquilo que lhe é impossível de movimentar ou perceber.

Além disso, o sujeito analista de discurso precisa se encontrar e se deparar inevitavelmente com a incapacidade de dominar os domínios de conhecimento da análise de discurso, visto que sempre haverá novos materiais, conhecimentos ou possibilidades de recortes de sua práxis, que poderão produzir novos efeitos de sentido. Isso vai ao encontro, inclusive, com algumas entrevistas, em que os entrevistados afirmaram que poderiam ter produzido muito mais materiais sobre suas pesquisas, contudo, em decorrência do tempo e da estrutura de uma dissertação, não poderiam desenvolvê-los.

Assim, em relação à análise de discurso, propõe-se neste texto que o sujeito analista de discurso passa por um processo de desidentificação com o seu discurso dominante. Essa experiência da desidentificação ocorre a partir da tomada de uma transformação-deslocamento do sujeito para uma nova formação discursiva a partir da inicialmente apresentada (PÊCHEUX, 1997). Com isso, o sujeito analista de discurso, ao

ser mobilizado pela análise de discurso, acaba por produzir uma nova forma de identificação com a análise de discurso, porque realiza suas leituras e visões de mundo a partir da ideia posta pela análise de discurso: de que os indivíduos são sujeitos da linguagem, cindidos, interpelados pela ideologia e pelo inconsciente.

Essa experiência ocorre também para o escritor desta dissertação. Durante o desenrolar da pesquisa, este se encontrou mobilizado de diferentes formas em relação à análise de discurso, quando reconhecia a necessidade de poder se autoavaliar frente a sua experiência. Ao realizar as cinco entrevistas, pode-se adicionar aqui o papel de mais uma (+1), isto é, o próprio pesquisador como um dos entrevistados. Foi decidido escrever aqui, nas considerações finais do trabalho, essa questão em decorrência de que a transformação ocorrida durante o mestrado sempre acabava por transmitir uma sensação de que, caso fosse escrito antes do encerramento do trabalho, acabaria por necessitar de uma atualização do material colocado. Afinal, quem é o sujeito analista de discurso também fala sobre quem é este pesquisador. Esse momento de escrita também explana um sentimento do pesquisador frente à orientação sábia de sua orientadora e dos membros da banca, da necessidade de uma reorganização do trabalho para uma explanação mais adequada dos conceitos, de forma que os conceitos pudessem ser mobilizados conforme o encontro das entrevistas com as teorias.

Salienta-se que a estrutura da pesquisa foi realizada principalmente como uma estrutura de conhecimento do pesquisador em relação à análise de discurso, e a mobilização dos conceitos foi realizada pensando-se numa projeção ou especulação do que o pesquisador encontraria durante a sua jornada. Assim, optou-se por deixar clivado (assim como o inconsciente) entre duas etapas: uma etapa teórica dos conceitos, e uma etapa de aplicação dos conceitos frente às entrevistas e aos relatos, sendo que, apesar da organização das perguntas, não se imaginava como se dariam as articulações com os conceitos, apesar de que se presumia que seriam mobilizados os conceitos fundadores para a análise de discurso: a linguística, o materialismo histórico e o inconsciente.

Com isso, pergunta-se: afinal, o que é um analista de discurso? Para além das possibilidades teóricas já apresentadas por Orlandi (2005) ou das noções e construções que Pêcheux definiu em seus textos, aposta-se que, assim como os entrevistados, a função do analista de discurso, como sujeito, é a de se permitir poder se encontrar e se deparar com o real nos discursos; é a possibilidade de formar a questão, investigar e a olhar; ver os discursos que são colocados, a partir do imaginário, como **inquestionáveis**.

Esses discursos que não teriam nada além do que já estaria posto; todavia, o analista de discurso coloca uma pergunta onde no discurso haveria uma certeza. Essa mobilização dos conceitos que o analista de discurso realiza é o que permite a interrogação dos discursos operados pela ideologia. Assim como Althusser (1996) propõe que a ideologia não teria uma história, é necessário coragem para que o sujeito analista de discurso possa interrogar e se deparar com o real inominável que se encontra nos discursos.

Esta experiência frente ao real foi algo que o próprio pesquisador se deparou na escrita do presente trabalho: deparar-se e até mesmo procrastinar frente à ideia de que se deveria ter mais tempo, como se este pudesse ser infinito, para se realizar uma análise mais profunda, com mais conceitos e ideias. Nesse sentido, é necessário que o sujeito analista de discurso também deva reconhecer os limites do seu dispositivo, ao passo que reconhecer que sempre haverá "AINDA MAIS" a ser investigado pela análise de discurso, é o que permite que a ela possa continuar.

O trabalho do analista de discurso também passa pelo ato interpretativo de reconhecer a si mesmo, no que tange ao seu desejo e à sua produção como sujeito, em determinados temas e de determinadas formas, ao passo que este sujeito analista de discurso não mobiliza e pensa em certos temas para a sua pesquisa, nem pensa e mobiliza certos conceitos durante o seu trabalho por coincidência ou acaso, e sim porque este analista é interpelado e produzido por determinadas ideologias, muito mais do que reconhece ou do que é possível perceber. Como experiência, reconhecer-se como sujeito não acaba por limitar a práxis do seu trabalho, mas sim potencializá-la.

Contudo, fica em aberto se questionar os limites e relações de poder e atrito da análise de discurso como dispositivo, para poder pensar também quais apagamentos, silenciamentos e esquecimentos como sujeitos analistas de discurso estão sendo realizados frente ao trabalho de analisar. É necessário questionar se a análise de discurso por si só poderia, inclusive, operar como uma ideologia frente à luta de classes.

Assim, como pesquisador e na tentativa permanente de fugir do sentimento de incompletude e de captura como sujeito, é necessário reconhecer os furos notadamente existentes numa pesquisa, que sempre acaba por produzir mais conceitos e efeitos. É importante se trabalhar com a tentativa de reconhecer os limites de uma pesquisa e que sempre haverá restos, furos, remanescentes do discurso que ficarão e permanecerão ocultos da análise. O fato é que trabalhar com a análise de discurso requer que se

reconheça os limites do trabalho com a análise de discurso, de forma que a linguagem acaba por sempre não conseguir recobrir partes do real.

Da mesma forma, é necessário questionar o dispositivo da análise de discurso como produtor de furos em sua própria elaboração. Estes furos são muitas vezes os pontos cegos ou as mobilizações a partir de outros dispositivos que, ao lerem de mais de uma forma um mesmo elemento, ou ainda serem capazes de produzir de forma infinita interpretações de significantes, discursos e falas, acaba por encontrar o seu próprio limite. O dispositivo da análise de discurso é, portanto, assim como o sujeito, também faltante em certa medida. Cabe aos pesquisadores dessa área questionar sobre os limites, possibilidades, sobre o que leva a não reconhecer os furos da análise de discurso. A resposta que aparece nestas linhas de fechamento é que reconhecer os furos da análise de discurso leva a reconhecer os próprios furos, e com isso, a castração frente à linguagem, o que é tarefa árdua, pois sempre estamos tentando recobri-la...

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, v. 5, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>. Acesso em: 19 jun. 2021.

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado (notas para uma investigação). *In*: ZIZEK, Slavoj (org). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan. Marx e Freud**: introdução crítica-histórica. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CAETANO, Marcelo Moraes. Contribuições de Saussure: precursores, paralelos, sucessos e desdobramentos. **Confluência**. Rio de Janeiro, n. 50 p. 155-179, 1 jan./jun., 2016. Disponível em <http://lp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/121/85>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CAETANO, R. Formações imaginárias presentes no discurso de pacientes em estados de psicoses. *In*: **IV Congresso Nacional de Linguística e filologia**, 2000. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_4.htm. Acesso em: 21 fev. 2019.

ERNST-PEREIRA, Aracy; MUTTI, Regina Maria Varini. O analista de discurso em formação: apontamentos à prática analítica. **Educação & Realidade**. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/18486>. Acesso em: 14 mar. 2019.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, Sigmund. **Sobre a concepção das afasias (1891)**. Obras Incompletas de Sigmund Freud. São Paulo: Autêntica, 2013.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica (1895)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 6. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides) (1911)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O inconsciente (1915)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego (1921)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 1976. Edições Graal: Rio de Janeiro: 1999.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas: Pontes, 2004.

GUIMARÃES, Frederico Sidney. **A análise do discurso e os significantes ideologia e inconsciente**. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/643/1067>. Acesso em: 14 mar. 2019.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

KUSHNIR, Camila. **A técnica psicanalítica e a subversão estabelecida por Jacques Lacan**. 2020. Curso. Instituto Espe: 2020.

LACAN, Jacques. **Escritos**. 1966. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu. *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

LACAN, Jacques. **Meu ensino**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **Seminar XXII: R. S. I.** 1975.

LEITE, Nina Virgínia de Araujo. **Só há causa daquilo que falha**. Seminários de estudo em análise do discurso. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/1SEAD/Paineis/NinaVirginiaDeAraujoLeite.pdf>. Acesso em: 05 de dez. 2019.

LUZ, M. N. **Linguística e ensino: o discurso de entremeio na formação de professores de língua portuguesa**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. O que pesquisam os analistas do discurso? **Revista Abralin**, v. 14, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547>. Acesso em: jul. 2020.

MARQUEZAN, Reinoldo. A constituição do *corpus* de pesquisa. **Revista Educação Especial**, v. 22, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/172>. Acesso em: fev. 2021.

NASIO, Juan-David. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NASIO, Juan-David. **Introdução à topologia de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NECKEL, Nádia. SUSSENBACH, Carla. Um percurso pela noção de dispositivo. **Interfaces**, vol. 10, n. 1. 2019.

OLIVEIRA, Álvaro. O caleidoscópio de Freud: o estruturalismo linguístico e suas relações com o inconsciente freudiano. **Reverso**. v. 39, n. 74, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200004 Acesso em: 10 jan. 2020.

OLIVEIRA, Pauliana Duarte. Michel Pêcheux como leitor de Saussure. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 40, p. 1541-1550, 2011. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v3_t30.red6.pdf. Acesso em: 10 jan. 2020.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pecheux** Editora da Unicamp: Campinas, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2012.

PECHEUX, Michel. **O mecanismo do (des)conhecimento ideológico**. *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

RAVANELLO, T.; DUNKER, C. I. L.; BEVIDAS, W. (2018). **Para uma Concepção Discursiva dos Afetos: Lacan e a Semiótica Tensiva**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(1), 172-185. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-37030004312016>. Acesso em: 14 mar. 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, Vladimir. **Introdução a Jacques Lacan**. São Paulo: Autêntica, 2017.

SANTOS, Ivanaldo Oliveira. Freud e a linguagem. **Língua**. v. 14, n.1, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/4537/3505>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral (1916)**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SHERER A. As inquietudes discursivas de um orientador. **Revista Letras**, n. 21, p. 11-19, 2002.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? *In*: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

APÊNDICE A – Roteiro semiestruturado para entrevistas com participantes do projeto.

As perguntas apresentadas a seguir serão utilizadas como roteiro ao projeto de pesquisa “O discurso de constituição do analista de discurso”, conforme anteriormente informado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelo pesquisador e pesquisa. As perguntas serão lidas em voz alta para o presente entrevistado, sendo que o mesmo pode responder livremente as mesmas, bem como, se preferir optar também por não as responder caso não se sinta confortável ou não saiba responder à pergunta. A entrevista será gravada de forma remota, sendo após isso transcritas e armazenadas no Laboratório Fronteiras: Laboratório de Estudos do Discurso, localizado no logradouro Rodovia SC 484 Km 02, Bloco B, Sala 404, Bairro Fronteira Sul, CEP 89815-899, em Chapecó, Santa Catarina. A qualquer momento da entrevista, tanto durante quanto após o seu término, caso acredite ser pertinente, sinta-se livre a comentar, sugerir ou questionar sobre o tema, as perguntas ou o sobre o projeto de pesquisa.

1. Conte como foi o seu encontro com a análise do discurso?
2. Como foi o seu percurso com a análise do discurso durante sua dissertação de mestrado?
3. Como você pensou e organizou o seu trabalho de dissertação com base na análise de discurso?
4. Hoje qual a percepção que você faz da análise de discurso?
5. Para você, o que define um analista de discurso?
6. O que definiria na sua visão um analista de discurso daquele que apenas utiliza o método como referência?
7. Você se define como um analista de discurso? Porque?

Agradeço seu interesse e voluntariedade em participar da pesquisa. Após o término da mesma, informo que estarei entrando em contato para agendarmos um momento para que seja possível realizar um retorno e apresentar os resultados, produções e reflexões realizadas pelo presente projeto.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Apresentado para os entrevistados.**Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****O discurso de constituição do analista de discurso.**

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“O discurso de constituição do analista de discurso.”**, desenvolvida por Alexandre Petry, discente do Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFS), Campus de Chapecó, sob orientação da Professora Angela Derlise Stube. O objetivo central do estudo é: investigar a constituição do analista de discurso através de sua dissertação de mestrado.

O convite a sua participação se deve ao fato de que: a) O entrevistado defendeu seu mestrado em 2019, em um programa de pós-graduação da região Sul do Brasil na área de Linguística, Ciência da Linguagem, Letras e/ou Literatura, sendo que o entrevistado pertenceu a uma linha de pesquisa que possui interesse na análise de discurso pecheutiana; b) O entrevistado mobilizou a análise de discurso pecheutiana como dispositivo teórico-analítico principal em sua pesquisa; c) O entrevistado teve adesão voluntária para participar da pesquisa. Sua participação é importante para que seja possível questionar e aprofundar as elaborações técnico-teóricas da análise de discurso hoje no Brasil e na região Sul.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste termo.

A sua participação consistirá em responder, por meio de uma entrevista online via web conferência utilizando como suporte o aplicativo ou programa de sua preferência, a um roteiro de perguntas semiestruturado ao pesquisador deste projeto. Além das perguntas que serão lidas de forma numeral, o entrevistador pode destacar ou perguntar outra dúvida durante a entrevista, cabendo, conforme interesse e conforto, que o pesquisado responda esta outra pergunta ou não. O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 60 minutos.

A entrevista será gravada para a transcrição das informações, sendo armazenado tanto a gravação quanto a transcrição no Fronteiras: Laboratório de Estudos do Discurso por um período de cinco anos.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

- [] Autorizo gravação e utilização dos dados para armazenamento e outras pesquisas.
[] Não autorizo gravação e utilização dos dados para armazenamento e outras pesquisas.

As entrevistas serão realizadas de forma online via web conferência, consistindo na gravação apenas dos arquivos de áudio das mesmas e postumamente sendo transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, possuindo acesso às mesmas somente o pesquisador e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

Os benefícios do presente do projeto de pesquisa e dissertação são os de aprofundar o material teórico-analítico da análise de discurso, ampliando as possibilidades de construção de materiais relacionados a tal dispositivo, permitindo um novo escopo de leituras da abordagem, e permitindo possíveis novos trajetos para as áreas da linguística no Brasil. Além disso, o participante poderá permitir fazer uma (re)leitura de sua experiência acadêmica, permitindo o mesmo ler novas fronteiras e caminhos para os seus trabalhos, refinando suas compreensões sobre a sua própria leitura e compreensão sobre a análise de discurso e de si mesmo.

As entrevistas serão realizadas de forma remota através da plataforma Webex, sendo gravado áudio e vídeo por meio de vídeo conferência, postumamente sendo transcritas e armazenadas no Laboratório Fronteiras: Laboratório de Estudos do Discurso, localizado no logradouro Rodovia SC 484 Km 02, Bloco B, Sala 404, Bairro Fronteira Sul, CEP 89815-899, em Chapecó, Santa Catarina.

Os riscos referentes a este trabalho consistem na possibilidade de que, conforme o decorrer da entrevista, surjam de forma espontânea e involuntária materiais sensíveis e pessoais da história dos entrevistados, considerando que o período da pós-graduação consiste muitas vezes de momentos de grande dedicação e de intenso investimento de tempo, interesse, expectativas e outras emoções e afetos. Por este motivo, as entrevistas serão agendadas previamente, sendo explanado tanto via e-mail quanto antes do início da entrevista os propósitos da mesma, sendo também esclarecido aos entrevistados que a entrevista pode ser interrompida, a qualquer momento, caso o entrevistado não esteja se sentindo confortável com os materiais apresentados, sendo explicado a possibilidade de dar continuidade em outro momento, ou ainda, se o entrevistado preferir, o mesmo pode exigir a redução, interrupção ou a exclusão da sua participação da pesquisa. O entrevistado também pode-se recusar a responder qualquer das perguntas mencionadas, sendo que os mesmos não serão forçados de forma alguma a responderem as perguntas. As perguntas tem o propósito de serem elaboradas de forma clara e de fácil compreensão, não tendo em sua estrutura caráter de intimidação, invasão da privacidade, vergonha ou preconceitos. Além disso, considerando que o pesquisador possui sólida experiência na área de psicologia clínica, caso o pesquisador reconheça que, alguma das perguntas esteja causando desconforto ou problemáticas para o entrevistado, o pesquisador pode também buscar a interrupção ou exclusão da entrevista com o entrevistado. Destaca-se também que, mesmo após a realização da entrevista, a qualquer momento da elaboração da pesquisa o entrevistado pode exigir a exclusão de sua participação da pesquisa.

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais. Após o resultado de aprovação ou reprovação da dissertação, será agendado um encontro de forma remota com o entrevistado, para devolutiva referente a entrevista, contendo os resultados encontrados na elaboração e finalização da

dissertação de mestrado, bem como os resultados encontrados tanto da participação da pesquisa quanto do material produzido como um todo referente a mesma.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos sua participação!

Chapecó, ___ de _____ de 20__

Alexandre Petry

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: (49) 98823-5426

E-mail: alexandre.petry@unoesc.edu.br

Endereço para correspondência: Avenida São Pedro, 655D, AP 102, CEP 89805-507 – Chapecó – Santa Catarina – Brasil

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante:

Assinatura:
